

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

JOSÉ BENEDITO CAPARROS JUNIOR

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA
EDUCAÇÃO SUPERIOR: ESTUDO DE APLICAÇÃO PRÁTICA À LUZ
DO CÍRCULO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE KNIGHT DE 1994**

CURITIBA

2020

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

JOSÉ BENEDITO CAPARROS JUNIOR

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: ESTUDO DE APLICAÇÃO PRÁTICA À LUZ DO CÍRCULO DE
INTERNACIONALIZAÇÃO DE KNIGHT DE 1994**

CURITIBA

2020

JOSÉ BENEDITO CAPARROS JUNIOR

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: ESTUDO DE APLICAÇÃO PRÁTICA À LUZ DO CÍRCULO DE
INTERNACIONALIZAÇÃO DE KNIGHT DE 1994**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dra. Sueli Pereira Donato

CURITIBA

2020

C236i Caparros Júnior, José Benedito

Institucionalização da internacionalização da educação superior: estudo de aplicação prática à luz do círculo de internacionalização de Knight de 1994 / José Benedito Caparros Júnior. – Curitiba, 2020.

129 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Pereira Donato
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias - CRB-9/547

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 015/2020

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

No dia 13 de abril de 2020, às 14h30, reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores Sueli Pereira Donato (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Maria Elisabeth Blank Miguel (Integrante Externo-PUC/PR), Nelson Pereira Castanheira (Integrante Interno Institucional/UNINTER), Joana Paulin Romanowski (Integrante Interno Titular-PPGENT/UNINTER), Rodrigo Otávio dos Santos (Integrante Interno Suplente-PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: "INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ESTUDO DE APLICAÇÃO PRÁTICA À LUZ DO CÍRCULO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE KNIGHT DE 1994", do mestrando José Benedito Caparros Junior. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida ao mestrando, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que o mestrando foi:

(X) APROVADO, devendo o candidato entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.

() APROVADO somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.

() REPROVADO.

O Presidente da Banca Examinadora declarou que o candidato foi aprovado e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: A dissertação apresentada destaca-se devido o ineditismo por haver poucas pesquisas com esse assunto. A banca considera que o trabalho atende todos os requisitos desse nível de pesquisa com rigor, indica para continuação em projeto doutoral e a publicação de artigos em periódicos da área.



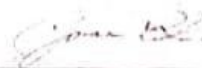
Sueli Pereira Donato
Presidente da Banca



Maria Elisabeth Blank Miguel
Integrante Externo



Nelson Pereira Castanheira
Integrante Interno Institucional



Joana Paulin Romanowski
Integrante Interno Titular



Rodrigo Otávio dos Santos
Integrante Interno Suplente



José Benedito Caparros Junior
Mestrando

Dedico esse trabalho à minha família: à minha mãe, Maria da Penha Lima Caparros, ao meu pai, José Benedito Caparros, à minha irmã mais velha, Luciene Lima Caparros, à minha irmã do meio, Simonie Lima Caparros, ao meu sobrinho mais velho, Rafael Augusto Caparros Gelenski, à minha sobrinha mais nova, Clara Caparros Fibianni e ao meu cunhado-irmão, Ariel Alejandro Fibianni. Esse é o meu núcleo familiar, a fonte daquilo que sou. Os meus sonhos e os meus medos, as minhas vitórias e as minhas quedas, enfim, toda a minha base tem origem nesse núcleo: minha amada e respeitada família.

Às minhas tias, aos meus tios, às minhas primas e aos meus primos, em especial à José Francisco Maia Lima, Miriam Lúcia Caparros, Lucas Henrique Lima, Raimunda Maia Lima e Reginaldo Maia Lima. Tenho certeza de que vocês estão bem e que cuidam de todos nós, todos os dias, em todos os instantes.

E ao Leandro Marques Melquiades, que possui um lugar singular em minha vida. Obrigado pela paciência e compaixão, você foi parte fundamental, direta e diária para eu concluir essa etapa de vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Dra. Sueli Pereira Donato, que me estendeu a mão e me compreendeu quando mais precisei. Também agradeço imensamente à professora Dra. Joana Paulin Romanowski, que também me estendeu a mão quando eu menos esperava. Na mesma proporção, agradeço à professora Dra. Maria Elisabeth Blanck Miguel e ao professor Dr. João Augusto Mattar Neto, que me ajudaram a entender mais profundamente o significado da pesquisa acadêmica.

Eternamente grato ao professor Dr. Nelson Pereira Castanheira, que diariamente me ensina a ser um profissional e pessoa cada vez melhor, em constante evolução.

Agora, ao remontar o início da minha jornada acadêmica, agradeço ao professor Dr. Rodrigo Otávio dos Santos por ter me ajudado com o meu primeiro projeto para ingressar neste Programa de Pós-Graduação. **Agradeço** também ao professor Dr. Mario Sergio Cunha Alencastro e à professora Me. Joice Martins Diaz, que me concederam a oportunidade de ingressar na vida acadêmica enquanto profissional.

Gratidão, admiração e respeito pelos professores que me incentivaram nos estudos e no trabalho, que me ensinaram a ser aluno e professor. As senhoras e os senhores são parte do que escolhi me tornar, obrigado por tudo: Reitor, professor Dr. Benhur Etelberto Gaio; Decano, professor Dr. Alvino Moser; Pró-Reitora Acadêmica, professora Me. Denize Carneiro de Campos; professor Dr. Luis Moretto Neto; professor Dr. Neri dos Santos; professor Dr. João Francisco Salm; professor Dr. Mario Sergio Cunha Alencastro; professora Esp. Caroline Vieira de Macedo Brasil; e professor Me. Ricieri Garbelini.

Também agradeço ao Sidney do Carmo Ferreira de Lara e à professora Dra. Thereza Cristina de Souza Lima. Vocês estiveram comigo do começo ao fim dessa etapa e, além disso, me oportunizaram a prática, ensinaram-me o dia a dia do ofício e abriram meus olhos para a realidade da Internacionalização da Educação Superior, pela qual me apaixonei.

Por fim, agradeço ao Centro Universitário Internacional UNINTER, instituição composta por seres humanos excepcionais. Aqui sou feliz e passo a maior parte dos meus dias. Hoje esse é o meu lócus, que é onde ensino, aprendo e vivo.

“On ne voit bien qu'avec le coeur. L'essentials est
invisible pour les yeux”
Antoine de Saint-Exupéry (1943).

RESUMO

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias – PPGENT do Centro Universitário Internacional UNINTER, sob a linha de pesquisa Formação Docente e Novas Tecnologias, tem como tema Internacionalização da Educação Superior (ES). Elege-se como objetivo geral analisar os elementos que constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de implementação da internacionalização da ES em uma instituição de ensino superior (IES) privada, situada na região sul do país, que se encontra em fase inicial de internacionalização. Como objetivos específicos, têm-se: caracterizar conceitos e modelos de implementação pertinentes à internacionalização da ES disponíveis na literatura nacional e internacional contemporânea; averiguar o contexto e o modo como o processo de institucionalização da internacionalização da ES são concebidos e conduzidos na IES pesquisada; propor a entrega de um produto, que nesta pesquisa compreende a um modelo de internacionalização adaptado para nortear os processos de implementação da internacionalização da ES em IES. Justifica-se a investigação devido ao fato de que pesquisas sobre essa temática vêm crescendo em números de publicações, são relevantes e formam um profícuo campo para os pesquisadores interessados nesse tema. A opção metodológica respalda-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), do tipo exploratória (MEDEIROS; TOMASI, 2015) e aplicada (FLEURY; WERLANG, 2017), cuja coleta de dados ocorreu por meio de pesquisas bibliográfica, documental e empírica a partir de entrevistas semiestruturadas. A descrição e análise de dados ocorreram por meio da aplicação da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), utilizando categorias de análise estabelecidas a priori. Para alcançar os objetivos propostos, a presente investigação, tem como núcleo conceitual os estudos da pesquisadora Jane Knight (1993, 1994, 1994, 1999, 2002, 2003, 2004, 2005, 2010, 2012, 2013, 2017, e 2018); porém, não somente. Destacam-se também alguns autores nacionais que contribuíram para a fundamentação deste estudo: Borges et al (2018), Cunha (2016), Gasici (2016), Lisboa (2018), Laus (2012), Maués e Bastos (2017), Miura (2006, 2009), Morosini (2017, 2018), Santos e Almeida Filho (2012), Stallivieri (2002, 2004, 2007, 2015 e 2017), e Zanchet et al (2016). No que tange a outros autores estrangeiros, é de valia mencionar as seguintes contribuições: Altbach (2004), Altbach e Knight (2007) De Wit (1997 e 2001). Os resultados alcançados apontam que os lócus da pesquisa implementam a internacionalização de forma particular e com pouca interferência da teoria adotada nesse estudo. Além disso, pode-se inferir que a internacionalização se constitui grande reator da formação docente, principalmente favorecer e viabilizar a cidadania global. Todavia, salienta-se a necessidade de uma implementação de processos bem delineados que anteceda a esse tema e, quando implantada, pode servir de subsídio para qualificar, cada vez mais, a formação docente ao encontro da cidadania global. A partir disso, originou-se o produto desta dissertação, que se trata de um modelo adaptado de internacionalização. O objetivo deste produto é servir como base norteadora para os processos de internacionalização institucional, com foco na promoção da formação voltada para a cidadania global.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior; Processo de internacionalização da Educação Superior; Modelo de internacionalização; Cidadania Global; Formação de Professores.

ABSTRACT

The present research, linked to the Graduate Program in Education and New Technologies - PPGENT of the International University Center UNINTER, under the research line entitled Teacher Training and New Technologies, sought to investigate theoretical demarcations related to the internationalization of Higher Education. More specifically, the general objective of this investigation is to analyze the elements that constitute and/or substantiate the understanding and the implementation process of ES internationalization in a private Higher Education institution, located in the southern region of the country, which is in the initial phase of internationalization. The specific objectives are: to characterize concepts and models of implementation concerning the internationalization of superior education, which are available in contemporary national and international literature; to investigate the context and the way in which the process of institutionalization of the internationalization of ES is conceived and conducted in the researched institution; to propose the delivery of a product, an internationalization model adapted to guide the processes of implementation of the internationalization of superior education in superior education institutions. The research is justified due to the fact that pieces of research on this subject have been growing in numbers of publications, is relevant and forms a fruitful field for researchers who may be interested in this theme. In relation to methodology, it is a qualitative approach research, of exploratory and applied type, whose data collection occurred through bibliographical, documental and empirical research. The description and analysis of data occurred through the application of the content analysis technique proposed by Bardin (2011), using analysis categories established *a priori*. In order to achieve the proposed objectives, this research has, as its conceptual core, the researcher Knight (1994, 1999, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008, 2010, 2012, 2013, 2014 and 2017); however, not only her. Other Brazilian authors who contributed to the rationale of this study are: Borges et al (2018), Cunha (2016), Gasici (2016), Lisboa (2018), Laus (2012), Maués e Bastos (2017), Miura (2006, 2009), Morosini (2006, 2019), Santos e Almeida Filho (2012), Stallivieri (2002, 2007, 2009, 2017), and Zanchet et al (2016). As far as other foreign authors are concerned, the following contributions should be mentioned: Altbach (2007, 2015), Altbach and Knight (2011) and De Wit (1997, 2001, 2002). The results achieved indicate that the internationalization of Higher Education and its related topics should be revisited regularly, especially due to the lack of publications on this subject, which may mean that new findings and new conclusions may emerge at any time. In addition, internationalization can also be a great reactor of teacher education, especially through the promotion of global citizenship. However, the need for the implementation of well-designed processes preceding this theme is stressed and, when implemented, it can serve as a subsidy for teacher training aiming at global citizenship. From this, the product of this dissertation originated, which is an adapted model of internationalization. The purpose of this product is to serve as a guiding basis for the processes of institutional internationalization, with a focus on promoting training aimed at global citizenship.

Key words: Internationalization of Superior Education; Process of Internationalization of Superior Education; Global citizenship; Teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os passos da análise de conteúdo de BARDIN (2011)	37
Figura 2 - As etapas da pesquisa.....	40
Figura 3 - Círculo de Internacionalização de Knight de 1994	76
Figura 4 – Modelo de internacionalização adaptado do círculo de internacionalização de Knight (1994).....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação de conceitos entre as Organizações Internacionais (OIs)..	48
Quadro 2 - Conceitos abordados acerca da internacionalização da ES	57
Quadro 3 - Programas de mobilidade externa financiados pelo Governo Brasileiro, entre 1997 e 2017	61
Quadro 4 - Razões emergentes para a internacionalização institucional apontadas por Miura (2006).....	70
Quadro 5 - Estratégias de programas e estratégias organizacionais	71
Quadro 6 - Riscos inerentes ao processo de internacionalização	73
Quadro 7 - Condensação teórica dos principais modelos de internacionalização.....	75
Quadro 8 - Descritivo das etapas e fases do círculo de Knight de 1994	77
Quadro 9 - Relação dos sujeitos da pesquisa e suas siglas	78
Quadro 10 - Representação da análise de conteúdo dos discursos	79
Quadro 11 - Estratégias norteadoras para o planejamento organizacional.....	106
Quadro 12 - Estratégias norteadoras para o planejamento acadêmico	106

LISTAS DE SIGLAS

BM	Banco Mundial
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CF	Constituição Federal
CI	Cenário Internacional
CMES	Conferência Mundial sobre Ensino Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EIE	Escritório Internacional de Educação
ES	Educação Superior
GATS	<i>General Agreement on Trade in Services</i>
IES	Instituição de Ensino Superior
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCTIC	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MEC	Ministério da Educação
NTIC	Novas Tecnologia de Informação e Comunicação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OI	Organização Internacional
OMC	Organização Mundial do Comércio
PDI	Projeto de Desenvolvimento Institucional
PDRAE	Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado
PNE	Plano Nacional de Educação
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
PPGENTE	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> Profissional em Educação e Novas tecnologias
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.1 A CLASSIFICAÇÃO, A NATUREZA E A ABORDAGEM DA PESQUISA	29
2.2 O LÓCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA	31
2.3 A COLETA DE DADOS	32
2.4 O PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO	36
2.5 AS ETAPAS DA PESQUISA	39
3 DEMARCAÇÕES TEÓRICAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO SÉCULO XXI	42
3.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FACE À GLOBALIZAÇÃO.....	43
3.1.1 A internacionalização da ES em face às organizações internacionais	46
3.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONCEITOS E REFLEXÕES.....	50
3.3 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CONTEXTO BRASILEIRO: BASES LEGAIS E A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	58
3.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FACE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A CIDADANIA GLOBAL.....	62
4 DEMARCAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO EM NÍVEL INSTITUCIONAL	67
4.1 DIMENSÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO.....	67
4.2 RAZÕES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO	69
4.3 ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO	71
4.4 RISCOS INERENTES À INTERNACIONALIZAÇÃO	73
4.5 MODELOS DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO	74
4.5.1 O círculo de internacionalização de Knight (1994)	76
5 PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	78
5.1 CONCEITO: O ENTENDIMENTO ACERCA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA IES.....	79

5.2 CONSCIENTIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA E BENEFÍCIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO PARA ESTUDANTES, FUNCIONÁRIOS, PROFESSORES E PARA IES	83
5.3 PLANEJAMENTO: O DESENVOLVIMENTO DE UM PLANO OU ESTRATÉGIA ABRANGENTE PARA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES.....	87
5.4 OPERACIONALIZAÇÃO: A IMPLEMENTAÇÃO DE DIFERENTES ASPECTOS DE UMA ESTRATÉGIA E CRIAÇÃO DE UMA CULTURA DE APOIO NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES.....	90
5.5 RISCOS: AS AMEAÇAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA IES	92
5.6 RECOMPENSAS: O RECONHECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS	93
5.7 RECURSOS TECNOLÓGICOS: A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS EM PROL DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES.....	95
6 PRODUTO DESTA DISSERTAÇÃO: MODELO ADAPTADO DE INTERNACIONALIZAÇÃO.....	97
6.1 CONCEITO	103
6.2. CONSCIÊNCIA	103
6.3 PLANEJAMENTO ORGANIZACIONAL.....	105
6.4 PLANEJAMENTO ACADÊMICO.....	106
6.5 MAPEAMENTO DE RISCOS	107
6.6 RECOMPENSAS E REFORÇOS.....	109
6.7 RECURSOS TECNOLÓGICOS	109
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAIS.....	118
APÊNDICE.....	127
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	127

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias – PPGENT, do Centro Universitário Internacional UNINTER, sob a linha de pesquisa Formação Docente e Novas Tecnologias, buscou averiguar algumas demarcações teóricas pertinentes à internacionalização da Educação Superior (ES). Mais especificamente, averiguou como essa temática é compreendida e implementada em uma determinada instituição de ensino superior (IES) privada, localizada na região sul do Brasil. Trata-se de uma **pesquisa de abordagem qualitativa**, do tipo **exploratória e aplicada**, cuja **coleta de dados** ocorreu por meio de pesquisas bibliográfica, documental e empírica. A **descrição e análise de dados** ocorreram por meio da aplicação da técnica de **análise de conteúdo** proposta por Bardin (2011), utilizando **categorias** de análise estabelecidas *a priori*.

Embora não seja a pergunta central desta pesquisa, se faz necessário começar a delimitação do tema a partir da seguinte pergunta: A internacionalização da Educação Superior (ES) é um fenômeno recente ou um modismo? É necessário responder a essa pergunta para que esse tema não seja iniciado de modo que não haja uma má compreensão do que vem a ser a Internacionalização da ES efetivamente. Para respondê-la, importantes pesquisas brasileiras sobre a temática foram levantadas e estudadas. Ao debruçar-se sobre essas publicações, pode-se verificar que muitos pesquisadores concordam que a internacionalização da ES não é um fenômeno recente ou apenas um reflexo da globalização contemporânea (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012; STALLVIERI, 2017; MIURA, 2009; PEREIRA; PASSOS, 2015; MAUÉS, BASTOS, 2017).

Em explicação, Santos e Almeida Filho (2012, p. 146) afirmam que a internacionalização da ES “não é criação do século XX, nem uma invenção das atuais estruturas políticas da Europa”. Em consonância com esse pensamento, Miura (2009, p. 1) defende que “a origem das Universidades tem forte influência internacional devido à presença de professores provenientes de várias partes do mundo, recrutados para iniciar as primeiras atividades de ensino e pesquisa”. Neste mesmo sentido, Stallivieri (2017, p. 92) remonta à Idade Antiga para elucidar que há registros de que a internacionalização da ES “iniciou-se antes de Cristo, quando os jovens da sociedade romana iam à Grécia aprofundar seus estudos em áreas como filosofia, letras, literatura e artes”.

Logo, verifica-se que a internacionalização da ES não é um fenômeno recente e nem um modismo passageiro. Por conta disso, salienta-se que revisitar o passado da Educação, mesmo que de modo conciso e pontual, é importante para que os achados sirvam de “justificativas para o presente e de guia para a construção do futuro” (SAVIANI, LOMBARDI; SANFELICE, 2000, p. 91). Na tentativa de realizar uma síntese, pode-se dizer que “desde a criação das universidades a característica de ser universal já estava presente. Afinal, estamos tratando [...] da universalidade do conhecimento, da universidade considerada como um refúgio da atividade intelectual” (STALLIVIERI, 2015, p. 9). Diante de sua longa história, verifica-se que trazer esse tema para a atualidade, contextualizá-lo, não é tarefa fácil.

Conforme ensina Knight (1994, p. 5), “a internacionalização está mudando o mundo da Educação Superior, ao passo que a globalização está mudando o mundo da internacionalização”. Por mais que essa seja uma citação curta, nela há uma grande concentração de informações, significados e sentidos. Os sentidos, significados e funções da internacionalização da ES foram alterados com o passar dos anos, sempre atendendo a alguma demanda de uma determinada conjuntura (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012). Desse modo, para compreendê-la de forma mais assertiva, a internacionalização deve ser estudada a partir de algum contexto (AKKARI, 2011). É por essa razão que se afirma que a globalização está tecendo uma nova concepção para a internacionalização da ES e, concomitantemente, possibilitando a adoção de processos inovadores¹ em sua implementação dentro das IES (UNESCO, 2015).

A relação entre internacionalização da ES e globalização é tão íntima que é possível afirmar que são “conceitos imbricados” (MOROSINI, 2019). Diante disso, entender a concepção de internacionalização da ES, nesse contexto, é algo imprescindível para as IES (ZANCHET *et al*, 2016), e que também pode ser uma oportunidade para alcançar níveis mais altos de qualidade em Educação (STALLIVIERI, 2017; MOROSINI, 2019). O fenômeno da internacionalização da ES está se instalando em diversos países, no caso do Brasil “os processos de democratização da educação superior têm constituído a agenda nacional e provocado

¹Para a UNESCO (2015, p. 29), processos inovadores pode ser entendidos como “um ambiente misto de aprendizagem, com atividades online e offline, de forma que a aprendizagem não esteja confinada à tela do computador e que existam oportunidades para aprendizagem colaborativa e experiências práticas”.

políticas que procuram avançar nesse sentido” (CUNHA, 2016, p. 23). Muitas são as formas de abordar a expansão da ES no Brasil e a concepção de qualidade na ES (CUNHA, 2016). Contudo, sob alguns pontos de vista, a internacionalização pode ser “o gatilho para a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa que, unidos, criam as condições para o desenvolvimento dos países e o incremento da qualidade de vida das populações” (STALLIVIERI, 2002, p. 4). Mas para isso, precisa-se reconhecer que a internacionalização da ES “não é um fim *per se*², mas um meio de alcançar objetivos acadêmicos, científicos, econômicos, tecnológicos ou culturais” (KNIGHT, 2004, p. 27). Mas, para que isso ocorra, as IES devem possuir conhecimento acerca desse tema e, posteriormente, traçar estratégias e elaborar planos de implementação e condução dos processos de internacionalização, pois, caso contrário, se arriscariam em um universo complexo e de múltiplos sentidos (LISBOA, 2018; STALLIVIERI, 2017). Ao que tudo indica, a internacionalização da ES é “um caminho sem volta” (FAORO; DAL-SOTO; FERREIRA, 2015, p. 200).

Diante disso, para este estudo buscou-se compreender e se aproximar desse objeto de estudo por meio de seus nexos e relações com a globalização e com o Brasil no contexto do século XXI. Especificamente, compreender o modo como ela é comumente expressada na literatura e, conseqüentemente, como ela pode ser implementada em IES.

Respondida à pergunta inicial, a presente pesquisa partiu em buscas de demarcações teóricas que elucidem, justifiquem e contextualizem a internacionalização da ES no século XXI, não como fenômeno simples e passageiro, mas como um movimento, um processo e uma dimensão da ES.

A **justificativa** para a realização desta pesquisa ocorre devido a duas razões principais. A primeira refere-se ao interesse pessoal do pesquisador, enquanto a segunda refere-se à relevância do tema, seja para fins acadêmicos, seja para fins operacionais de IES principiante na implementação da internacionalização da ES.

No que se refere à **motivação pessoal** do pesquisador, que tem como origem a sua formação superior inicial, bacharelado em Relações Internacionais, e as suas inquietações e reflexões tecidas na condição de mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Profissional em Educação e Novas tecnologias – PPGENT,

²De acordo com o Dicionário Priberam (2020), “per se” significa: por si; independentemente dos outros ou do resto

do Centro Universitário Internacional UNINTER. As inquietações e reflexões emergem da complexidade que abarca o processo de formação de professores em face das exigências da sociedade contemporânea, a qual está cada vez mais globalizada e tecnológica e que, por sua vez, exige um perfil de profissional “capaz de se adaptar às mudanças e conseguir gerar resultados por meio da diversidade imposta por um mundo dominado pelo diferente” (BARROS NETO, 2018, p. 189). Afinal de contas, internacionalizar-se não parece ser mais uma opção para distintas IES (MOROSINI; CORTE, 2018) e isso, conseqüentemente, afeta a formação docente e discente no seio acadêmico. Embasa-se essa última asserção a partir das seguintes contribuições de Morosini e Corte (2018, p. 116), que afirmam que a “[...] internacionalização da educação superior não constitui opção para as universidades. [...] emerge no contexto da sociedade globalizada [...] que requer envolvimento e compreensão acerca dos múltiplos fatores [...]”.

A união entre esses dois campos do saber, Relações Internacionais e Educação, bem como pela preferência pessoal e profissional do pesquisador pela zona de interseção entre ambos os conhecimentos e pelo meio profissional e acadêmico que o cerca, resultou no estudo e na pesquisa sobre a internacionalização da ES e seu processo de implementação em IES.

Já no que se refere à **relevância do tema**, Borges et al (2018, p. 14) afirmam que a internacionalização da ES é “um tema emergente e com várias discussões e debates ainda não consolidados ou em aberto”. Dentre os Estados que compõem o cenário internacional, “na América Latina ainda se evidencia certa incipiência de estudos referentes à internacionalização na educação superior” (SILVA; MARI, 2017, p. 40). Já no Brasil, pode-se afirmar que há uma “pífia quantidade de obras publicadas no país sobre o tema”. (STALLIVIERI, 2015, p. 09). Como consequência dessas constatações, percebe-se que no Brasil “refletir e escrever sobre Internacionalização na Educação Superior [...] imbui-se de uma fundamental relevância [...], especialmente [...] no cenário da educação superior do Brasil” (STALLIVIERI, 2015, p. 09). Contudo, não se deve confundir poucas pesquisas e pesquisas incipientes com pesquisas em decesso. Pelo contrário, “a internacionalização da educação superior tem se tornado cada vez mais um tema em discussão nos fóruns internacionais, principalmente nos últimos anos no Brasil” (BORGES *et al.*, 2018, p. 1). Verificou-se que essa temática de pesquisa teve seu auge em números de publicações entre os anos de 2015 e 2016, segundo uma revisão sistemática acerca do assunto publicada

em 2018 (BORGES et al, 2018). Esses dados podem demonstrar que essa temática está despertando cada vez mais interesse nos pesquisadores brasileiros. Além disso, os dados obtidos por Borges et al (2018, p. 14) também indicam que “do ponto de vista científico pode ser considerada um campo fértil e que possui necessidade de pesquisas empíricas a fim de investigar questões latentes ao tema”. Sendo assim, pesquisas sobre essa temática vem crescendo em números de publicações, são relevantes e um profícuo campo para os pesquisadores interessados nesse tema.

Diante da exposição do objeto de estudo e da justificativa da pesquisa, é possível verificar que tais razões emergem de um **contexto social**. Em outras palavras, cabe introduzir algumas contribuições teóricas coletadas que possibilitam um melhor delineamento introdutório acerca da conjuntura da qual a internacionalização da ES (re)emerge no Brasil do século XXI.

No que se refere à globalização, alguns autores partem da premissa que a globalização é responsável pela mercantilização da ES. Neste sentido, Carvalho (2013, p. 764) alega que “a transformação do setor educacional em objeto de interesse do grande capital é uma das consequências da globalização”. A autora vai além e afirma que frente às repercussões da alta concorrência mercantil do mundo contemporâneo globalizado, o intuito de algumas instituições de ensino superior é “baratear para obter ganho em escala, sendo que o consumidor fica seduzido pelo preço a despeito da qualidade do serviço ofertado” (CARVALHO, 2013, p. 766). Mas, dentre os pesquisadores que investigam a íntima relação existente entre internacionalização da ES e globalização, esse não é um posicionamento unânime. Amal e Borges (2015, p. 69) também afirmam que a globalização molda tanto corporações quanto Instituições de Ensino Superior e seus respectivos programas políticos-pedagógicos, mas, inversamente, defendem que “diversas IES já incluem em seus programas metodologias e atividades que melhor preparam os seus alunos para atuarem globalmente. Isso demonstra que “Internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de desenvolvimento” (MOROSINI, 2016, p. 115).

Em continuação, Maués e Bastos (2017) debatem que os anos 1990 foram marcados por alterações políticas, econômicas e sociais que fizeram esse período ser caracterizado por uma época da expansão do ES no Brasil. Isto é, nesse período começam a surgir inúmeras instituições de ensino superior privadas e, a partir disso, um aumento vertiginoso de matrículas (MAUÉS; BASTOS, 2017). Contudo, esses

pesquisadores, alertam para o fato de que a internacionalização da ES não deve estar à mercê de atividades, instituições e políticas que mercantilizem a ES e que para evitar esse *mal* se faz necessário que “se tenha clareza do que ela é e de que maneira se faz presente no cotidiano das instituições de educação superior [...]” (MAUÉS; BASTOS, 2017, p. 334).

Já na visão de Morosini (2019, p. 11), a “expansão veio acompanhada da diversificação da educação superior, que por muitos séculos, desde o período feudal, se mantinha quase que imexível, atendendo a poucos, com rígidos padrões de ensino”. Ainda de acordo com a pesquisadora, a expansão da educação superior exigiu a transformação e a flexibilização da ES, período em que começam a ser “criados diversos tipos de instituições, diversos cursos, centrados na aprendizagem e em metodologias ativas, novos perfis de estudantes, avaliados por competências de formação” (MOROSINI, 2019, p. 12). Não somente, a autora defende também que a internacionalização é um fenômeno que foi permitido por essa flexibilização (MOROSINI, 2019).

No que concerne especificamente à relevância da internacionalização para as IES, Knight (1999, p. 22) defende que ela está “longe de ser uma ação marginal, a internacionalização corresponde à missão primordial da instituição”, mas que ela é um meio que possibilita a melhoria da qualidade³ do ensino ao passo que acrescenta valor à ES (MAUÉS; BASTOS, p. 2017 *apud* KNIGHT, 1999, p. 22).

Neste mesmo sentido otimista, Santos e Almeida Filho (2012, p. 57), afirmam que “no século XXI uma característica universitária desde a Idade Média, afirmando a internacionalização [...] como evolução específica que está a ponto de se transformar [...] na *quarta missão*⁴ da universidade”. Ainda de acordo com esses pesquisadores, o (re)configurar da internacionalização e os esforços que podem ser feitos para que esse processo não esteja apenas a serviço do capital e que “somente nos tem dado motivos de otimismo, realista e esperançoso, no seu futuro, e no da sua quarta missão” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 228).

³ Para Cunha (2016, 17), a “literatura tem apontado que o conceito de qualidade não nos remete a um constructo universal, mas são propriedades que se encontram nos seres, nas ações ou nos objetos. No caso da universidade, alguns autores, que parte de diferentes posições políticas e filosóficas, acenam para perspectiva de diferentes posições políticas, acenam para perspectivas distintas do sentido de qualidade da educação superior”. Diante dessa pluralidade de sentidos e devido ao objetivo deste estudo não englobar as possíveis definições e reflexões acerca da qualidade, esse tema não será esgotado nesta dissertação.

⁴ Para Santos e Almeida Filho (2012), as outras três missões são: ensino, pesquisa e extensão.

Neste sentido, faz-se necessário entender o papel das IES no que tange à formação de discentes e, em especial para esta pesquisa, a formação de docentes. Os desafios impostos pela globalização, com vista à formação de sujeitos mais participantes e atuantes em suas sociedades, devem ser pautados em uma educação com vista à cidadania global. Em outras palavras, o século XXI exige mais do que profissionais com altas competências cognitivas e habilidades técnicas. A sociedade atual, necessita de profissionais capazes de pensarem acerca dos problemas globais e, a partir disso, propor soluções para problemas como desigualdade entre os povos e a degradação ambiental. Neste sentido, a internacionalização da ES é um dos meios de excelência para subsidiar esse tipo de educação. Mas para que isso ocorra de fato, as IES de ensino superior precisam estar preparadas para a internacionalização da ES, tanto em suas funções administrativas quanto em suas funções e atividades acadêmicas. As tecnologias, inclusive, emergem nesse contexto para facilitar as trocas internacionais entre diferentes IES.

Posterior a esses esclarecimentos introdutórios acerca do contexto social, faz-se também necessário realizar alguns apontamentos acerca do **contexto institucional** no que se refere à internacionalização da ES.

A reflexão acerca do conceito e do processo de internacionalização da ES é primordial e que deve anteceder a *práxis*. Diante de uma asserção como essa, Zanchet *et al* (2016, p. 16) conduziram uma investigação científica cujo objetivo era “compreender como as universidades vêm se movimentando na implantação do processo da internacionalização”. O resultado dessa investigação demonstrou que “foi evidenciado que entender o que significa internacionalizar é condição essencial nesse movimento” (ZANCHETE *et al*, 2016, p. 74). Essa investigação também identificou que “há empenho por parte da gestão das universidades em prover discussões que contemplem a internacionalização como uma política institucional” (ZANCHETE *et al*, 2016, p. 74). Em outras palavras, essa investigação evidenciou uma abertura para que essa temática seja abordada nos mais diversos níveis institucionais, não somente pelo corpo docente e discente. Os “resultados desse estudo sinalizam a importância da compreensão dessa temática complexa no contexto acadêmico contemporâneo” (ZANCHETE *et al.*, 2016, p. 74). Em corroboração, Stallivieri (2017) ressalta que esse tema não pode ser deixado de lado ou desvalorizado, uma vez que a “internacionalização [...] deixa de ser uma opção institucional e passa a fazer parte do

corpus das discussões do Ensino Superior, com alto grau de complexidade” (STALLIVIERI, 2017, p. 21).

Contudo, existe um grande desafio àqueles que se enveredam pelo caminho da pesquisa e/ou da implementação da internacionalização da ES. O conceito e o propósito de internacionalização da ES podem variar de instituição para instituição (KNIGHT, 1994), bem como algumas confusões acerca de termos distintos são observadas (GASICI, 2016). Diante disso, o primeiro passo desta presente pesquisa foi elucidar a diferença entre globalização e internacionalização, já que os “termos globalização e internacionalização são constantemente confundidos” (GASICI, 2016, p.17). Em uma entrevista concedida ao jornal *Extra Classe*, Knight (2014, s.p.) esclarece que a globalização “é um “fluxo mundial de ideias, recursos, pessoas, economia, valores, cultura, conhecimento, bens, serviços e tecnologia.”, enquanto a “internacionalização da educação superior é o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global sobre os objetivos, ensino, aprendizagem, pesquisa e serviços de uma universidade ou de um sistema de ensino superior” (KNIGHT, 2014, s.p).

Em continuação, a presente pesquisa evidenciou que não há consenso acerca do conceito de internacionalização da ES *per se*, alterações entre distintos autores, países e contextos foram também observadas (MIURA, 2006). Mais especificamente, existem variáveis responsáveis por delinear o conceito e o entendimento sobre a internacionalização da ES.

Diante disso, De Wit (2001) destaca a importância de haver um conceito balizador para a pesquisa e para a implementação da internacionalização da ES. Neste sentido, a presente pesquisa adotou o conceito construído por Knight (2003, p. 11), que propõe que a internacionalização da ES pode ser entendida como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, nas funções e na entrega de Educação Superior”.

No âmbito institucional, Lisboa (2018, p. 310) argumenta que “para a internacionalização da educação, estratégias devem ser estudadas no sentido de operacionalizar as técnicas administrativas que envolvam os dirigentes, estudantes, professores e o corpo docente”. Não obstante, Stallivieri (2017, p. 70) sublinha que “cada instituição deve buscar seu desenvolvimento internacional de acordo com suas metas características e suas possibilidades de atingir as metas por ela definidas”. Muitas IES aderem à internacionalização da ES “sem o menor preparo técnico, bem

como estruturas organizacionais e administrativas e, muito menos, das estruturas acadêmicas, linguísticas e pedagógicas. Os resultados obtidos geraram mais desgaste institucional do que ganhos e benefícios [...]” (STALLIVIERI, 2017, p. 83).

Diante desses apontamentos, esta pesquisa se aprofundou também na decomposição dos processos iniciais de implementação da internacionalização da ES em IES. Conseqüentemente, demais elementos pertinentes à temática emergiram no decorrer das investigações e, naturalmente, precisaram ser considerados para a presente pesquisa. Destacam-se os seguintes elementos: a dimensão internacional, algumas importantes razões que podem levar uma IES a implementar a internacionalização, algumas estratégias de internacionalização e alguns dos riscos inerentes ao processo de internacionalização.

Entretanto, esses elementos devem ser organizados para que uma proposta de implementação da internacionalização da ES seja executada com sucesso. É por essa razão que a literatura pertinente costuma descrever alguns modelos de internacionalização (MIURA, 2006). Em outras palavras, modelo de internacionalização é uma forma condensada e esquematizada das variáveis presentes no processo de implementação da internacionalização (MIURA, 2006), que normalmente é apresentada de forma ilustrada.

Para Villela (2017, p. 6), dentre os modelos de internacionalização disponíveis na literatura, um dos mais importantes é um proposto por Knight (1994), que é justamente o eleito para servir de base para esta presente pesquisa. O argumento para essa escolha se deve ao fato de que esse modelo “fornece uma visão geral do processo de internacionalização, considerando desde a análise do contexto (externo e interno) da instituição, os cuidados na implementação dos programas e a integração entre ensino, pesquisa e serviços” (MIURA, 2006, p. 71). O modelo de Knight (1994) apresenta seis fases ou etapas em que as IES passam ou devem passar durante o processo de implementação da internacionalização, a saber: consciência, comprometimento, planejamento, operacionalização, revisão e, por fim, reforço (DE WIT, 2001; MIURA, 2006).

Contudo, de acordo com Villela (2018, p. 7), apoiado em Stallivieri (2004), “esses modelos teóricos devem ser aplicados considerando o perfil institucional. É fundamental ter em vista as condições, possibilidades [...] em que cada IES está inserida”.

A partir desses apontamentos instigantes, levantou-se o seguinte **problema de pesquisa**: Como se constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de implementação da internacionalização da ES em uma instituição de ensino superior privada, situada na região sul do Brasil, que se encontra em fase inicial de internacionalização?

Diante dessa questão balizadora, o **objetivo geral** desta pesquisa delimita-se a: analisar os elementos que constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de implementação da internacionalização da ES em uma IES privada, situada na região sul do país, que se encontra em fase inicial de internacionalização. Já a partir desse objetivo geral, desdobram-se os seguintes **objetivos específicos**:

- Caracterizar conceitos e modelos de implementação pertinentes à internacionalização da ES disponíveis na literatura nacional e internacional contemporânea;
- Averiguar o contexto e o modo como o processo de institucionalização da internacionalização da Educação Superior são concebidos e conduzidos na IES pesquisada;
- Propor a entrega de um produto, um modelo de internacionalização adaptado para nortear os processos de implementação da internacionalização da ES em IES.

Assim, para atender o problema desta pesquisa e, conseqüentemente, para alcançar os objetivos, geral e específicos, esta dissertação está estruturada ordenadamente em seis capítulos, incluindo essa introdução que buscou fornecer dados introdutórios desta pesquisa ao leitor, o que ocorreu por meio da exposição da delimitação do objeto de estudo, da motivação pessoal do pesquisador, da justificativa para a realização deste estudo, do problema desta pesquisa e, posteriormente, de seus objetivos, geral e específicos. Em síntese, almejou-se apresentar o panorama do percurso percorrido nesta dissertação.

No **segundo capítulo**, intitulado “percurso metodológico”, são apresentados a classificação, a natureza e a abordagem utilizada para esta pesquisa. Neste capítulo também é apresentado o lócus e os sujeitos dessa pesquisa, explicando os critérios de inclusão e exclusão de seleção, e a relação e relevância desses para a presente investigação. Posteriormente, ocorre o relato dos procedimentos adotados para a coleta de dados. Na sequência, explica qual foi a técnica adotada para a análise de dados e como se deu a sua aplicação. Por fim, as etapas desta pesquisa são

explicadas de modo ordenado, o que permite demonstrar de forma sintética e objetiva o caminho percorrido para a construção do conhecimento que a presente dissertação carrega consigo.

O **terceiro capítulo**, intitulado “Demarcações Teóricas da Internacionalização da Educação Superior no século XXI”, apresenta e debate assuntos pertinentes e relevantes no que se refere à internacionalização da ES e, principalmente, ao seu contexto. Portanto, nesta seção foram trazidos dados acerca da globalização, dos papéis de algumas organizações internacionais concernentes ao assunto, conceitos e reflexões de diversos pesquisadores acerca da internacionalização da ES *per se* e, finalizando, trazendo dados acerca de sua relação com a formação docente no contexto do século XXI.

Em continuação, o **quarto capítulo**, intitulado “Demarcações teóricas acerca do processo de implementação da internacionalização da ES em nível institucional”, também é uma seção destinada a apresentar os dados coletados e, a partir deles, articular as informações de modo que um debate teórico fosse realizado. Contudo, esta seção deixa de tratar de assuntos pertinentes aos contextos e panoramas gerais da internacionalização da ES para trazer dados sobre o processo institucional da internacionalização. Em outras palavras, neste capítulo ocorre um afunilamento do assunto, mas sem deixar de ser parte contínua dos assuntos, dados e debates tecidos no capítulo anterior. Este capítulo se propôs a investigar as dimensões, as razões, as estratégias e os riscos concernentes à internacionalização da ES em nível institucional, bem como apresentar e explicar o funcionamento de alguns modelos teóricos de implementação da internacionalização em IES, em especial aquele formulado por Knight (1994).

Posteriormente, o **quinto capítulo**, intitulado “Percepções acerca dos sujeitos da pesquisa em relação ao processo de implementação da internacionalização da Educação Superior”, está intimamente relacionado com a pesquisa documental e empírica realizadas para esta dissertação. Neste momento são expostos os dados coletados por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas aos sujeitos desta pesquisa. Além desses dados, são apresentados aqueles coletados por meio da pesquisa documental, que foram dispostos juntamente com os dados coletados pelas aplicações das entrevistas. Depois de agrupados em categorias estabelecidas *a priori*, inicia-se a “conversação” entre esses dados e aqueles coletados por meio da pesquisa bibliográfica. O objetivo foi verificar a percepção dos participantes e dos documentos

que orientam as suas atividades em função da teoria sobre o assunto disponível na literatura, em especial aquela apresentada por Knight (1994).

Já o **sexto capítulo** tem por finalidade apresentar um produto cuja finalidade é auxiliar e orientar as IES principiantes na internacionalização na condução de seus processos de implementação e expansão da internacionalização da Educação Superior.

Por fim, subseqüentemente, segue as **considerações finais**, momento em que será norteado o desenvolvimento desta dissertação, mantendo diálogo com os principais pontos abordados no decorrer da construção desta pesquisa empírica, momento pelo qual espera-se que respostas possam ser dadas aos problemas propostos, também algumas sugestões para a continuidade do estudo deste tema.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa o qual exige do pesquisador a compreensão de que o problema a ser estudado fica à mercê da natureza dos fenômenos, bem como do objeto, recursos financeiros, equipe humana e demais variáveis da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Em conformidade com essa asserção, para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente, buscamos conhecer o estado do conhecimento acerca do objeto de estudo em questão e, posteriormente, traçamos o percurso metodológico que compreende uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e aplicada, seguido da escolha dos procedimentos e instrumentos de coleta e análise de dados obtidos pela pesquisa bibliográfica, documental e empírica.

Diante disso, a proposta do caminho metodológico adotado nesta pesquisa é a construção de textos e conhecimentos que componham um referencial teórico capaz de fundamentar a descrição e análise de dados, de modo que o problema da pesquisa seja esclarecido, que os objetivos (geral e específicos) sejam atendidos, que a análise e descrição de dados sejam feitas, que um produto seja proposto e, por fim, que as principais ideias e considerações de todo esse percurso sejam sintetizadas nas considerações finais.

2.1 A CLASSIFICAÇÃO, A NATUREZA E A ABORDAGEM DA PESQUISA

A escolha pela **abordagem qualitativa** favorece o estudo das percepções dos participantes da pesquisa acerca do objeto de estudo proposto nesta investigação na medida em que esse tipo de abordagem “ênfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 15). Pesquisadores como Lankshear e Knobel (2008, p. 66) reforçam que a pesquisa qualitativa está “principalmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seus mundos social e cultural”. No que se refere às cinco características da abordagem qualitativa descritas por Bogdan e Biklen (1994), Donato (2017, p. 101) esclarece que:

[...] nessa abordagem os fenômenos não são fragmentados em variáveis simples, mas estudados na sua totalidade. Das características descritas pelos autores estão: a fonte direta de dados é o ambiente natural constituindo o investigador o principal agente na coleta de dados, do qual são

essencialmente descritivos; o foco de interesse dos investigadores concentra-se mais no processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; os dados são analisados geralmente de forma indutiva; atribui-se uma importância vital ao significado que os participantes conferem às suas experiências.

A classificação **pesquisa exploratória** se deve ao fato de a temática desta pesquisa ser bastante ampla em enfoques, sentidos e temas, mesmo que a quantidade de publicações sobre essa temática ainda não possa ser considerada expressiva (MEDEIROS; TOMASI, 2015). Moreira e Caleffe (2008, p. 63) seguem neste sentido e complementam:

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, torna-se necessário seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão de literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final desse processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (MOREIRA, CALEFFE, 2008, p. 63).

Já a pesquisa **natureza aplicada** centra-se à volta de problemas existentes em atividades de instituições, organizações e grupos sociais (FLEURY; WERLANG, 2016). Pesquisas dessa natureza buscam a elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e em encontrar desfechos (FLEURY; WERLANG, 2017). As contribuições de Moreira e Caleffe (2008, p. 71), reforçam essa ideia:

Tanto a pesquisa básica como a pesquisa aplicada são utilizadas na pesquisa educacional, mas a pesquisa aplicada com a intenção de resolver um problema ou desenvolver um novo processo ou produto é mais comum. Infelizmente, a distinção entre pesquisa básica e a pesquisa aplicada pouco orienta tanto a seleção de tópicos quanto o delineamento da metodologia de pesquisa (MOREIRA, CALEFFE, 2008, p. 71).

Diante desse entendimento, um guia sobre algumas importantes etapas de implementação da internacionalização em IES, principiantes nesse processo, foi elaborado com base no círculo de internacionalização de Knight (1994) e com base na análise dos dados coletados por meio da pesquisa de campo. A proposição desse guia tem como objetivo sugerir um novo processo para a implementação da ES em IES principiantes no tema, que surgiu a partir de pesquisas bibliográfica e empírica que permitiram averiguar como a internacionalização é tratada na teoria e como ela foi tratada no lócus de pesquisa. Assim, o direcionamento dessas atividades vai ao encontro dessa natureza de pesquisa.

2.2 O LÓCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O **lócus da pesquisa** constitui-se uma IES de categoria administrativa⁵ privada e de grande porte, situada na região sul do Brasil, e que possui ampla experiência na oferta da educação nas modalidades a distância, semipresencial e presencial.

Já no que se refere à composição dos **sujeitos da pesquisa**, foram convidados a participar desta pesquisa quatro gestores que executam atividades distintas, mas que possuem estreitamentos com atividades ligadas à implementação da internacionalização da ES no lócus pesquisado, portanto, tal seleção está intimamente relacionada à natureza dos objetivos traçados neste estudo. Dentre esses gestores, três são professores doutores e um possui um cargo administrativo de gestão e supervisão. Todos aceitaram participar desta pesquisa, que ocorreu especificamente por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A). Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE). Salienta-se que para resguardar suas identidades e, conseqüentemente, a pesquisa seguir rigorosamente os procedimentos éticos a ela estabelecidos em conformidade com o **Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) nº 3.258.748**, de 2 de abril de 2019, seus nomes e cargos serão mantidos em sigilo. Mas não somente, seus respectivos cargos, gênero, idade e demais informações que possam servir como alicerces para quaisquer inferências para a identificação de suas respectivas identidades serão suprimidas. Portanto, esta pesquisa não prevê a apresentação de um perfil sociodemográfico.

Esses docentes foram escolhidos e, conseqüentemente, convidados a participar desta pesquisa, na qualidade de seus sujeitos por constituírem-se profissionais aptos a conceder entrevista acerca da institucionalização da IES que detém a qualidade de lócus da pesquisa. Ressalta-se que esse grupo participa ou participou de processos e momentos pertinentes à institucionalização da ES.

Os **critérios de inclusão** foram:

- Ser professor ou gestor que atua diretamente em assuntos acadêmicos;
- Pertencer ao quadro de funcionários do lócus desta pesquisa;

⁵ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996 em seu art. 19. As instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas: I – públicas; II – Privadas e, III – Comunitárias.

- Para os professores, possuir doutorado;
- Para o gestor, atuar em posto de liderança no lócus desta pesquisa;
- Aceitar participar do estudo assinando o TCLE.

Como **critérios de exclusão**, professores ou gestores que não atuavam ou não atuaram nos processos de institucionalização do lócus de pesquisa, professores com titulações de mestrado ou inferior, gestores que não atuam em posto de liderança no lócus da pesquisa e, por fim, aqueles que não aceitaram participar da pesquisa. Ressalta-se que não houve casos do não aceitação para participar desta pesquisa.

2.3 A COLETA DE DADOS

Os procedimentos utilizados para coletas de dados foram a pesquisa **bibliográfica**, a pesquisa **documental** e a pesquisa **empírica** (pesquisa de campo) para a construção do referencial teórico desta dissertação. Acerca da pesquisa empírica, ela ocorreu por meio da elaboração e da aplicação de uma entrevista semiestruturada aos sujeitos da pesquisa.

A **pesquisa bibliográfica** é a opção adotada pela “maioria das teses e dissertações desenvolvidas atualmente [...], e elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio do conhecimento referente ao tema” (GIL, 2017, p. 29).

A pesquisa exploratória realizada para esta dissertação teve sua gênese a partir da publicação de uma revisão sistemática da literatura acerca da internacionalização da ES, realizada por Borges *et al* (2018), a qual utilizou a base de dados da *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo) como fonte de pesquisa. Os termos de buscas adotados pelos autores foram: *internacionalização*, *Ensino Superior* e *Educação Superior*. Inicialmente, 51 artigos foram identificados. Posteriormente, os autores realizaram os seguintes filtros: coleções (Brasil); idioma (português); tipo de literatura (artigo) e ano de publicação (2010 a 2017). O resultado foi a exclusão de 21 artigos. Em seguida, os autores fizeram leituras dos resumos e das introduções desses artigos, momento em que constataram que 4 deles estavam fora do tema da pesquisa e, conseqüentemente, excluídos pelos pesquisadores. Desse modo, a revisão sistemática realizada por Borges *et al* (2018) foi realizada com base em 26

artigos, todos com indexador Qualis da Capes, divulgado em 2017. O resultado dessa revisão de literatura evidenciou que:

Os autores mais recorrentes nas publicações foram Morosini (3 artigos), Leite (2 artigos) e Miura (2 artigos). Em relação aos termos de pesquisadas publicações analisadas, todas mencionavam os termos 'Internacionalização' e 'Educação Superior', e, em 12 artigos também foi encontrado o termo 'Ensino Superior'. Com relação a abordagem 92% são qualitativos. Os métodos de coleta de dados, mais recorrentes foram, 34% pesquisa bibliográfica, 17% pesquisa documental, seguido por 13% de entrevistas e 13% estudo de caso (BORGES *et al*, 2018, p. 6)

Foi a partir dessa revisão sistemática que a pesquisa bibliográfica teve sua origem, pois propiciou ao pesquisador verificar alguns dos principais nomes relacionados à pesquisa da internacionalização da ES, bem como a apresentação das principais metodologias de pesquisa. Foi possível verificar, também, citações de autores estrangeiros com muita frequência, mesmo que suas publicações não tenham feito parte dos 26 artigos analisados por Borges *et al* (2018).

Assim, buscou-se realizar um mapeamento de publicações de renomados pesquisadores nacionais e estrangeiros. No que se refere aos pesquisadores estrangeiros, a partir de suas contribuições foi possível compreender a internacionalização da ES por meio de uma ótica mais "universalizada". Em outras palavras, as concepções, entendimento e teorias produzidas por pesquisadores estrangeiros trouxeram para esta dissertação dados largamente difundidos em nível global. Já no que se refere às contribuições dos pesquisadores nacionais, essas foram riquíssimas e de importância indiscutível no que se refere à adequação das teorias estrangeiras para a realidade e para o atual contexto brasileiro. Desse modo, essa pesquisa exploratória permitiu não somente os alicerces teóricos desta investigação, mas a aproximação do pesquisador com o seu objeto de estudo.

Os principais pesquisadores brasileiros utilizados para esta dissertação foram: Borges *et al* (2018), Clemente e Morosini (2019), Cunha (2016), Cunha *et al*. (2016), Gasic (2016), Lisboa (2018), Laus (2012), Maués e Bastos (2017), Miura (2006, 2009), Morosini (2006, 2019), Morosini e Corte (2018), Oliveira (2018), Pereira e Passos (2015), Pinto e Larrechea (2018), Santos e Almeida Filho (2012), Stallivieri (2002, 2007, 2009, 2017), Stallivieri *et al*. (2019), Tavares (2016), Villela (2018) e Zanchet *et al*. (2016), que foram fundamentais para a compreensão da internacionalização da ES adequada acerca da nossa realidade no século XXI. Já no que se refere à contribuição de pesquisadores estrangeiros, essa pesquisa lançou

mão, principalmente, de publicações de Altbach (2007, 2015), Altbach e Knight (2011) De Wit (1997, 2001, 2002) e Knight (1994, 1999, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008, 2010, 2012, 2013, 2014, 2017).

A partir das riquíssimas contribuições que essa revisão sistemática concedeu ao pesquisador, envoltas as motivações delineadas na introdução, originou-se o problema que orienta essa investigação, bem como, norteou o referencial teórico para seguir com o aprofundamento do tema.

Conforme explica Gil (2017), a **pesquisa documental** apresenta muitos pontos de semelhança com a pesquisa bibliográfica, contudo, o que as diferencia são as fontes. Ainda de acordo com Gil (2017, p. 31), “documentos institucionais, mantidos em arquivos de empresas, órgãos públicos e outras organizações” constituem-se em tipos de documentos mais comumente utilizados para a pesquisa documental. Por sua vez, Yin (2015) acrescenta que a pesquisa documental é importante para sustentar e corroborar com o aumento de evidências na investigação.

Diante disso, a pesquisa documental realizada nesta pesquisa utilizou uma política interna elaborada pelo lócus de pesquisa, cuja a finalidade desse documento é de regulamentar os seguintes objetivos do lócus em relação à implementação e condução do processo de internacionalização: garantir a internacionalização no lócus de pesquisa; contribuir para a celebração de parcerias internacionais; fomentar a mobilidade acadêmica; contribuir para a formação de docentes, discentes e funcionários; incentivar a colaboração e a produção científica; e estimular a aproximação da estrutura curricular com IES conveniadas.

Ressalta-se que, em conformidade com o **Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) nº 3.258.748**, de 2 de abril de 2019, não ocorrerá a exposição do título dessa política e nem sua disponibilização na íntegra para que não haja identificação e, conseqüentemente, exposição do lócus e dos sujeitos desta pesquisa.

Por meio da presente pesquisa documental buscou-se averiguar o contexto e o modo como o processo de institucionalização da internacionalização da Educação Superior são formalizados e conduzidos na IES pesquisada. O documento pesquisado permitiu atender ao segundo objetivo específico da presente dissertação.

A obtenção da política institucional, fonte da pesquisa bibliográfica desta dissertação, ocorreu por meio de solicitação do documento via e-mail, trocado com o gestor do departamento responsável pela internacionalização na época.

Por sua vez, a **pesquisa empírica** da presente dissertação lançou mão da técnica de entrevista semiestruturada, que de acordo com Flick (2004), vem sendo utilizada em larga escala na pesquisa qualitativa da contemporaneidade. Para o autor, essa técnica é amparada pela ideia da possibilidade de que os sujeitos entrevistados possam melhor expressar seus pontos de vista, inversamente ao que ocorre com a utilização de questionários padronizados (FLICK, 2004). Manzini (2003) argumenta que a entrevista semiestruturada deve ser realizada à luz de um assunto sobre o qual elaborou-se um roteiro composto por perguntas principais e fundamentais, mas que, no decorrer da entrevista, podem ser complementadas por assuntos desdobrados a partir do diálogo estabelecido entre pesquisador e sujeito.

Para a presente pesquisa elaborou-se e utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) com a finalidade de obter dados pertinentes e relevantes. As questões que compõem a entrevista semiestruturada foram formuladas à luz do círculo de internacionalização proposto por Jane Knight (1994), que, em outras palavras, é um modelo teórico que ilustra e demonstra a dinâmica das etapas ou fases que uma IES poderia adotar para implementar internacionalização em suas mais diversas atividades e funções. Essa preocupação com a formulação das questões da entrevista semiestruturada foram ao encontro da concepção de Manzini (2003), que afirma que essa técnica exige muita atenção do pesquisador, para que as respostas possam atender ao tema da pesquisa.

O círculo de internacionalização de Knight (1994) é composto de seis etapas ou fases, quais sejam: consciência; comprometimento; planejamento; operacionalização; revisão; e reforço. Estas etapas ou fases retratam a forma como ocorrem as operações em prol da implementação da internacionalização da ES. Com base nesse modelo de internacionalização, o roteiro da entrevista foi elaborado com doze perguntas principais, mas, a partir do diálogo estabelecido entre pesquisador e sujeitos, perguntas secundárias emergiram com força e que, conseqüentemente, exigiram certas adaptações no círculo de Knight (1994).

Por meio da entrevista semiestruturada buscou-se averiguar o contexto e o modo como o processo de institucionalização da internacionalização da Educação Superior são concebidos e executados na IES pesquisada, bem como a percepção dos sujeitos da pesquisa acerca do tema desta dissertação. A entrevista semiestruturada possibilitou atender ao segundo objetivo específico desta pesquisa.

Para realizar a coleta de dados por meio dessa técnica, primeiramente o pesquisador contatou os sujeitos da pesquisa, individualmente, por telefone e agendou um dia e horário para aplicar a entrevista. Para a aplicação dessa entrevista, o pesquisador se preocupou em reservar um local silencioso e, principalmente, privativo. Em outras palavras, os sujeitos puderam expressar suas percepções de modo tranquilo e confidencial.

Em **síntese**, a pesquisa bibliográfica forneceu os alicerces teóricos para a construção do conhecimento apresentado no referencial teórico, para o planejamento do percurso metodológico e para a definição da técnica utilizada para a análise de dados desta dissertação. A pesquisa bibliográfica atende ao primeiro objetivo específico desta dissertação. Por sua vez, as pesquisas documental e empírica serviram como meio de coleta de dados de uma determinada realidade, representada tanto pelo lócus quanto pelos sujeitos desta pesquisa. Por meio das pesquisas documental e empírica, foi possível averiguar a execução e a concepção da internacionalização da ES de modo prático.

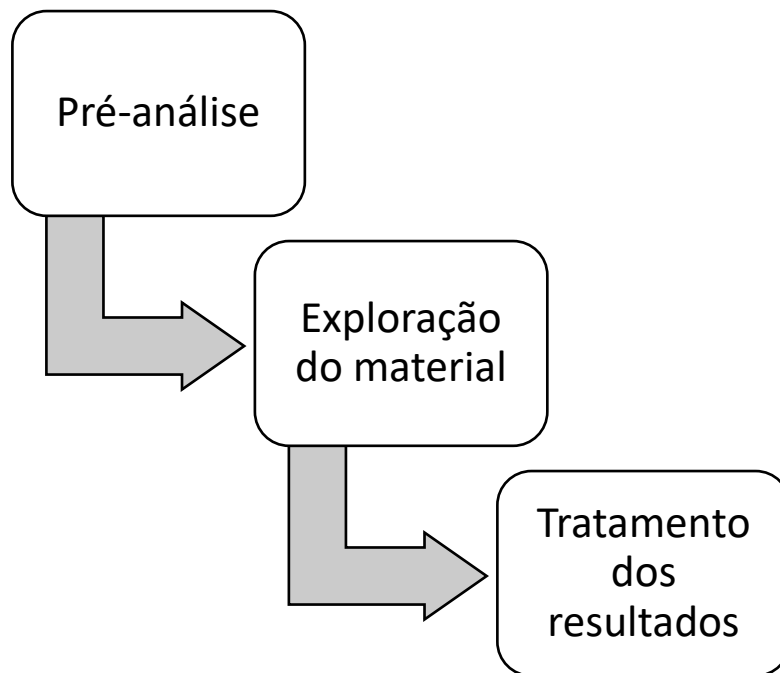
2.4 O PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Donato (2017, p. 67), apoiada em Alves-Mazzotti e Gewandsnadjer (2009), defende que são gerados uma enorme quantidade e volume de dados em pesquisas qualitativas e, por conta disso, esses dados precisam ser organizados e compreendidos. Portanto, a **análise de conteúdo** de Laurence Bardin constitui-se em uma técnica que permite que a verdade seja desvelada, uma vez que os dados sejam descritos de forma coerente e que uma análise seja feita sob o rigor da ciência. No que se refere à sua definição, Bardin (2011, p. 42) a define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Além disso, Bardin (2011) ensina que é necessário seguir uma sequência de passos para que a análise de conteúdo seja feita. De acordo com Donato (2017, p. 69), esses passos são: “preparação do material (pré-análise); exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação”.

Figura 1 - Os passos da análise de conteúdo



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de (2011)

O primeiro passo, a **pré-análise**, foi o momento em que ocorreu uma leitura flutuante dos dados obtidos por meio das entrevistas com a finalidade de conhecer a estrutura dos discursos dos entrevistados e, concomitantemente, iniciar a verificação dos pontos de inter-relação entre o que foi dito pelos sujeitos. Além disso, foi um momento em que iniciaram os primeiros *insights* acerca da relação dos dados obtidos por meio dessas entrevistas com os dados apresentados na fundamentação teórica. Contudo, ressalta-se que nesta etapa não ocorreu a categorização, atividade normalmente feita neste momento.

A categorização tem a finalidade de fornecer uma representação simplificada dos dados brutos a dados organizados (BARDIN, 2011). A presente pesquisa parte de uma categorização *a priori*⁶, o que significa que as categorias já haviam sido criadas anteriormente. A criação das categorias tem como origem o roteiro da entrevista semiestruturada, o qual foi elaborado com base no círculo de internacionalização proposto por Knight (1994), que é um modelo estratégico de internacionalização de IES. Nesse modelo estratégico, ou círculo de

⁶ De acordo com Franco (2008, p. 60-61) existem dois caminhos possíveis para elaboração de categorias: categorias criadas a “priori” e aquelas que emergem da fala, do discurso, do conteúdo obtido nas repostas, portanto, essas não são definidas a priori e, sim, a “posteriori”.

internacionalização, há elementos que juntos compõem um processo de internacionalização de IES. Esses elementos serviram como fundamentação para a elaboração das categorias desta pesquisa. Realizar a análise de conteúdo à luz dessas categorias permitirá desvelar se o processo de internacionalização do lócus pesquisado está em consonância com uma adaptação de um dos “principais modelos de internacionalização das IES referenciados pela literatura disponível sobre o assunto, [...] os modelos propostos por Knight (1993 e 1994)” (VILELLA, 2018, p. 6).

As categorias estabelecidas *a priori* são:

- Conceito: Internacionalização da Educação Superior;
- Conscientização: a importância e benefícios da internacionalização para estudantes, funcionários e professores;
- Planejamento: desenvolvimento de um plano ou estratégia abrangente;
- Operacionalização: implementação de diferentes aspectos de uma estratégia e criação de uma cultura de apoio;
- Razões: perfil institucional e reputação, formação de professores e estudantes, geração de receita, formação de alianças estratégicas e pesquisa e produção de conhecimento;
- Riscos: ameaças à institucionalização da internacionalização da IES;
- Recompensas: o reconhecimento da participação de professores e funcionários;
- Recursos tecnológicos: a utilização de ferramentas tecnológicas em prol da Internacionalização.

Diante da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), o modo como essas categorias foram criadas tece o pano de fundo da pesquisa e, ao mesmo tempo, fornece significado às unidades de análise. Desse modo, as categorias acima listadas constituem as Unidades de Conceito desta pesquisa.

Em continuação, Bardin (2011) ensina que a transformação dos dados brutos permite à pesquisa atingir uma representação de conteúdo, ou de expressão, capaz de permitir esclarecimentos acerca das características dos dados. No que se refere à utilização da técnica de categorização, os dados podem ser organizados e agrupados em unidades por semelhança.

Como as Unidades de Conceito já haviam sido estabelecidas *a priori*, na etapa da **exploração do material** foram encontradas as Unidades de Significação, o que

ocorreu por meio da análise das entrevistas e do documento submetidos à análise de conteúdo.

Desse modo, a presente pesquisa conta com 7 Unidades de Conceito e 16 Unidades de Significação, no sentido de responder à questão norteadora: Como se constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de institucionalização da internacionalização da Educação Superior em uma instituição de ensino superior privada, situada na região sul do Brasil, que se encontra em fase inicial de internacionalização?

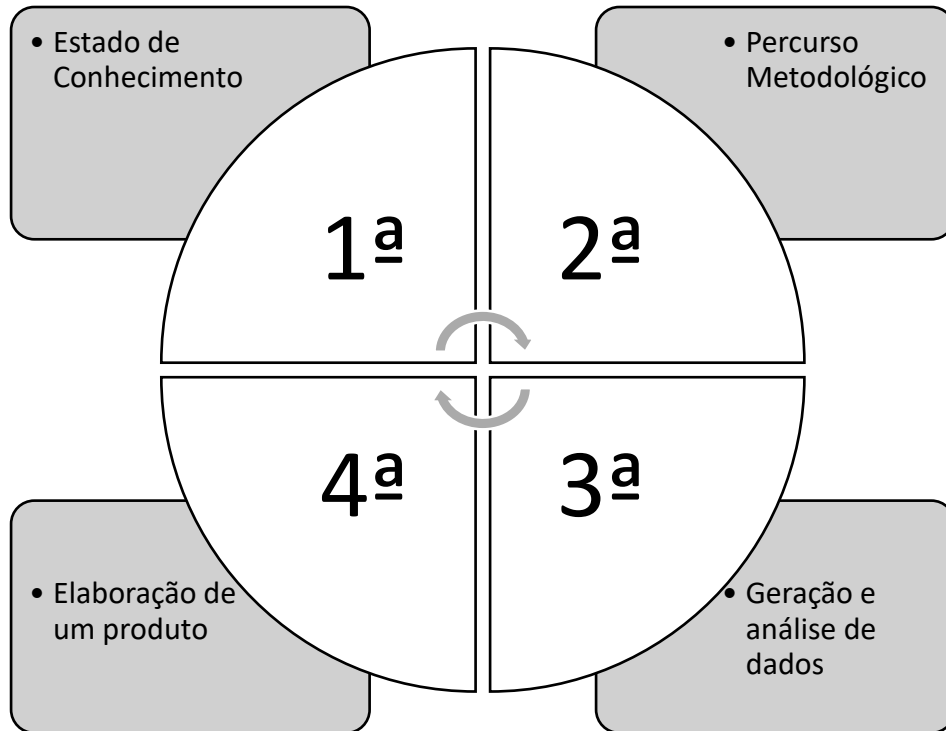
Posteriormente, ocorreu a terceira etapa, o **tratamento e interpretação dos resultados obtidos**. Nesta etapa os dados brutos passam a ser significativos enquanto estudo científico. Os dados foram tratados por meio de operações mentais que permitiram ao pesquisador e sua orientadora propor inferências respaldadas por contribuições científicas de outros pesquisadores, ou seja, com base no referencial teórico presente nesta dissertação. A finalidade é validar os objetivos propostos (BARDIN 2011).

Ao finalizar essas três etapas, foi possível elaborar o produto proposto para esta dissertação, que tem a finalidade de servir de um guia auxiliar para os processos iniciais de implementação da ES.

2.5 AS ETAPAS DA PESQUISA

A condução da presente pesquisa percorreu quatro etapas, que foram delineadas com base na problematização visando alcançar os objetivos estabelecidos nesta investigação, conforme ilustra a figura 2:

Figura 2 - As etapas da pesquisa



Fonte: Caparros Junior e Donato (2020).

A **primeira etapa** da pesquisa constitui-se pelo levantamento bibliográfico e pelo mapeamento do estado do conhecimento a partir de artigos já elaborados que abordam esse tipo de estudo sobre o tema em questão. Por sua vez, a **segunda etapa** constitui-se pela definição do percurso metodológico a ser percorrido, como: seleção dos sujeitos da pesquisa; elaboração dos procedimentos e instrumentos de coleta de dados com base nos objetivos traçados e, a definição do processo de análise dos dados obtidos pela pesquisa empírica. Na **terceira etapa** ocorreu o processo de geração dos dados, pesquisa de campo com aplicação dos instrumentos seguidos da sistematização dos dados para tecer a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011, 2016), à luz do referencial teórico adotado no estudo. Por fim, na **quarta etapa**, a elaboração de um produto como solução viável para subsidiar o processo de implementação da internacionalização da ES, qual seja: um guia elaborado à luz do

círculo de Knight (1994) com orientações sobre as etapas ou fases de implementação e condução do processo de internacionalização em uma IES.

3 DEMARCAÇÕES TEÓRICAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO SÉCULO XXI

No estudo acerca da internacionalização da educação é inevitável entender primeiramente os alicerces do fenômeno da globalização, pois, muito se fala sobre as exigências do mercado globalizado, o qual demanda formação e perfil globais de profissionais, que devem se inserir e se adequar a um mundo cada vez mais multicultural. Neste sentido, “nunca se precisou compreender, com tanta maturidade, o papel que a internacionalização está exercendo sobre a educação superior” (LISBOA, 2018, p. 9). Continuamente, os termos globalização e internacionalização da Educação Superior são empregados de forma intercalada, como se não houvesse distinção (MIURA, 2006). Embora existam semelhanças e relação entre ambos, trata-se de concepções distintas (GASICI, 2016). Com o intuito de que confusões sobre esse tema sejam evitadas, “muitos pesquisadores têm desaconselhado o uso do termo *globalização da educação*” (MIURA, 2006, p. 4).

Por essa razão, foram tecidas reflexões acerca da globalização e da internacionalização da Educação Superior. Contudo, ressalta-se que o objetivo desta dissertação não foi de realizar e elucidar questões epistemológicas sobre a globalização, mas pesquisar alguns aspectos fundamentais sobre esse fenômeno que pudessem subsidiar a compreensão mais aprofundada acerca da internacionalização da Educação Superior. Ressalta-se que, de acordo com uma pesquisa realizada por Zanchet *et al.* (2016), entender a concepção de internacionalização da Educação Superior é de extrema importância para uma IES e que essa atividade precisa anteceder qualquer outra, conforme melhor explicam os autores:

[...] foi evidenciado que entender o que significa internacionalizar é condição essencial nesse movimento. Foram apresentadas as concepções sobre a internacionalização que merecem aprofundamentos no âmbito da comunidade acadêmica, sob o risco desse processo ser restrito à mobilidade estudantil. Não basta apenas atender à demanda da mobilidade acadêmica, é preciso planejar ações para a internacionalização acontecer na universidade como um todo. Internacionalizar passou a ser uma condição intrínseca à IES [...] (ZANCHET *et al.*, 2016, p. 74).

Além disso, reflexões acerca da relação estabelecida pela internacionalização da ES com as organizações internacionais, com algumas bases legais do Estado brasileiro e com a formação docente. Ao contextualizar a internacionalização da ES frente a esses três elementos de importância indiscutível, verificaram-se alguns

pontos que podem nortear a implementação ou expansão do processo de internacionalização em IES. São muitas as formas como a internacionalização pode ser conduzida em uma IES, mas é importante que os dirigentes e responsáveis pela implementação desse processo utilizem a internacionalização como um meio para alcançar algum objetivo. Portanto, saber o que dizem algumas Organizações Internacionais e o que dizem alguns especialistas acerca da formação docente nesse contexto é atividade basal.

Assim, a seguir serão tecidas as principais demarcações teóricas acerca da estreita relação existente entre globalização, internacionalização da ES, OIs e formação docente. Há pontos de intersecção entre esses elementos, que podem ser trabalhos para que um determinado fim seja alcançado.

3.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FACE À GLOBALIZAÇÃO

Existe uma polêmica em torno do que vem a significar efetivamente *globalização*. Os sentidos que foram atribuídos ao termo são inúmeros e, por vezes, contraditórios (SOUZA, 2008). As definições dependerão de autor para autor, bem como da área de estudo e de atuação de cada um deles (LAUS, 2012). Face a isso, uma pesquisa sobre a globalização foi realizada de modo plural, ou seja, buscando entender diferentes enfoques, pontos de vista e perspectivas, mas sem deixar de buscar uma concepção adequada para a proposta e objetivos desta pesquisa.

O final do século XX é caracterizado por um processo de globalização, que carrega consigo exigências específicas que afetam diferentes regiões, países, empresas, instituições e, igualmente, indivíduos (JACKSON; SØRENSEN, 2018). Portanto, pode-se inferir que a reflexão sobre esse fenômeno e a compreensão sobre o modo como ele dialoga com a ES é tarefa primordial tanto para docentes quanto para as instituições de ensino superior (IES), em especial, quando se trata de docentes e IES envolvidas com a internacionalização da ES (PINTO; LARRECHA, 2018). Contudo, existe uma polêmica em torno do que vem a significar efetivamente *globalização*. Os sentidos que foram atribuídos ao termo são inúmeros e, por vezes, contraditórios (SOUZA, 2008). As definições dependerão de autor para autor, bem como da área de estudo e de atuação de cada um deles (LAUS, 2012).

A partir de uma visão das Relações Internacionais, enquanto ciência social, a globalização pode ser considerada, majoritariamente, como um processo em que ocorre a “difusão e intensificação das relações culturais, sociais, econômicas através de fronteiras internacionais [...], engloba praticamente tudo: a economia, a política, a tecnologia, a comunicação etc.” (JACKSON, SØRENSEN, 2018, p. 275).

Em outras palavras, é possível se deparar com definições de globalização com enfoques específicos e, conseqüentemente, deparar-se com termos como: *globalização política*, *globalização cultural*, *globalização social*, *globalização econômica* e tantos outros (SOUZA, 2008). Isso ocorre porque “é impossível apresentar uma teoria sobre ‘tudo’, [...] aspectos variados da realidade precisam ser avaliados de formas diferentes (JACKSON, SØRENSEN, 2018, p. 276). Diante disso, verifica-se que o termo globalização é polissêmico e que suas definições e traduções devem ocorrer dentro de algum contexto (AKKARI, 2011).

Para Doğan e Arslan (2016), a *globalização política* pode ser entendida e percebida ao passo em que as relações entre os Estados se transformaram para o modelo que conhecemos atualmente. De acordo com os autores, manifestações como missões internacionais, cooperações internacionais, criação e, conseqüentemente, participação em organizações internacionais ou organizações internacionais não governamentais, bem como outras formas de socialização entre os Estados, são indicadores da globalização política.

No que se refere à *globalização cultural*, esse enfoque traz à tona uma discussão acerca da tensão entre a perda de identidade de certas culturas e a “uniformização” das culturas. Conforme explica Chaves (2006, p. 49):

Dois enfoques [...] destacados na abordagem da globalização cultural. O primeiro é a destruição dos modos de vida étnico-nacionais, que a proposta da globalização preconiza, principalmente para os países em desenvolvimento. O segundo é a hibridização da cultura mundial, proporcionada pela destruição dos modos de vida particulares de cada nação. Esses dois destaques associam-se mutuamente e constituem o cerne do problema, que de forma simplificada é chamado de “cultura global”, referindo-se a uma homogeneização de hábitos, de costume e consumo, no contexto da globalização.

Por meio de um outro enfoque, Chaves (2006, p. 54) elucida que a *globalização social* é um dos enfoques com maior abrangência, visto que por esta perspectiva “os aspectos constitutivos do social são muito mais complexos e variados”. Além disso, o autor afirma que o objetivo da globalização social “é enfatizar o modo de vida construído [...] dos destaques na abordagem da globalização social é a questão das desigualdades

sociais, [...] desde a exclusão digital até a fome e a miséria”. (CHAVES, 2006, p. 55). De acordo com as contribuições de (JACKSON, SØRENSEN, 2018, p. 275), a *globalização econômica* pode ser entendida por um ângulo que “envolve uma transição qualitativa em direção a uma economia mundial com base não mais em economias nacionais autônomas, mas em um mercado global consolidado para a produção, a distribuição e o consumo”.

Já acerca de um enfoque à globalização tecnológica, Chaves (2006, p. 37), apoiado em Jameson (2001), esclarece que:

[...] a globalização pode ser analisada em termos puramente tecnológicos, [...] as inovações tecnológicas produzam impactos na produção e organização industriais e na comercialização dos produtos. Ou seja, a nova tecnologia das comunicações e a revolução da informática podem ser tratadas no nível das comunicações, ou no nível de sua interconexão com os demais aspectos inerentes ao processo de globalização.

Desse modo, percebe-se que é possível entender a globalização, majoritariamente, a partir de uma visão que a postule como uma “estrutura de poder internacional, própria da atual etapa da reestruturação do capitalismo no contexto da globalização neoliberal” (FELDFEBER, 2009, p. 161), independentemente do enfoque adotado. Inversamente, a globalização pode ser vista como reator da cooperação internacional, que, por sua vez, pode ser “o único meio para alcançar objetivos comuns no mundo [...]. A cooperação internacional abre janelas de oportunidade para os países em desenvolvimento” (SILVA, 2007, p. 6)

Além do que foi exposto até este momento, cabe também destacar a visão de Castells sobre a amplitude e as mais diversas e possíveis discussões acerca da globalização no século XXI:

[...] A esta altura, cada qual tem sua opinião sobre a globalização. Esse é o principal mérito do movimento global contra a globalização: ter posto na pauta do debate social e político algo que se apresentava como o caminho único e indiscutível do progresso da humanidade. Como é próprio de todo grande debate ideológico, este se dá em meio à confusão e à emoção, mortos incluídos. [...] A começar pela própria definição de globalização. Trata-se de um processo objetivo, não de uma ideologia, embora tenha sido utilizado pela ideologia neoliberal como argumento para arvorar-se como a única racionalidade possível. E é um processo multidimensional, não apenas econômico. Sua expressão mais determinante [...] propiciada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. [...] (CASTELLS, M. 2002. p.12-13.)

Embora haja múltiplas e importantes concepções e enfoque para a globalização, para esta dissertação adotou-se a concepção e proposta de Knight

(2004, p. 8), que define a globalização como: “o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, valores e ideias através das fronteiras”. Essa concepção também foi adotada por Miura (2006, p. 14), ao afirmar que essa é “uma definição não ideológica” e que é “adequada para a compreensão da internacionalização de ensino superior” (MIURA, 2006, p. 6). Além disso, ênfase às questões relacionadas às tecnologias, sobretudo as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), e à interculturalidade foram adotadas na presente pesquisa.

Portanto, relacionar a globalização e a internacionalização da ES é importante para que o processo de implementação da internacionalização em uma IES seja realizado de modo que se pense na questão da cidadania além das fronteiras. Conforme melhor explicam Morosini e Corte (2018, p. 104):

[...] novas dinâmicas e relações sociais e educacionais entre os países e respectivas instituições de educação superior foram surgindo no cenário mundial, redimensionando e ampliando o conceito de cidadania além das fronteiras nacionais. Quase, que de maneira unânime, viu-se que é necessário que as instituições de educação superior invistam em processos de internacionalização e que tal perspectiva está fortemente relacionada aos ditames da globalização e do desenvolvimento econômico das nações.

As autoras defendem que a globalização está intrinsecamente relacionada à internacionalização da ES e que, conseqüentemente, isso influi diretamente na transformação e na gestão das IES no que se refere aos “desafios de formar profissionais, capazes de atuar em uma sociedade auto/transformativa e performativa” (MOROSINI; CORTE, 2018, p. 104). Daí surge a necessidade de conceber a globalização antes da internacionalização, pois a primeira concepção norteia a segunda.

3.1.1 A internacionalização da ES em face às organizações internacionais

Uma Organização Internacional (OI) é uma estrutura ordenada composta de instituições, os Estados soberanos, que a ela se associam para a realização de um trabalho que possui objetivos e metas comuns (SEITENFUS, 2013). Os trabalhos realizados no âmbito de uma OI têm como objetivo discutir, regulamentar e estudar temas que, uma vez ambientados no cenário internacional (CI), necessitam de regulamentações entre os seus associados (SEITENFUS, 2013). Ainda no sentido de explorar mais a definição do que vem a ser uma OI, Seitenfus (2003, p. 26-27) afirma que se trata de “[...] uma sociedade entre Estados, constituída através de um tratado,

com a finalidade de buscar interesses comuns através de uma permanente cooperação entre seus membros”. Já para Mônica Herz e Andrea Ribeiro Hoffman (2004), as organizações internacionais podem ser entendidas como “[...] a forma mais institucionalizada de realizar a cooperação internacional. A simples observação do número de organizações internacionais existentes hoje atesta sua importância: cerca de 238 OIGs e de 6.500 ONGIs” (HERZ; HOFFMANN, 2004, p. 17).

É neste sentido que se sustenta a importância tanto dos estudos dos fundamentos das relações internacionais para a educação, a partir dos fundamentos das OIs, pois, ao trazer a educação para contexto global, precisa-se de antemão estar situado nessa área do saber. Para Trevisol e Fávero (2019), OIs como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Banco Mundial (BM) e A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)⁷ produzem políticas na área da educação que são adotadas pelos seus Estados-membros. Ainda segundo os autores, as políticas na área da internacionalização da educação superior, de modo geral, visam fomentar debates sobre o assunto, bem como promover a interculturalidade, a solidariedade entre os povos e integração de pesquisas relevantes para a comunidade global etc. (TREVISOL; FÁVERO, 2019). Portanto, pode-se perceber que as organizações internacionais e os assuntos relacionados à educação debatidos em seus âmbitos podem ser considerados um ponto de intersecção entre as relações internacionais e a Educação.

Ainda sobre as OIs acima citadas, Cunha et al. (2016) argumentam que o Banco Mundial defende que o rumo da Educação deve ser orientado para acompanhar os modelos e estruturas econômicas domésticas de um determinado país, fechando lacunas específicas no mercado de trabalho e promovendo progresso econômico. Por sua vez, a OCDE traz orientações que estão em consonância com o enfoque que o Banco Mundial dá às questões econômicas e a questões humanísticas, como procede a UNESCO. De toda forma, embora cada uma dessas agências tenha propostas específicas para a Educação, elas defendem que a transferência de

⁷ De acordo com Cretella Neto (2013), em 1925 foi criado o Escritório Internacional de Educação (EIE), que visava promover a cooperação internacional em educação. Ainda de acordo com o autor, esse escritório manteve de forma independente suas atividades até 1968. Desde o ano seguinte, “o EIE integra o Secretariado da UNESCO” (CRETILLA NETO, 2013, p. 71). Portanto, pode-se considerar que o EIE é um antecessor da UNESCO, mas que ainda permanece ativo no seio dessa última Organização Internacional.

conhecimento educacional é chave para o desenvolvimento das nações (CUNHA, 2016). Diante de uma análise acerca das perspectivas de cada uma das organizações internacionais acima citadas, esta pesquisa elege como eixo empírico a atuação da UNESCO no que se refere à Educação e, em especial, a internacionalização da ES. Justifica-se essa escolha uma vez que, em comparação com a OCDE e o BM, a UNESCO possui uma visão mais humanística para o assunto (CUNHA, 2016).

Quadro 1 - Comparação de conceitos entre as Organizações Internacionais (OIs)

Conceito	UNESCO	OCDE	Banco Mundial
Globalização	Processo multifacetado que impacta os sistemas de educação superior	Mobilidade de recursos internacionais e aumento da interdependência entre nações	Competição global baseada no conhecimento
Internacionalização da educação superior	Criação de mecanismos e instrumentos para compartilhar conhecimento	Crescimento da educação transnacional pela mobilidade de acadêmicos, de programas e de instituições	Não foram observadas posições próprias sobre este item. Utilizada a visão da OCDE
Tendências da Educação Superior	Crescimento da demanda por Educação Superior; uso intensivo das novas tecnologias, emergência do setor privado	Entendimento mútuo entre as IES para oferecerem programas educacionais; receitas adicionais das IES por educação transnacional com lucros; atração e retenção de talentos no mercado de trabalho da OCDE	Crescimento da demanda por ensino superior e emergência do setor privado; Formação da força de trabalho global; aprendizagem ao longo da vida; uso intensivo de novas tecnologias
Papel dos Estados	Regulador e parceiro da comunidade acadêmica	Regulador e acreditador	Regulador e acreditador

Fonte: O autor, adaptado de Souza (2008).

O quadro 1 expõe as percepções e concepções da UNESCO, OCDE e BM no que se refere a suas respectivas concepções acerca da globalização, da internacionalização da ES, das tendências no âmbito da ES e os papéis esperados dos Estados nesse contexto. Verifica-se que cada OI possui sua própria visão acerca do assunto, pressupondo que deve ser considerado ao trabalhar com a internacionalização da ES em IES. É importante, também, perceber que essas concepções podem servir de guia para a elaboração das estratégias nacionais e institucionais, por essa razão as escolhas e estratégias traçadas pelos Estados e pelas instituições devem possuir coesão (SOUZA, 2008).

Como mencionado anteriormente, a visão da UNESCO sobre esses assuntos parte de uma premissa mais humanística e, em comparação com as outras duas OIs, pode ser encarada como uma “forma de respostas à globalização por meio da criação de mecanismos e de instrumentos para se compartilhar o conhecimento” (SOUZA, 2008, p. 44).

Ainda acerca da UNESCO, segundo Mayor e Sama (1997, p. 89 *apud* Cunha 2016, p. 20), pode-se afirmar que:

A UNESCO traz uma perspectiva mais humanística que situa o ser humano no epicentro do desenvolvimento, ou seja, “voltar-se para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito aos direitos e liberdades fundamentais [...] devendo promover o entendimento, a tolerância e a amizade entre as nações e todos os grupos raciais e religiosos.

Ainda com o intuito de justificar a escolha da UNESCO como organização internacional norteadora para a pesquisa, pode-se também verificar, a partir da citação acima, que a perspectiva da UNESCO está em consonância com as afirmações de Trevisol e Fávero (2019), citados anteriormente. Não obstante, cabe ressaltar que essa organização internacional versa longamente sobre a internacionalização da educação superior, o que a coloca em evidência.

Em 16 de novembro de 1945, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi criada para promover a paz por meio da cooperação intelectual entre os povos e Estados. A organização exerce uma forte atuação no acompanhamento do desenvolvimento global e realiza ações para auxiliar os seus Estados membros, que hoje somam 193, no desenvolvimento intelectual (GRUMAN, 2008). Em estudo realizado por Evangelista (2000), define-se que a UNESCO se propõe a encontrar soluções para as mais diversas sociedades e, conseqüentemente, propor soluções para problemas no que tange a seu escopo. Ainda segundo esse autor, a UNESCO é uma agência especializada da Organização das Nações Unidas, o que significa que se trata de uma outra organização e que tem por objetivo atuar nos temas Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação. Além disso, o autor complementa que é comum que a UNESCO se estabeleça nos territórios de seus países membros, assim, sua compreensão acerca da realidade local e suas ações podem ser mais direcionadas aos problemas locais. Segundo o próprio site da UNESCO Brasil, sua

representação no país se deu no ano de 1964, mas foi apenas em 1972 que a organização estabeleceu a configuração de um escritório próprio em Brasília.

De acordo com Catani e Oliveira (2000), a UNESCO formulou diretrizes de políticas de reestruturação para a educação superior a partir da I Conferência Mundial sobre Educação Superior (I CMES), realizada em Paris, em outubro de 1998. Na sequência, em 2009, de acordo com Segrera (2012), ocorreu a II Conferência Mundial sobre Educação Superior (II CMES), também realizada em Paris (CATANI; OLIVEIRA, 2000). Ainda segundo esse autor, tanto em 1998 quanto em 2009, ocorreram sessões nessas conferências discutindo-se sobre a Internacionalização, regionalização e mundialização da ES em um contexto global. Isso demonstra o quão importante o tema da internacionalização da ES vem se demonstrando no cenário internacional.

3.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONCEITOS E REFLEXÕES

O conceito de internacionalização da Educação Superior é amplamente debatido nos últimos anos por diferentes autores, que contribuem de formas distintas para a exploração e investigação do tema. Na última década o conceito de internacionalização vem sendo aprimorado e tratado com mais rigor (MIURA, 2006). Atualmente, as questões acerca da internacionalização da Educação Superior são tratadas desde as formas como as IES podem implementar a internacionalização até os efeitos positivos e negativos que desencadeiam na Educação Superior e para as IES (ALMEIDA, 2017). Desse modo, realizou-se uma pesquisa sobre o entendimento acerca da internacionalização da Educação Superior a partir da visão de diferentes autores, nacionais e estrangeiros.

Acerca da literatura nacional atualizada e disponível sobre o tema, esta pesquisa lançou mão de algumas contribuições de Cunha *et al.* (2016), Morosini (2019), Clemente e Morosini (2019), Laus (2012), Stallivieri (2007, 2017), Stallivieri *et al.* (2019), que são fundamentais para compreender a internacionalização da Educação Superior por meio de um olhar brasileiro, mais adequado à nossa realidade e ao nosso contexto.

Cunha *et al.* (2016) se debruçam em pesquisas sobre as questões de dependência e interdependência entre os Estados, e o local da Educação Superior nesse contexto internacional. Ao que tudo indica, para as pesquisadoras não parece

ser possível entender a internacionalização da Educação Superior contemporânea sem que pontes para o passo sejam construídas. As autoras afirmam que a internacionalização da Educação Superior está presente em nosso país desde o Brasil Colônia, e que devido à “tardia criação das universidades brasileiras no solo brasileiro, Portugal se tornou a referência nesse nível de formação, com raras exceções” (CUNHA *et al.*, 2016, p. 33). Pode-se, então, inferir que essa era uma relação de desequilíbrio de poder, uma dependência do Brasil em relação a Portugal. Em um salto para os anos de 1980, as pesquisadoras esclarecem que, a partir das alterações nas políticas mundiais e internacionais, com destaque ao evento e ao simbolismo imbricado na queda do muro de Berlim, ocorre a ascensão do neoliberalismo como uma possível solução universal para a economia internacional (CUNHA *et al.*, 2016). Nesse contexto histórico, Organizações Internacionais, com destaque ao Banco Mundial (BM), obtiveram poder no cenário internacional e, conseqüentemente, acirraram as relações de dependência entre países ricos e pobres (CUNHA *et al.*, 2016). Nesse contexto histórico da internacionalização da Educação Superior, Cunha *et al.* (2016, p. 35) afirmam que “o conhecimento se traduz em mercadoria e faz a mais daqueles que o possuem, dando-lhes o direito de definir seus rumos”. Em um outro salto, agora para os anos 2000, as pesquisadoras esclarecem que nessa década o jogo de forças entre progressistas e conservadores se alterou. “Muitos países latino-americanos elegeram dirigentes com pensamento mais à esquerda, vinculados com a base populacional que lhes dava sustentação” (CUNHA *et al.*, 2016, p. 35). Ainda nessa década:

O mundo se globalizava, e nenhum país seria mais uma ilha. A interdependência estava reconhecida como inevitável. Mas estava dada a necessidade de um equilíbrio de forças e uma troca de expectativas e insumos, sejam materiais, sejam intelectuais. Nessa perspectiva, a internacionalização assumiu um papel de respeito mútuo e de maior solidariedade, porque foi reconhecida a interdependência planetária, na qual o equilíbrio ecológico afeta a todos e, por sua vez, depende de um desenvolvimento sustentável para o mundo. Certamente esse reconhecimento não significa menos acirramento nas relações de poder; entretanto, são mais controladas as suas repercussões e mais visíveis os seus impactos. Nesse sentido as tecnologias de comunicação vêm desempenhando um importante papel e favorecendo um desejável equilíbrio que regule os excessos. Infelizmente as disputas de poder continuam acirradas e as guerras étnicas se fundam em interesses econômicos (CUNHA *et al.*, 2016, p. 35).

Diante disso, Cunha *et al.* (2016) entendem que a internacionalização deve ser praticada, em todo e qualquer âmbito e contexto, invariavelmente, como algo que

esteja a serviço da qualidade de vida para todos. Defendem que essa é a real função da internacionalização da Educação Superior, que ela não pode ser entendida de outra forma senão como uma prática pautada na solidariedade.

Na opinião de Morosini (2019), a internacionalização da Educação Superior é um campo multidisciplinar que se constitui por meio de múltiplos olhares e que a “principal razão do interesse pela internacionalização da educação veio com a globalização [...]” (MOROSINI, 2019, p. 12). Para a pesquisadora, a internacionalização da Educação Superior não está voltada apenas para o corpo docente ou discente das IES, mas também para os seus administradores e gestores. A pesquisadora argumenta que a internacionalização já foi encarada como uma ameaça simbólica, repleta de incertezas e ambiguidades, como uma espada apontada sobre a cabeça de gestores e de vários outros imbricados no estudo e na prática da internacionalização, não importando os seus respectivos países de origem e seus respectivos desenvolvimentos socioeconômicos. Em adição, a pesquisadora argumenta que essa “pressão, anteriormente, estava restrita a pós-graduação, adentra, hoje, a graduação” (MOROSINI, 2019, p. 11). Contudo, Morosini (2019) sintetiza que atualmente a internacionalização no contexto da Educação Superior no século XXI pode ser compreendida de modo diferente e mais claro, como o:

Processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural na Educação Superior, advindo de interações, sustentadas por redes colaborativas, com blocos socioeconômicos desenvolvidos e com outros que valorem múltiplas culturas, diferenças, locais e tempos, fortalecendo a capacidade científica nacional, com o fito de ser irradiador do desenvolvimento sustentável (MOROSINI, 2019, 21).

Neste sentido, a pesquisadora destaca que a internacionalização da Educação Superior caminha rumo a uma educação planetária cuja a compreensão é a inter-relação que se estabelece entre a própria internacionalização e a interculturalidade e que, portanto, não se pode separar o pensamento acerca da interação entre diferentes culturas e seus respectivos aspectos estruturantes (CLEMENTE; MOROSINI, 2019). Desse modo, a pesquisadora entende a contribuição da internacionalização da Educação Superior como a criação de:

[...] relação entre pessoas, cada qual com uma cultura própria, a internacionalização tem como suporte o desenvolvimento de competências interculturais. Essas são de difícil conceituação, mas trazem como princípio o conhecimento da cultura que está entrando em contato, e principalmente, habilidades e atitudes que permitam o indivíduo ter uma interação exitosa com pessoas de diversas formações [...] (MOROSINI, 2019, p. 13).

Diante da exposição da visão de Morosini (2019) acerca da internacionalização da Educação superior, pode-se afirmar que a internacionalização pode propiciar à Educação Superior concepções mais amplas e densas, “ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global” (MOROSINI, 2019, p. 12).

Já de acordo com as pesquisas realizadas por Laus (2012, p. 79), os “conceitos de internacionalização da educação superior, bem como o de internacionalização de uma instituição de ensino superior apresentam alguns pontos que podem levar a uma falsa convergência”. A pesquisadora reconhece que não existe um consenso entre os pesquisadores acerca da conceituação, razões e rumos da internacionalização da Educação Superior, e defende que o campo conceitual ainda precisa ser aprofundado para que esse processo seja mais claro (LAUS, 2012). No entanto, a pesquisadora relata que:

O conceito de internacionalização de uma universidade já não se refere apenas à organização de atividades internacionais (programas de intercâmbio de professores, pesquisadores ou estudantes ou à recepção das mesmas categorias de estrangeiros), como vem sendo correntemente entendido nas IES brasileiras. Deixou de ser uma prática cujos benefícios eram predominantemente individuais para concentrar-se no interesse da melhoria da qualidade institucional como um todo, em uma oportunidade para a inserção institucional no amplo universo onde os saberes são produzidos e as culturas interatuam e devem se complementar (LAUS, 2012, p. 79-80).

Diante disso, é possível inferir que a pesquisadora entende a internacionalização da Educação Superior para além, sobretudo, de atividades de mobilidade acadêmica e mobilidade de professores. Em corroboração a essa inferência, ela destaca que “o amplo processo de internacionalização da educação superior, do qual a internacionalização das universidades decorre, poderia ser entendido como um dos mecanismos da chamada globalização [...]” (LAUS, 2012, p. 80) e que deve ser encarada como uma possibilidade de “melhoria da qualidade institucional como um todo, em uma oportunidade para a inserção institucional no amplo universo onde os saberes são produzidos e as culturas interatuam e devem se complementar (LAUS, 2012, p. 80).

Por outra perspectiva, Stallivieri (2007, p. 4) afirma que a internacionalização da Educação Superior se trata da “cooperação em todas as suas formas: cooperação científica, tecnológica, acadêmica; e em seus diferentes níveis [...], principalmente

voltadas para o âmbito da cooperação interinstitucional⁸". Já de acordo com estudos mais recentes, Stallivieri *et al.* (2019, p. 2) complementam essa ideia e defendem que:

A internacionalização do ensino superior é um processo complexo e dinâmico, que envolve não apenas alunos e docentes, mas os diversos agentes do processo educacional, tais como reitores, pró-reitores, gestores administrativos, equipes operacionais e tantos outros. Assumindo um papel de evidência, pautada nas premissas da universalização do saber e da necessidade de formação de um cidadão global, apto a atuar de forma holística em uma sociedade globalizada e cada vez mais interligada, muitas instituições de ensino superior vêm encontrando, na possibilidade de oferta de experiências internacionais aos seus estudantes, a oportunidade de formação de um profissional diferenciado e com competências necessárias para o novo perfil requerido pelas demandas do mercado presente.

Porquanto, depreende-se que Stallivieri e colaboradores entendem a internacionalização da Educação Superior como um processo que afeta a todos em uma IES, e que é fundamentada pelas premissas da universalização do conhecimento. Também é perceptível a preocupação com a questão da formação de profissionais, que, por meio da internacionalização da Educação Superior, é possível transmitir as competências necessárias exigidas de estudantes e profissionais pelo mundo globalizado.

Sobre a visão de Miura (2006), a pesquisadora declara que a internacionalização da Educação Superior é uma resposta à globalização, como um fenômeno amplo que afeta diferentes níveis do contexto da Educação Superior. Conforme melhor detalha a pesquisadora:

[...] a internacionalização contempla as políticas e programas específicos organizados em diferentes níveis: governos, instituições acadêmicas, e mesmo pela iniciativa individual de departamentos e instituições para se adaptar ou para explorar de forma criativa os desafios impostos pela globalização. O espaço para a criatividade parece estar nas mãos das instituições que devem escolher as melhores formas para se adaptar ao ambiente acadêmico internacional acomodando, desta forma, diferentes graus de autonomia e iniciativa (MIURA, 2006, p. 36).

Diante disso, é possível perceber que a pesquisadora entende que a internacionalização da Educação Superior, no seio das IES, possui autonomia para escolher a concepção da prática da internacionalização. Percebe-se que a

⁸ De acordo com Marcovitch (1994, p. 13), a cooperação internacional acadêmica "decorre do engajamento dos protagonistas sociais e das instituições. Desse engajamento pode resultar um sistema de cooperação, estruturado pelos governos mas que transcenda seus limites. Sistema que busque uma estratégia, métodos de gestão e uma capacidade de negociação capazes de conciliar competição e cooperação. Iniciativas para um desenvolvimento orientado para as prioridades da maioria e das gerações futuras".

pesquisadora defende que as IES devem usufruir de sua criatividade para internacionalizarem-se.

No que se refere à literatura internacional, esta pesquisa lançou mão de algumas contribuições de Jane Knight (1994, 2004, 2008 e 2013), que são fundamentais para uma compreensão mais profunda no que se refere ao conceito e, conseqüentemente, entendimento mais detalhado acerca da concepção de internacionalização da Educação Superior.

Knight (1994) defende que o propósito e o significado da internacionalização da educação Superior costumam variar de instituição para instituição, mas normalmente referem-se a uma gama de atividades, políticas e serviços que estruturam na IES uma dimensão internacional e intercultural em suas funções de ensino, pesquisa e serviços. Ainda de acordo com a pesquisadora, muitas IES reconhecem a necessidade de internacionalizar-se, mas enfrentam problemas ao tentar elaborar e seguir estratégias (KNIGHT, 1994). Desse desafio, Knight (1994) buscou averiguar quais eram os elementos importantes presentes no processo de internacionalização no seio de IES, enfatizando os fatores e os princípios organizacionais, pois estes ajudam a integrar a internacionalização da Educação Superior nos administrativos da IES e, conseqüentemente, propiciar uma cultura interna que valorize e apoie a internacionalização e, naturalmente, os seus benefícios (KNIGHT, 1994). Essa pesquisa culminou na elaboração de um modelo de internacionalização, que é composto por seis fases que uma IES deve passar, em seu próprio ritmo e de acordo com seus objetivos, necessidades e capacidade (KNIGHT, 1994). De acordo com a própria autora, essas seis fases são: conscientização, compromisso, planejamento, operacionalização, revisão e reforço (KNIGHT, 1994). Por esse assunto ser considerado elemento nuclear para esta dissertação, separou-se um tópico específico para esse assunto, onde serão apresentadas mais informações sobre cada uma dessas fases e a forma como elas se relacionaram com a pesquisa de campo e com a proposta do produto desenvolvido pelo presente pesquisador.

Dez anos mais tarde, Knight (2004) volta a pesquisar definições e novas concepções acerca da internacionalização da Educação Superior, com o intuito de revisar o que havia sido pesquisado e publicado até 2004. Nesse ano, o autor passa a reafirmar o que havia dito em 1994, mas coloca mais ênfase no nível setorial/nacional da internacionalização da Educação Superior, o que faz com que a

compreensão da internacionalização seja ainda mais ampla. De acordo com a própria pesquisadora (2003 *apud* Knight 2004, p. 11), o conceito de internacionalização da Educação Superior passa a ser remodelado para “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, nas funções e na entrega de Educação Superior”.

A pesquisadora reforça que os termos *dimensão internacional*, *intercultural* e *global* são utilizados propositalmente, como se formassem uma tríade, além de defender que somente realizando a combinação desses termos é que a verdadeira amplitude da internacionalização pode ser elucidada (KNIGHT, 2004). A pesquisadora explica que *internacional* é utilizado para descrever a relação entre as nações, culturas ou países; *intercultural* para abordar formas de realizar a internacionalização na própria IES por meio do fomento a atividades interculturais, o que ela chama de internacionalização em casa, e, por fim, o *global* para se referir ao escopo mundial no qual a Educação Superior está inserida (KNIGHT, 1994).

Por *propósito*, *função* e *entrega*, Knight (2004) defende que esses três termos, cuidadosamente escolhidos, também devem ser utilizados juntos. Para a pesquisadora, o *propósito* refere-se ao papel que a Educação Superior possui em relação ao seu país ou região, já a *função* faz referência a elementos e tarefas que caracterizam um determinado sistema de Educação Superior em um determinado país ou região e, por fim, *entrega* refere-se à oferta de cursos e aos programas de Educação (KNIGHT, 2004).

Knight (2004) salienta que essa nova concepção, mais esclarecida, sobre a internacionalização da Educação Superior não conflita com a concepção difundida por ela em 1994, mas que são complementares.

Portanto, os termos mais genéricos de *propósito*, *função* e *entrega* são utilizados em vez dos termos funcionais específicos de *ensino*, *pesquisa* e *serviço*. Utilizando esses três termos mais gerais, a definição proposta pode ser relevante para o *nível setorial*, o *nível institucional* e a uma variedade de prestadores de Educação superior no amplo campo educacional (KNIGHT, 2004, p.12)

Nove anos depois, Knight (2013) publica a obra *Internationalization: Three Generations of Crossborder Higher Education*⁹. Nela, a pesquisadora define que educação transfronteiriça se refere ao movimento de pessoas, conhecimento,

⁹ Internacionalização: Três Gerações de Educação Superior Transfronteiriça

programas, prestadores de serviço, políticas, ideias, currículo, projetos, pesquisa e serviços através das fronteiras (KNIGHT, 2013). A pesquisadora destaca que Educação Superior Transfronteiriça não é a mesma coisa que Internacionalização da Educação Superior. Para ela, Educação Superior Transfronteiriça é apenas uma parte da internacionalização da Educação Superior (KNIGHT, 2013). Para Knight (2013) ao lado da *Educação Superior transfronteiriça* há a concepção de *Internacionalização em Casa*, que se refere às atividades internacionais, interculturais e globais que impactam no interior das IES (adaptação de currículo, recepção de estudantes estrangeiros etc.). A pesquisadora defende que esses conceitos juntos formam o conceito de internacionalização da Educação Superior (KNIGHT, 2013).

Haja vista as diferentes proposições das autoras, o quadro abaixo apresenta recortes importantes e, conseqüentemente, suas concepções de forma mais sintética para uma análise mais concisa.

Quadro 2 - Conceitos abordados acerca da internacionalização da ES

Autores	Proposições
Cunha <i>et al</i> (2016)	A internacionalização assumiu um papel de respeito mútuo e de maior solidariedade, porque foi reconhecida a interdependência planetária, na qual o equilíbrio ecológico afeta a todos e, por sua vez, depende de um desenvolvimento sustentável para o mundo.
Morosini (2019)	Processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural na Educação Superior, advindo de interações, sustentadas por redes colaborativas, com blocos socioeconômicos desenvolvidos e com outros que valorem múltiplas culturas, diferenças, locais e tempos, fortalecendo a capacidade científica nacional, com o fito de ser irradiador do desenvolvimento sustentável
Laus (2012)	Interesse da melhoria da qualidade institucional como um todo, em uma oportunidade para a inserção institucional no amplo universo onde os saberes são produzidos e as culturas interatuam e devem se complementar
Stallivieri (2007)	A internacionalização do ensino superior é um processo complexo e dinâmico, que envolve não apenas alunos e docentes, mas os diversos agentes do processo educacional, tais como reitores, pró-reitores, gestores administrativos, equipes operacionais e tantos outros. Assumindo um papel de evidência, pautada nas premissas da universalização do saber e da necessidade de formação de um cidadão global, apto a atuar de forma holística em uma sociedade globalizada e cada vez mais interligada [...] de oferta de experiências internacionais aos seus estudantes, a oportunidade de formação de um profissional diferenciado e com competências necessárias para o novo perfil requerido pelas demandas do mercado presente.
Knight (1994)	Costuma variar de instituição para instituição, mas normalmente refere-se uma gama de atividades, políticas e serviços que estruturam na IES uma dimensão

	internacional e intercultural em suas funções de ensino, pesquisa e serviços.
Knight (2004)	O processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, nas funções e na entrega de Educação Superior”

Fonte: O autor, adaptado de Cunha *et al* (2016)

Diante disso, a internacionalização é um instrumento vantajoso que auxilia as IES a encontrar e estabelecer pontos de referências, educação comparada, e a encontrar soluções inovadoras tanto para a sua gestão quanto para o ensino, pesquisa e extensão (KNIGHT, 2005, p. 20). Desse modo, a autora afirma que a internacionalização corrobora com a qualidade das IES, seja no quesito serviço, seja no quesito acadêmico. A partir disso, verifica-se que a internacionalização pode ocorrer de diversas formas, como por meio da mobilidade acadêmica internacional, da cooperação acadêmica de discentes, docentes e pesquisadores (com ou sem deslocamento físico), da parceria transnacional entre IES de diferentes países etc.

Diante de toda a reflexão realizada, a presente dissertação foi norteadada pela definição de internacionalização da Educação Superior (re)proposta por Jane Knight em 2004, reconhecendo que seus pilares são a Educação Superior Transfronteiriça e a Internacionalização em Casa. Não somente, ressalta-se que o enfoque desta pesquisa é o âmbito institucional, uma vez que esta dissertação tem por objetivo investigar processos institucionais de internacionalização específicos de uma IES brasileira. Por fim, cabe destacar que as demais contribuições também serão consideradas de forma que complementem e ampliem a concepção da internacionalização da Educação Superior, em especial durante a análise de dados.

3.3 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CONTEXTO BRASILEIRO: BASES LEGAIS E A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

No que concerne as questões políticas, de acordo com Lima e Maranhão, (2011), a internacionalização da ES pode ser classificada de duas maneiras: ativa e passiva. Como internacionalização ativa entende-se o processo que possui respaldo governamental, isto é, a internacionalização que ocorre em um país que investe em políticas estatais tanto para fomentar esse movimento quanto para garantir a qualidade da educação (LIMA; MARANHÃO, 2011). Neste sentido, ainda versando acerca da classificação ativa, os Estados podem atuar de modo que, por meio de

políticas públicas, possam atrair estudantes estrangeiros e ofertar serviços educacionais, como é o caso da instalação de campi em países estrangeiros. Já acerca da internacionalização passiva, trata-se do inverso. Ou seja, a internacionalização passiva ocorre em países ou em IES que não possuem políticas estatais ou institucionais relevantes para a internacionalização, bem como não possuem recursos materiais e humanos suficientes para que sejam considerados atrativos para docentes, discentes, pesquisadores e instituições estrangeiras (LIMA; MARANHÃO, 2011).

De acordo com Maués e Bastos (2017), existe um outro motivo pelo qual a internacionalização da ES ganha força nos anos 1990, o qual está diretamente ligado a questões políticas, econômicas e sociais. Segundo os autores, é justamente a partir dessa década que ocorre a instauração da globalização impulsionada pelas novas tecnologias, a transição do capitalismo monopolista para um capitalismo financeiro e, não menos importante, a adoção do neoliberalismo na América Latina.

É também na década de 1990 que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é sancionada. De acordo com Bittar, Almeida e Veloso (2008, p. 97):

A educação superior tem capítulo específico na nova lei, no qual vários aspectos foram modificados, incluindo a diversificação de IES que apresentam nova organização acadêmica: universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdades isoladas, escolas e institutos e centros de educação tecnológica, bem como a modalidade de oferta de cursos de graduação, como cursos sequenciais e a distância, que retratam o contexto político em que o neoliberalismo tem papel principal influenciando na diferenciação de diretrizes para as universidades. As orientações preconizadas pela LDB/1996 e por legislação complementar, como por exemplo, flexibilização, heterogeneidade e diversificação da educação superior (BITTAR; ALMEIDA; VELOSO, 2008. p. 97)

Nesse contexto, ocorre a expansão da educação no Brasil, que partiu de dois eventos importantes, sendo o primeiro a Reforma do Estado (brasileiro) e o segundo a categorização da educação superior como serviço, o que ocorreu a partir da celebração do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços.

No que se refere à Reforma do Estado, um documento chamado Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, foi elaborado em 1995 pelo Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado, onde consta que as universidades deixam de ser consideradas atividade exclusiva do Estado (MAUÉS; BASTOS, 2017). Já o Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (*General Agreement on Trade in*

Services, GATS), elaborado no seio da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1994, inclui a educação em uma categoria de serviços (MAUÉS; BASTOS, 2017).

Nos países da América Latina e Caribe, de acordo com Pinto e Larrechea (2018), os sistemas de educação em países em desenvolvimento, passaram por modificações profundas desde a última década do século XX. Os autores verificaram que no Brasil, a partir de então, surgiram outras formas de instituir as Instituições de Ensino Superior, que não estão totalmente sob a gerência do setor público. Não somente, os autores verificaram que, além das formas de institucionalizar a Educação Superior, houve também uma modificação nos formatos dessas instituições: as Instituições de Ensino Superior privadas credenciadas não somente como Universidades. Nesse caso, refere-se às criações e credenciamentos de Faculdades e Centros Universitários. Desse modo, “a presença de diversos formatos institucionais, entre os quais a universidade é apenas um deles, tornou mais complexa a economia política dos sistemas de educação superior” (PINTO; LARRECHEA, 2018, p. 719).

Essa expansão demográfica gerou uma forte diferenciação interna nos sistemas de ES. Hoje, para além do tradicional setor universitário, surgiram instituições de educação superior que não são universidades e relacionadas ao setor público. Houve, enfim, uma multiplicação de instituições privadas de ensino superior.

As alterações políticas, econômicas e sociais fizeram da década de 1990 um período da expansão do ensino superior no Brasil, já que é nesse período que ocorre o processo de privatização e mercantilização da educação superior (MAUÉS; BASTOS, 2017). Isto é, nesse período começam a surgir inúmeras instituições de ensino superior privadas e, com isso, um aumento vertiginoso de matrículas. É nesse contexto que, em continuidade às afirmações de Maués e Bastos (2017), as mais diversas IES passaram a atender aos interesses do mercado.

Nessa conjuntura, em consonância com a tendência mundial, o Estado brasileiro instalou planos estratégicos e ações de internacionalização da educação superior com o objetivo de desenvolver programas nessa área, tais como: internacionalização de cursos; fomento ao estudo de línguas estrangeiras; incentivo a discentes e docentes para realizar estudos em países estrangeiros; promoção da mobilidade acadêmica tanto para docentes quanto para pessoal administrativo; programas de professores e pesquisadores visitantes e outros (MAUÉS; BASTOS, 2017).

Com isso, Maués e Bastos (2017) destacam que o Estado brasileiro passou a participar de forma efetiva e organizada em cooperações internacionais, de forma horizontal, na seara da educação superior. Os três aparelhos que desempenharam mais ações para o financiamento de formação de pessoal no exterior foram o Ministério da Educação (MEC/CAPES), Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC/CNPq) e o próprio Ministério das Relações Exteriores (MRE/Itamaraty).

Neste ponto serão abordados a Constituição da República Federativa do Brasil (CF), de 1988, o Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado (PDRAE), de 1995, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), de 2004, o Plano Nacional de Educação (PNE), do período entre 2014 e 2024, e, por fim, o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), do período entre 2011 e 2020. Esse é um recorte de instrumentos jurídicos importantes para a Educação no país e, a partir deles, serão tecidas considerações importantes para a internacionalização da educação superior.

Quadro 3 - Programas de mobilidade externa financiados pelo Governo Brasileiro, entre 1997 e 2017

CNPq/MCT	MRE/ITAMARATY	CAPES/MEC
-----	-----	Graduação Plena
Graduação Sanduíche no Exterior	Graduação Sanduíche (SWG)	Graduação Sanduíche
-----	Mestrado Profissional no Exterior (MPE)	Mestrado Profissional
Mestrado no Exterior	-----	Mestrado Pleno / Mestrado Sanduíche
Doutorado no Exterior	Doutorado Pleno (GDE)	Doutorado Pleno
Doutorado Sanduíche no Exterior	Doutorado Sanduíche (SWE)	Doutorado Sanduíche
Pós-Doutorado no Exterior	Pós-Doutorado (PDE)	Estágio Pós-Doutoral ou Pós-Doutorado
-----	Estágio Sênior (ESN)	Estágio Sênior
-----	Treinamento no Exterior (SPE)	Escola de Altos Estudos
-----	Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no exterior Junior	Programas Especiais (DRI)
-----	Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no exterior Sênior	Cátedra/Capacitação
Professor Visitante Especial	-----	Professor Visitante no Exterior

Fonte: Maués e Bastos (2017, p. 337).

O quadro 3 apresenta os programas de mobilidade externa financiados pelo Governo Brasileiro, entre 1997 e 2017, os quais eram destinados tanto a professores

quanto a alunos. Os dados apresentados são referentes a vinte anos de concessões, conforme aponta pesquisa realizada por Maués e Bastos (2017).

3.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FACE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A CIDADANIA GLOBAL

Stallivieri (2017) afirma que o século XXI é marcado pelas NTICs, as quais estão (re)configurando o processo de globalização no contexto da ES. Ainda de acordo com a autora, o “rápido desenvolvimento dos meios de comunicação que circulam informações coloca os indivíduos em contato diferentes línguas e culturas existentes” cria um “sentimento de ser cidadão do mundo” (STALLIVIERI, 2017, p. 168). Neste mesmo sentido, Morosini (2019, p. 12) defende que a internacionalização da ES deve ser pensada e operacionalizada como “um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”. Em síntese, a internacionalização da ES deve ser implementada e conduzida de modo que suas atividades estejam em consonância com o conceito de cidadania global.

De acordo com Green (2012, p.1) “a cidadania nacional é um acidente de nascimento; a cidadania global é diferente”. É importante iniciar a reflexão sobre a cidadania global a partir dessa citação, pois, logo de início, já é possível transmitir a ideia de que a cidadania nacional não compete com a cidadania global e que, principalmente, a cidadania global pode ser uma escolha de países, instituições e indivíduos (GREEN, 2012).

São diversas as formas como a cidadania global pode ser definida, sejam por IES, sejam por políticas educacionais nacionais, estrangeiras e internacionais (HOREY et al, 2018). Em outras palavras, trata-se de um conceito amplo e que diferentes enfoques podem ser atribuídos a ele (GREEN, 2012). Além disso, Horey *et al.* (2018) alertam que muitas IES alegam preparar seus discentes e docentes para serem cidadãos globais, mas avaliar detalhadamente essas alegações nem sempre é possível, já que a compreensão de cidadania global altera de IES para IES, bem como de tempos em tempos. Embora o entendimento acerca da cidadania global sofra tais alterações, não se pode afirmar que as diferentes concepções sejam incompatíveis (HOREY et al., 2018).

Para Mikulec (2014), a cidadania global pode ser abordada e definida por dois vieses diferentes. O primeiro entende movimento da cidadania global como uma tentativa de impor os costumes ocidentais de forma vertical no cenário internacional, enquanto pelo segundo entende o movimento da cidadania global como sendo abordagem multicultural que pode ser aplicada na sociedade e, sobretudo, na ES. Conforme melhor explica a autora:

[...] a cidadania global pode ser definida de duas maneiras, sendo a primeira "uma tentativa de ocidentalizar o mundo, aplicando valores e conceitos ocidentais a contextos não ocidentais"; enquanto a segunda representa uma abordagem multiculturalista sustentada pelo respeito à diferença cultural e aos roteiros indígenas' e pela promoção das culturas locais e dos saberes locais (MIKULEC, 2014, p. 5).

Diante dessa problemática, Mikulec (2014) defende que o primeiro viés pode ser afastado à medida que a internacionalização da ES não seja tratada meramente como uma mercadoria, pois, pensar a internacionalização desse modo reforçaria um sistema que apenas favorece certos grupos. Ainda de acordo com a autora, encarar a internacionalização como uma mercadoria seria, em outras palavras, “tratar as questões globais de uma perspectiva de ganho econômico e não como um exame crítico das maneiras pelas quais o mundo está conectado” (MIKULEC, 2014, p. 6).

Dentre as tantas compreensões disponíveis na literatura, uma que se destaca é aquela proposta pela UNESCO, em 2015, a partir da publicação do relatório “Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI”. Nesse documento, a UNESCO define que:

Apesar de diferenças de interpretação, existe um entendimento comum de que cidadania global não implica uma situação legal. Refere-se mais a um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e à humanidade comum, bem como de promover um “olhar global”, que vincula o local ao global e o nacional ao internacional. Também é um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa (UNESCO, 2015, p. 14).

Ainda de acordo com esse relatório, uma educação voltada para a cidadania global pressupõe ações, parcerias, diálogos e cooperações no ambiente educacional formal a partir da utilização de metodologias e teorias de áreas correlatas a esse tema, tais como: educação em direitos humanos, educação para o desenvolvimento sustentável e educação para o entendimento internacional (UNESCO, 2015).

Haja vista essas explicações, deve-se pensar uma formação docente com vistas à cidadania global que ocorra por meio de um processo de internacionalização da ES multicultural. Em outras palavras, a internacionalização da ES em uma IES deve estar preocupada em estabelecer um norte para suas atividades e, conseqüentemente, proporcionar atividades aos professores e alunos a fim de que habilidades globais sejam alcançadas (MIKULEC, 2014). Conforme explica a autora:

A internacionalização na formação de professores não só proporciona uma oportunidade de desenvolver a autoconsciência global, mas também permite uma maior compreensão das questões do mundo que podem levar a um compromisso de agir. [...] uma experiência internacional verdadeiramente transformadora inclui fatores como oportunidades de reflexão sobre a própria identidade e compreensão pessoal e cultural. Isso pode parecer uma tarefa esmagadora, especialmente para professores novatos que estão apenas começando a planejar a instrução e incorporar os padrões exigidos, muito menos para incluir também perspectivas globais. No entanto, essas disposições são importantes se esperamos que os professores continuem seu compromisso com o engajamento global quando completarem sua preparação e comecem suas carreiras (MIKULEC, 2014, p. 10).

De acordo com a UNESCO (2015), a Educação deve caminhar em uma direção para além do desenvolvimento de conhecimentos e habilidades cognitivas, mas valorizar a construção de valores globais, habilidades socioemocionais (*soft skills*) e fomentar atitudes e posturas nos alunos e professores de modo que a cooperação internacional seja promovida com facilidade, bem como sirva de um reator para a transformação social.

De acordo com a visão de Bastos (2019), o relatório da UNESCO ¹⁰aponta para a necessidade de garantir aos indivíduos o desenvolvimento de qualificações internacionais, bem como sensibilizar para a importância e a relevância acerca da criação de competências interculturais em professores e alunos. Ainda de acordo com o autor, esse relatório deixa explícito que esse modelo de educação pode ser concretizado de diferentes formas, ou seja, sua materialização depende muito do contexto em que esteja sendo implementada nos países. De acordo com Bastos (2019 *apud* UNESCO, 2015, p. 9) são as seguintes diretrizes para a formação do cidadão global:

¹⁰ Questões referentes à cidadania global já eram discutidas anteriormente pela UNESCO. A exemplo, “no Artigo 6 da declaração da Conferência Mundial sobre a Educação Superior de 1998, para que possa desempenhar seu papel na identificação e no tratamento dos problemas que afetam o bem-estar das comunidades, das nações e da sociedade global, ou seja, as necessidades da sociedade” (UNESCO, 2012, p. 74).

- uma atitude apoiada por um entendimento de múltiplos níveis de identidade e o potencial para uma identidade coletiva que transcenda diferenças individuais culturais, religiosas, étnicas ou outras;
- um conhecimento profundo de questões globais e valores universais como justiça, igualdade, dignidade e respeito;
- habilidades cognitivas para pensar de forma crítica, sistêmica e criativa, incluindo a adoção de uma abordagem de multiperspectivas que reconheça as diferentes dimensões, perspectivas e ângulos das questões;
- habilidades não cognitivas, incluindo habilidades sociais, como empatia e resolução de conflitos, habilidades de comunicação e aptidões de construção de redes (networking) e de interação com pessoas com diferentes experiências, origens, culturas e perspectivas;
- capacidades comportamentais para agir de forma colaborativa e responsável a fim de encontrar soluções globais para desafios globais, bem como para lutar pelo bem coletivo.

Além de reconhecer que a implementação da internacionalização da ES nas IES deve ser pensada com vistas à formação docente, deve-se também reconhecer o papel que as NTICs assumem nesse cenário. Para a UNESCO (2015, p. 28):

Plataformas de aprendizagem online a distância podem alcançar educadores, a fim de aumentar suas capacidades, ou mesmo alunos, para potencializar sua experiência educacional. No caso da educação de professores, [...] os professores podem criar salas de aula virtuais para fomentar a colaboração dentro da sala e, a partir delas, seus alunos podem fazer excursões virtuais ou pairar-se online com escolas-irmãs. “Incorporar questões e perspectivas globais na educação frequentemente é um pensamento a posteriori”, diz Ryan MacLean [...]. O objetivo é apoiar alunos a se engajar com pessoas de outras culturas, colaborar entre culturas, em um mundo cada vez mais globalizado onde precisam competir e colaborar.

Diante disso, se faz necessário reconhecer que as NTICs estão cada vez mais presentes na sociedade e que estão mudando a sociedade como um todo, em especial o cenário educacional. Também deve reconhecer que a internacionalização da ES não é um fim *per se*, mas um meio para que as IES alcancem seus objetivos. Logo, as IES que se preocupam em ofertar educação e serviços devem considerar a formação docente em uma perspectiva global e multicultural via internacionalização, o que correr também por meio do uso das NTICs.

Contudo, é preciso estar atento para que o processo de implementação e operacionalização da internacionalização da ES dentro das IES esteja bem concebido e que bem implementado.

4 DEMARCAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO EM NÍVEL INSTITUCIONAL

Entender os conceitos basais sobre globalização, OIs, bases legais e internacionalização da ES é fundamental para que se iniciem os processos de internacionalização em nível institucional. Contudo, mais estudos devem emergir para auxiliar as IES que estão buscando uma construção mais concisa, organizada e sólida de internacionalização. Logo, é necessário também ter ciência da teoria que versa especificamente sobre processos em nível institucional. Em outras palavras, “para a internacionalização da educação, estratégias devem ser estudadas no sentido de operacionalizar as técnicas administrativas que envolvam os dirigentes, estudantes, professores e o corpo docente” (LISBOA, 2018, p. 310).

Em complementação a essa ideia, Stallivieri (2017, p. 70) sublinha que “cada instituição deve buscar seu desenvolvimento internacional de acordo com suas metas características e suas possibilidades de atingir as metas por ela definidas”. Muitas IES aderem à internacionalização da ES “sem o menor preparo técnico, bem como estruturas organizacionais e administrativas e, muito menos, das estruturas acadêmicas, linguísticas e pedagógicas. Os resultados obtidos geraram mais desgaste institucional do que ganhos e benefícios [...]” (STALLIVIERI, 2017, p. 83). Diante desses apontamentos, elementos pertinentes à temática emergiram no decorrer das investigações.

Assim, elucidam-se algumas demarcações teóricas acerca das dimensões da internacionalização, as razões para internacionalizar-se, os riscos inerentes do processo e que devem ser observados pelas IES e alguns modelos teóricos de internacionalização. A presente pesquisa evidenciou que esses são elementos bastantes discutidos na literatura e que, portanto, devem ser postos para reflexão no âmbito da pesquisa.

4.1 DIMENSÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Knight (2008) afirma que o contexto global atual é marcado por uma grande demanda por educação em nível superior, fator responsável por conduzir muitos países a expandir a mobilidade acadêmica para além de suas fronteiras. Em outras

palavras, Knight (2008) afirma que não são mais apenas os estudantes e pesquisadores que estão transpondo fronteiras, mas sim os mais diversos programas e instituições de ensino superior. Neste sentido, de acordo com Knight (2008), explorar a dimensão internacional da IES é fator-chave para a internacionalização da educação superior, dimensão que pode ser entendida pelos seguintes elementos:

- Criação de redes colaborativas internacionais voltadas para a educação, bem como a formação de consórcios entre IES de diferentes países;
- Aumento de interesse por temas e pesquisas internacionais;
- Aumento no número de atividades de mobilidade acadêmica internacional;
- Aumento no número de discentes, docentes e pesquisadores que participam de atividades de mobilidade acadêmica internacional;
- Ampliação de atividades de extensão no campus, mas que contemplem componentes internacional ou multicultural;
- Ampliação do número de cursos, programas e qualificações que se concentram em temas comparativos e internacionais;
- Aumento de recrutamento de estudantes de países estrangeiros;
- Ampliação do número de cursos com graus conjuntos ou dupla titulação;
- Priorização pelo desenvolvimento de competências internacionais, interculturais e globais para discentes, docentes e pesquisadores, bem como para as próprias IES;
- Expansão de parcerias, franquias e campi virtuais;
- Criação de novas organizações nacionais, regionais e internacionais que enfatizem a educação internacional;
- Criação de novas políticas e programas governamentais para a internacionalização da educação superior em nível nacional, regional e internacionais, que estejam fundamentados pela educação internacional.

Diante disso, a internacionalização é um instrumento vantajoso que auxilia as IES a encontrar e estabelecer pontos de referências, educação comparada, e a encontrar soluções inovadoras tanto para a sua gestão quanto para o ensino, pesquisa e extensão (KNIGHT, 2005, p. 20). Desse modo, a autora afirma que a internacionalização corrobora com a qualidade das IES, seja no quesito serviço, seja no quesito acadêmico. A partir disso, verifica-se que a internacionalização pode ocorrer de diversas formas, como por meio da mobilidade acadêmica internacional,

da cooperação acadêmica de discentes, docentes e pesquisadores (com ou sem deslocamento físico), da parceria transnacional entre IES de diferentes países etc.

4.2 RAZÕES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO

Em uma sociedade submersa na globalização, o século XXI apresentou ao mundo novos problemas que precisam ser pensados e resolvidos, que podem ser de ordem econômica, política e cultural, um mundo em que as nações estão cada vez mais conectadas e próximas (MIURA, 2006; GASICI, 2016).

Para observar e entender adequadamente as razões que levam uma IES rumo à internacionalização, precisa-se primeiramente entender que a “Internacionalização é um meio para um fim, não um fim *per se*” (KNIGHT, 2017, p. 14). Diante desse entendimento, a internacionalização da ES pode, por exemplo, auxiliar a IES a desenvolver conhecimentos, habilidades e valores, que vão ao encontro das exigências do século XXI (KNIGHT, 2017), por meio da operacionalização de estratégias de programas e estratégias organizacionais.

O objetivo não é apenas aumentar números de acordos de cooperação internacional ou a quantidade de discentes em programas de mobilidade acadêmica, mas garantir que os sujeitos envolvidos estejam participando de atividades que os preparem melhor para viver e trabalhar em um mundo mais interconectado (KNIGHT, 2017). Somente a partir da adoção dessa postura que a IES poderá integrar a dimensão internacional em suas principais atividades acadêmicas de forma sustentável e que tragam ganhos reais para a comunidade e sociedade (KNIGHT, 2017).

Knight (1994) defende que as IES devem identificar quais são suas próprias razões e, conseqüentemente, definir as melhores estratégias para sua internacionalização. Ainda de acordo com esse estudo, a competitividade global entre IES de diferentes países e regiões faz emergir a necessidade de que elementos da internacionalização sejam incorporados às funções de serviço e atividades acadêmicas em seus currículos e serviços. Somente com base nisso será possível formar sujeitos para que possam atuar na sociedade de forma mais participante em um mundo globalizado e interdependente (KNIGHT, 1994).

A sociedade moderna está colocando uma forte ênfase na cultura global, no comércio internacional e nos relacionamentos interculturais [...] a

sobrevivência de cada nação depende de sua habilidade para construir e promover relações internacionais e interculturais nas quais as instituições de ensino superior são uma posição única para desenvolver e fortalecer essas relações (KNIGHT, 1994).

Knight (2004) propôs que as razões institucionais/acadêmicas podem ser desdobradas em cinco grupos, quais sejam: perfil internacional e reputação; formação de estudantes e funcionários; geração de receita; formação de alianças estratégicas; e pesquisa e produção de conhecimento. Para cada grupo há atividades específicas que as IES podem operacionalizar.

Quadro 4 - Razões emergentes para a internacionalização institucional apontadas por Miura (2006)

Razões	Conceitos
Perfil internacional e reputação	Lograr elevado padrão acadêmicos internacional a fim de conquistar uma reputação de qualidade acadêmica internacional. Neste mesmo sentido, obter o reconhecimento a fim de que sejam atraídos tanto docentes quanto discentes brilhantes para a criação e execução de projetos de treinamentos internos (institucionais) ou desenvolvimento de projeto de pesquisa internacionais.
Formação de estudantes e professores	Preparar docentes e discentes a entenderem e atuarem sobre questões globais e em relações internacionais e/ou interculturais. Contudo, deve-se identificar quais competências e habilidades são almejadas pela IES e, conseqüentemente, desenvolvidas em docentes e discentes por meio do processo de internacionalização da Educação Superior.
Geração de receita	Criar atividades de internacionalização que vão ao encontro das necessidades e objetivos financeiros da IES, como fonte alternativa de geração de receitas. Em especial para IES públicas, que não visão lucros, essa razão pode se dar de uma forma bastante complexa e, porventura, inviável nesse âmbito. As receitas oriundas das atividades de internacionalização podem ser revertidas para financiar outras atividades acadêmicas da IES, uma vez que IES, públicas e privadas, costumam possuir um alto custo operacional nos <i>campi</i> . A receita também pode ser investida exclusivamente para o processo de internacionalização, bem como a sua expansão e aprimoramento.
Formação de alianças estratégicas	Criar relações com outras IES estrangeiras e atuantes em projetos internacionais, ação que é observada no estágios iniciais do processo de internacionalização da Educação Superior. Elas relações podem ser conduzidas por propósitos distintos, tais como o fomento à mobilidade acadêmica; <i>benchmarking</i> ; criação de projetos de programas ou currículos internacionais (conjuntos ou não), organização de eventos científicos para o fomento ou disseminação da ciência e pesquisa. Cabe ressaltar que muitas IES não conseguem firmar muitos acordos ou firmam acordos ineficazes, o que faz com que a IES necessite de um norte, uma organização e um planejamento para firmar acordos consistentes, produtivos e que, principalmente, sejam factíveis a sua realidade e contexto. Contudo, ressalta-se que esse problema costuma ser superado à medida que a IES ganha maturidade e experiência no processo de internacionalização, o que significa, conseqüentemente, que um aprimoramento de suas estratégias está ocorrendo.
Pesquisa e produção de conhecimento	Estabelecer parcerias acadêmicas internacionais cujo foco sejam pesquisas voltadas para investigar e contribuir para a solução de problemas globais, uma vez há a necessidade da formação de

	equipes de Estados e nações diferentes que trabalhem com a mesma finalidade. Estabelecer colaboração internacional na pesquisa, em especial as interdisciplinares, pode trazer à luz respostas a vários problemas globais, que podem ser da área da saúde, jurídica internacionais, meio ambiente etc.
--	--

Fonte: O autor, adaptado de Miura (2006, p. 45-46)

Diante do quadro 4, Miura (2016, p. 40) ressalta que “é importante conhecer as motivações (razões), pois diferentes motivos levam a diferentes meios usados pelas IES e, conseqüentemente a diferentes resultados esperados”. Knight (2004) verificou que as razões podem estar divididas entre razões nacionais/setoriais e razões institucionais/acadêmicas. Como o enfoque desta dissertação é uma IES, foram aprofundadas pesquisas sobre as razões institucionais/acadêmicas esquematizadas por Knight, em 2004.

4.3 ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO

Com vista à estruturação de políticas e processos de internacionalização, muitas IES acabam buscando mudanças qualitativas em sua gestão e administração a fim de implementarem atividades indutoras de internacionalização (LAUS, 2012). O intuito é assegurar um crescimento perene no âmbito global de Educação Superior, logo, essas instituições precisam traçar estratégias e operacionalizá-las de forma clara e previamente prevista em políticas internas (GASICI, 2016). Em corroboração, Morosini (2019) afirma que estabelecer estratégias é cada vez mais necessário.

Miura (2009), apoiada em Knight (1999, 2004) esquematiza as estratégias de internacionalização institucional da Educação Superior. “Por estratégias entendem-se as iniciativas organizacionais e programáticas adotadas no nível institucional, ou seja, uma abordagem planejada e integrada às mudanças que decorrem do crescimento [...] da internacionalização” (MIURA, 2006). Gasic (2016) também realiza referência à essa divisão estratégica, e elabora um quadro (QUADRO 5) esquematizado das estratégias possíveis a serem pensadas e, porventura, operacionalizadas pelas IES.

Quadro 5 - Estratégias de programas e estratégias organizacionais

Estratégias Programáticas		Estratégias Organizacionais	
Programas Acadêmicos	• Programas de mobilidade estudantil;	Administração	• Compromisso expresso pelos órgãos de gestão;

	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de língua estrangeira; • Curriculum internacionalizado; • Estudos por área ou temáticos; • Processo de ensino/aprendizagem; • Programas de mobilidade de docentes; • Funcionários administrativos e discentes; • Treinamento acerca da interculturalidade; • Palestrantes e professores visitantes. 		<ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento ativo de docentes e funcionários não docentes; • Reconhecimento da dimensão internacional nas declarações da missão institucional.
Atividades de internacionalização relacionadas à pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Projetos de investigação conjuntos; • Seminários e conferências internacionais; • Acordos de investigação internacionais; • Parceiros de investigação internacionais em setores acadêmicos e outros. 	Operações	<ul style="list-style-type: none"> • Integração na instituição e departamento/ planejamento a nível escolar, sistemas de orçamentação e controle de qualidade; • Estruturas organizacionais apropriadas; • Sistemas (formais e informais) para comunicação, ligação e coordenação; • Equilíbrio entre a gestão e a promoção da internacionalização a nível central e a nível descentralizado; • Apoio financeiro adequado e alocação de sistemas de recursos.
Relações Externas	<p>Parcerias baseadas na comunidade com organizações não governamentais ou grupos do sector público ou privado;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Serviço comunitário e projeto intercultural estrangeiros; • Desenvolvimento de programas internacionais de assistência; • Contrato de formação, programas de investigação e serviço; • Programas estrangeiros para antigos alunos. 	Serviços	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio dos serviços da instituição a nível de alojamento, registos, aconselhamento, financiamento etc.; • Envolvimento de unidades académicas de apoio à aprendizagem de línguas, desenvolvimento curricular, formação de docentes e funcionários; • Serviços de apoio aos estudantes em mobilidade <i>incoming</i> e <i>outgoing</i> como programas de orientação, aconselhamento, treino intercultural e tutores.
Atividades extracurriculares	<ul style="list-style-type: none"> • Associações de estudantes; 	Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Processos de recrutamento e seleção

	<ul style="list-style-type: none"> • Eventos interculturais e internacionais; • Grupos de apoio social, cultural e acadêmico. 		<p>que reconheçam a experiência internacional;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Políticas de promoção e reconhecimento das contribuições por parte de docentes e funcionários para a internacionalização; • Desenvolvimento de atividades profissionais a nível de docentes e funcionários; • Apoio a compromissos internacionais.
--	---	--	---

Fonte: O autor, adaptado de Miura (2006, p. 52-54)

De acordo com De Wit (2001), muito vem sendo discutido acerca das estratégias e da forma como a internacionalização da educação superior pode ser posta em prática. Para o autor, muitas estruturas organizacionais, estratégias e modelos de implementação (institucionalização) da internacionalização da educação superior são formuladas com o intuito de atender as mais diversas IES e suas respectivas razões, objetivos e possibilidades.

4.4 RISCOS INERENTES À INTERNACIONALIZAÇÃO

No que se refere aos riscos inerentes à internacionalização que podem ser logrados pelas instituições, Stallivieri (2017, p. 87-88) destaca agrupamentos de elementos referentes aos riscos, os quais estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 6 - Riscos inerentes ao processo de internacionalização

Riscos	Conceito
Falta de comprometimento	Ausência de comprometimento de docentes, pesquisadores, funcionários e gestores. Esse é um risco que interfere na operacionalização das atividades de internacionalização.
Metas não condizentes	Metas definidas que vão de encontro a gestão da instituição, seu Plano de Desenvolvimento Institucional. Esse risco acarreta desajustes em tomadas de decisões, cortes orçamentários, inadequadas previsões administrativas e ausência de comprometimento, especialmente por parte de gestores.
Infraestrutura inadequada	Escritórios de internacionalização na IES sem infraestrutura, profissionais qualificados e sistemas de apoio para aqueles que docentes e discentes em execução de alguma atividade acadêmica internacional. Esse risco afeta diretamente a execução de metas.

Falhas nos registros de informações	O não registro do histórico das atividades de internacionalização. Esse risco interfere no monitoramento das atividades realizadas e de análises para melhorias futuras.
Acordos ineficazes	Acordos com definições vagas, bem como ausência de recursos financeiros e estruturais para operacionalizá-los. Esse risco pode gerar à IES uma série de “acordos de gaveta”.
A não capitalização dos resultados	A não utilização dos benefícios logrados em cada atividade acadêmica internacional operacionalizada. Esse risco vai de encontro às razões que a IES delineou para a sua internacionalização, uma vez que não pode se valer dos resultados a seu favor.
Formação de grupos divergentes	Falhas em relação ao entrosamento dos docentes e discentes estrangeiros no novo ambiente. Esse risco pode acarretar problemas na execução das atividades acadêmicas de internacionalização.
Altas expectativas	Criação de altas expectativas naqueles que participam, de alguma forma, na internacionalização e nas suas atividades. Esse risco pode gerar descredibilidade no processo de internacionalização.
Barreiras linguísticas	A não proficiência em idioma estrangeiro pode inviabilizar acordos ou participação em atividades acadêmicas ou administrativas internacionais. Essa barreira pode gerar frustração no corpo docente, discente e gestores da IES.

Fonte: Adaptado de Stallivieri (2017, p. 87-88)

É importante que as IES, durante o seu processo de implementação, condução ou expansão da internacionalização procurem mapear os riscos inerentes à internacionalização. Essa não é apenas uma iniciativa para precaver-se e evitar problemas futuros, mas uma oportunidade de encará-los como desafios. Conforme ensina Stallivieri (2017, p. 88), os riscos devem ser abordados como metas na elaboração dos planos de capacitação e de desenvolvimento das instituições [...]”. Após os riscos serem mapeados, uma correta preparação e treinamento devem ser realizados com aqueles que conduzem o processo de internacionalização (STALLIVIERI, 2017).

4.5 MODELOS DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

De acordo com Miura (2006), a literatura referente à internacionalização da ES apresenta diferentes propostas de modelos de internacionalização das IES. Ainda de acordo com a autora, os “modelos procuram contemplar o máximo de variáveis possíveis presentes no fenômeno da internacionalização e tentam de maneira condensada, esquematizar [...] o processo de internacionalização” (MIURA, 2006, p. 57). Em uma publicação científica do ano de 2018, constatou-se que a literatura

especializada sobre o tema entende os seguintes modelos como os principais disponíveis:

Dentre os principais modelos de internacionalização das IES referenciados pela literatura disponível sobre o assunto, podem ser citados o modelo processual e fractal de internacionalização de Rudzky (1998); o modelo de elementos para o desenvolvimento de uma estratégia de internacionalização em universidade de Davies (2001); o modelo da Organização Neerlandesa para a Cooperação Internacional em Educação Superior (NUFFIC) para a internacionalização da educação superior de Van der Wende (1997) e, finalmente os modelos propostos por Knight (1993 e 1994). (VILLELA, 2017, p. 6).

Ainda segundo Villela (2017, p. 7), apoiado em Stallivieri (2004), “esses modelos teóricos devem ser aplicados considerando o perfil institucional. É fundamental ter em vista as condições, possibilidades, cenário político-social-econômico em que cada IES está inserida”.

Quadro 7 - Condensação teórica dos principais modelos de internacionalização

Autor	Tópicos Relevantes		
	Foco	Metodologia	Ênfase
Rudzki (1998)	Monitora o processo e os níveis de atividade da internacionalização	Voltada para as atividades	Análise das Razões; Ações/Dimensões; Atividades; Monitoramento/ Revisão e Reconceitualização
Davis (1995)	Duas Dimensões: 1ª Enfatiza as atividades 2ª A importância da internacionalização	Voltada para as ações internacionais	Interno: Missão da IES; Tradição e Avaliação Organizacional. Externo: Percepções Externas; Competitividade
Van der Wende (1996)	Esforço sistemático frente aos desafios relativos à globalização	Voltada para o processo visa um objetivo institucional	Benefícios de curto e longo prazos da IES
Knight (1994)	Inserção da internacionalização na missão das IES	Processo e cultura organizacional no fomento da internacionalização	Fases do Processo: Planejamento; Operacionalização e Implementação.

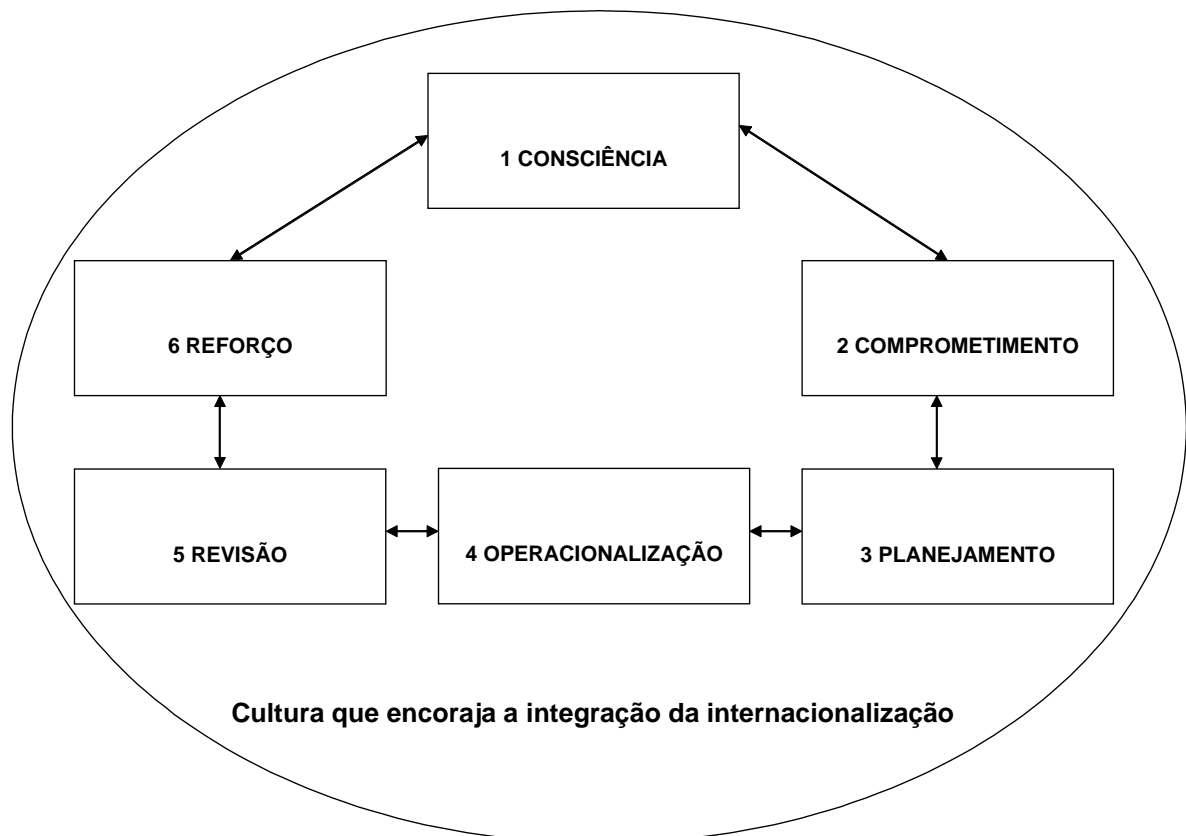
Fonte: O autor, adaptado de Villela (2017, p. 6).

Para esta dissertação optou-se pelo modelo de internacionalização de Knight (1994) como embasamento para a pesquisa de campo. A justificativa para a escolha desse modelo apoia-se na visão de Miura (2006, p. 71), que afirma que esse modelo “fornece uma visão geral do processo de internacionalização, considerando desde a análise do contexto (externo e interno) da instituição, os cuidados na implementação dos programas e a integração entre ensino, pesquisa e serviços”.

4.5.1 O círculo de internacionalização de Knight (1994)

De acordo com os estudos de Miura (2006), Knight elaborou um modelo de internacionalização (Figura 3) a partir de um processo não linear ou estático, cuja estrutura tem como objetivo ilustrar um círculo contínuo de avaliação e aprimoramento. Ainda de acordo com Miura (2006, p. 57), o “modelo apresenta um fluxo de duas mãos entre cada uma das seis etapas indicando que a cada nova etapa alcançada, há necessidade de revisão da etapa anterior” e que “além dos seis fatores, a autora enfatiza a necessidade de haver uma cultura organizacional que apoie a integração das ações de internacionalização”. Por sua vez, De Wit (2001) esclarece que esse modelo se propõe a identificar os passos e as fases no processo de institucionalização de IES.

Figura 3 - Círculo de Internacionalização de Knight de 1994



Fonte: Miura (2006, p. 70).

Conforme apresenta a figura 3, o modelo de Knight, de 1994 é composto das seguintes fases e etapas: consciência, comprometimento, planejamento,

operacionalização, revisão e, por fim, reforço (DE WIT, 2001; MIURA, 2006). Neste sentido, Miura (2006) a partir de uma leitura de Knight (1994), esclarece que a *Consciência* diz respeito à conscientização das necessidades e benefícios que a internacionalização pode trazer aos estudantes, professores, funcionários das IES e para a sociedade. Acerca do *Comprometimento*, a autora relata que deve haver um comprometimento para com a internacionalização, o qual deve partir da administração das IES, dos governos, dos professores, dos funcionários e dos estudantes. Sobre o *Planejamento*, nesta etapa de preparação e, conseqüentemente, fase em que a IES se encontra, devem-se identificar as necessidades e recursos, propósitos e objetivos, prioridades e estratégias. Em *Operacionalização*, trata-se da forma como a internacionalização será posta em prática, ou seja, por meio da viabilização de atividades acadêmicas e serviços, bem como a delimitação de fatores e princípios que guiarão as atividades acadêmicas e de serviços. Na seqüência, a *Revisão* refere-se a avaliar e melhorar a qualidade e o impacto que as iniciativas de internacionalização ocasionam na IES. Por fim, o *Reforço* refere-se ao desenvolvimento de iniciativas de reconhecimento e de recompensa para alunos, funcionários e professores que participam da internacionalização.

O quadro 8 apresenta concisamente as etapas e seus respectivos descritos:

Quadro 8 - Descritivo das etapas e fases do círculo de Knight de 1994

ETAPA / FASE	CONCEITO
Consciência	Necessidades, propósitos e benefícios da internacionalização para estudantes.
Comprometimento	Da administração, governos, professores, funcionários e estudantes.
Planejamento	Identificar necessidades e recursos, objetivos, prioridades e estratégias.
Operacionalização	Atividades acadêmicas e serviços. Fatores organizacionais e princípios-guia.
Revisão	Avaliar e melhorar a qualidade e impacto das iniciativas e progresso da estratégia.
Reforço	Desenvolver iniciativas, reconhecimento e recompensas para professores, funcionários e participação de estudantes.

Fonte: O autor, adaptado de Miura (2006, p. 68).

De acordo com Miura (2006, p.317), “dentre os vários modelos, o de autoria de Knight (1994) enfatiza o processo de delineamento, implementação e acompanhamento das estratégias de internacionalização (...)” e, por conta disso, sobressai-se frente aos demais modelos.

5 PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O grupo que compõe os sujeitos desta pesquisa é formado por três professores doutores e por um funcionário que exerce função administrativa e de supervisão no lócus da pesquisa, todos possuem ou possuíram alguma função na concepção ou na implementação do processo de internacionalização da ES. Portanto, foram analisadas respostas de quatro entrevistas semiestruturadas, as quais compuseram o corpus do presente estudo. Destaca-se, ainda, que o roteiro dessas entrevistas constituiu-se dos instrumentos elaborados e utilizados para a coleta dos dados empíricos. A aplicação das entrevistas ocorreu por meio de gravações de áudio que, posteriormente, foram transcritas pelo pesquisador.

Para compor o corpus do presente estudo, o pesquisador também teve acesso a um documento do lócus da pesquisa, cujo objetivo é regulamentar as atividades acadêmicas que envolvem a Internacionalização. Trata-se de uma política interna regulamentadora do processo de internacionalização.

Postos lado a lado, os dados obtidos por meio das pesquisas empírica e documental acima descritas, foram submetidos às técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), manejadas à luz das pesquisas bibliográficas (referencial teórico). Ressalta-se que se optou pela categorização *a priori*, pois o roteiro da entrevista foi elaborado com base em alguns elementos-chave do círculo de internacionalização de Knight (1994), mas sem desconsiderar a possibilidade de emergir algumas categorias diferentes no processo de análise das respostas das entrevistas. A partir dessa proposta, esta seção se propôs a compreender as concepções e os movimentos de uma IES privada, localizada na região sul do país, bem como suas aproximações e distanciamentos em face ao processo de internacionalização da ES apresentado nesta dissertação.

Quadro 9 - Relação dos sujeitos da pesquisa e suas siglas

ENTREVISTADOS	SIGLA
Docente	A
Gestor	D
Docente	B
Docente	C

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Desse modo, espera-se que as adaptações realizadas a partir das contribuições de Knight (1994), embasadas em elementos-chave do processo de implementação e expansão da internacionalização, presentes na literatura brasileira, possam ajudar a pesquisa de campo com a averiguação acerca das percepções dos sujeitos de pesquisa e, conseqüentemente, com a percepção da própria IES face ao seu processo de internacionalização.

Quadro 10 - Representação da análise de conteúdo dos discursos

UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO
A. Conceito: o entendimento acerca da Internacionalização da Educação Superior na IES.	1. Mobilidade 2. Pesquisa
B. Conscientização: a importância e benefícios da internacionalização para estudantes, funcionários e professores.	1. Propósito 2. Benefício 3. Obstáculo
C. Planejamento: desenvolvimento de um plano ou estratégia abrangente.	1. Plano de Internacionalização 2. Prioridades 3. Estratégias 4. Recursos disponíveis
D. Operacionalização: implementação de diferentes aspectos de uma estratégia e criação de uma cultura de apoio.	1. Atividades acadêmicas 2. Serviços 3. Princípios
E. Riscos: ameaças à institucionalização da internacionalização da IES.	1. Riscos
F. Recompensas: o reconhecimento da participação de professores e funcionários.	1. Reforço
G. Recursos tecnológicos: a utilização de tecnologias em prol da implementação e expansão da internacionalização na IES.	1. Tecnologias

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

5.1 CONCEITO: O ENTENDIMENTO ACERCA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA IES

A concepção de internacionalização da ES pode ser alterada de tempos em tempos (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012), de país para país (KNIGHT, 2004), de autor para autor (MOROSINI, 2019) e, também, de instituição para instituição (STALLIVIERI, 2017). Em outras palavras, “a internacionalização se caracteriza como um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados” (ZANCHET *et al.*, 2016, p. 63).

Perguntou-se qual era o entendimento dos sujeitos acerca da internacionalização da ES, ou seja, como eles poderiam conceituar a

internacionalização da ES. Essa pergunta constitui-se na Unidade de Contexto, **Conceito: Internacionalização da Educação Superior**, que, por sua vez, apresentou duas Unidades de Significação: **Mobilidade e Pesquisa**. Isto é, ao realizar a pergunta supracitada, as palavras mobilidade e pesquisa foram usadas recorrentemente nos discursos dos quatro entrevistados.

No que se refere ao conceito de **mobilidade**, os discursos dos docentes pautaram-se, sobretudo, como um dos principais meios para a implementação da internacionalização da ES. Os entrevistados entendem a mobilidade como uma forma fácil de implementar a internacionalização da ES e, a partir dela, levar e trazer pessoas e seus conhecimentos para além das fronteiras.

Eu recebo alunos e professores de fora ou os envios para fora, por exemplo, todo mundo ganha (DOCENTE A).

Hoje as Universidades com essa mobilidade, com esse desbravamento de fronteiras, elas conceituam na mobilidade o ir e vir do acadêmico, do discente, do docente (GESTOR D).

Transpor fronteiras, o mundo tem superado o obstáculo da distância” (DOCENTE B).

É mobilidade que é a linha mais fácil, mais tranquila e usualmente a mais assertiva. Mobilidade acadêmica tanto de aluno quanto de professor [...] mobilidade é a mais fácil. (DOCENTE C).

A política interna da instituição está em consonância com os relatos acima, uma vez que esse instrumento oficializa que busca:

Incentivar a colaboração científica, a produção conjunta e a orientação compartilhada de pesquisas entre docentes [...] e do exterior.

Já no que se refere à **pesquisa**, os entrevistados consideram essa prática como uma das mais desafiadoras de se implementar e conduzir no processo de internacionalização do lócus de pesquisa. Além disso, reconhecem que a pesquisa é responsável pela transposição do conhecimento através das fronteiras e isso ocorre por meio de grupos de pesquisa, publicações em periódicos internacionais.

Em crescer através de intercâmbio não de pessoas, mas intercâmbio de conhecimento (DOCENTE A).

A internacionalização nada mais é do que um espaço entre as instituições, sejam elas no físico, no presencial ou à distância. Ou através de pesquisas cada um na sua sede (DOCENTE B).

A mais interessante, mas que também é a mais desafiadora, é internacionalização de pesquisa. [...] que também é a mais desafiadora, é

internacionalização de pesquisa. É conseguir fazer com que os grupos de pesquisa e linhas de pesquisa de instituições se conversem, produzam juntos, então que todo mundo consiga pesquisar junto e que depois, claro, que a gente tenha resultado. O resultado da pesquisa é a publicação acadêmica, que essa publicação acadêmica seja internacional e ela em si seja um conjunto de pesquisadores, por exemplo, pesquisador do Brasil com pesquisador de outro país, e essa publicação é feita tanto aqui quanto lá e em mais de uma língua (DOCENTE C).

[..] oportunidade de fazer ou de ouvir outras fontes de ir e atrás de outras visões, outras pesquisas (GESTOR D).

Por sua vez, a política interna segue na mesma direção e oficializa que o lócus desta pesquisa busca:

Contribuir para parceria internacional entre [...], institutos ou centros de pesquisa e desenvolvimento. Fomentar o intercâmbio entre [...] e institutos ou centros de pesquisa e desenvolvimentos estrangeiros.

De acordo com os dados coletados pela pesquisa bibliográfica e apresentados neste estudo, é importante que as IES e seu corpo integrante tenham claro que a “internacionalização é um meio para um fim, não um fim *per se*” (KNIGHT, 2017, p. 14). Morosini (2019, p. 12) reforça essa concepção ao afirmar que a “internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”. Complementar às ideias de ambas as pesquisadoras, Borges et al. (2018, p. 4), apoiados em Luce, Fagundes e Mediel (2016), destacam que “a internacionalização pode ser considerada como um recurso ao qual visa impulsionar o sistema educacional e as instituições de nível superior visando responder as necessidades da globalização”. Diante desse entendimento, a internacionalização da ES pode, por exemplo, auxiliar a IES a desenvolver conhecimentos, habilidades e valores, que vão ao encontro das exigências do século XXI (KNIGHT, 2017), por meio da operacionalização de estratégias de programas e estratégias organizacionais.

Cabe destacar as palavras de Stallivieri (2017, p. 70) no que se refere ao rumo que cada IES deve traçar ao buscar pela internacionalização: “cada instituição deve buscar seu desenvolvimento internacional de acordo com suas metas características e suas possibilidades de atingir as metas por ela definidas”. Contudo, a complexidade e a amplitude do tema não podem ser reduzidas e, conseqüentemente, não se pode reduzir a internacionalização a mobilidade acadêmica apenas.

Zanchet *et al.* (2017, p. 68) concordam com essa visão, mas vão além ao esclarecer que é:

[...] fundamental fomentar uma discussão sobre o significado e o conceito de internacionalização para que ocorram a organização e adequação institucional, criando condições e possibilidades para a implementação de programas, parcerias e para o trato com a comunidade acadêmica durante o processo.

Diante disso, sugere-se que o ponto de partida acerca do processo de implementação da internacionalização da ES seja debatido, pois, caso contrário, ocorreria o risco de que cada parte envolvida em um determinado processo de internacionalização da ES pudesse concebê-la de uma forma particular.

Knight (2004 apud Knight 2003, p. 11) leva em consideração toda essa complexidade acerca da conceituação da internacionalização da ES ao postular que se trata do “processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, nas funções e na entrega de Educação Superior”.

As palavras escolhidas por Knight (2004) não foram escolhidas ao acaso, pois cada uma carrega consigo um gama de informações. Segundo a própria Knight (2004), a palavra *internacional* está presente para representar a relação entre as nações, culturas ou países; a palavra *intercultural* representa as atividades interculturais realizadas pelas IES, mesmo que sejam “em casa”; a palavra *global* refere-se ao espaço onde a Educação Superior ocorre, afinal de contas, o conhecimento é fluído e não se limita às fronteiras.

As palavras *propósito*, *função* e *entrega* também foram escolhidas cuidadosamente por Knight (2004). Por *propósito*, entende-se o papel que a Educação Superior deve cumprir frente ao seu país e região; por *função* entende-se as tarefas que devem ser realizadas pelas IES para que sua função seja alcançada; por *entrega* entende-se a oferta de ensino, pesquisa e extensão (KNIGHT, 2004).

Ao considerar esse tópico como item importante para a pesquisa e para a práxis do processo de implementação da internacionalização da ES, verificou-se que esse tema é debatido no lócus de pesquisa recorrentemente. Por conseguinte, também foi possível constatar a preocupação dos sujeitos da pesquisa com o que se refere à concepção da internacionalização da ES, bem como verificar que há um reconhecimento da amplitude e da profundidade acerca desse conceito.

Verifica-se também que, ao passo que as palavras mobilidade e pesquisa foram Unidades de Significação recorrentes nos discursos dos quatro entrevistados, o lócus de pesquisa concebe a internacionalização, sobretudo, como um movimento internacional de pessoas e conhecimentos.

5.2 CONSCIENTIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA E BENEFÍCIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO PARA ESTUDANTES, FUNCIONÁRIOS, PROFESSORES E PARA IES

Para Morosini e Nascimento (2017, p. 2), a “internacionalização da educação superior vem se constituindo em um dos principais motes da universidade na contemporaneidade”. Neste sentido, Knight (1994) defende que gestores de IES estimulem o debate acerca da internacionalização da ES em suas IES com a finalidade que uma consciência sobre esse assunto seja fomentada, disseminada e que, portanto, uma sensibilização acerca do tema seja alcançada institucionalmente. O conjunto conscientização é composto por temas como necessidade, propósito, estratégias, questões controversas, implicações de recursos e benefícios da internacionalização (KNIGHT, 1994). Ainda de acordo com Knight (1994), um alinhamento, disseminação e sensibilização acerca da conscientização da internacionalização da ES podem levar a IES e os seus integrantes a assumir compromissos frente ao processo de implementação e execução de internacionalização.

Para investigar essa Unidade de Contexto, **Conscientização: a importância e benefícios da internacionalização para estudantes, funcionários, professores e para a IES**, questionaram-se quais são os propósitos, os benefícios e os obstáculos inerentes à internacionalização. As Unidades de Significação foram *propósitos*, *benefícios* e *obstáculos*.

No que se refere ao **propósito**, conforme analisado mencionado anteriormente, refere-se ao papel que a Educação Superior deve cumprir frente ao seu país e região. Por sua vez, os entrevistados teceram os seguintes discursos acerca do propósito:

Era atender uma demanda do MEC, Ministério da Educação, começou pelo menos tendo como esse o principal propósito. A gente ter evidências de internacionalização para recredenciamento do Centro Universitário, para implementação dos mestrados, para pensar em projetos de doutorado e para conseguir boas notas na graduação (GESTOR B).

Propósito é realmente a gente poder atender essa demanda (DOCENTE C).

Propósito como nós já falamos que o mundo exige que as pessoas progridam, que as pessoas acompanhem a evolução, e dentro do que a gente chama de grande processo de evolução está este contato entre culturas, que não acontecia antigamente e que hoje tornou-se uma coisa corriqueira (DOCENTE D).

A internacionalização deve ser pensada e, conseqüentemente, conduzida de modo que atenda a um determinado propósito. Neste sentido, deve ser vista como reator da qualidade, da excelência e inovação no âmbito da ES (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017). A percepção dos entrevistados está correta e pertinente ao assunto e, além disso, evidenciou que os sujeitos da pesquisa se preocupam em atender a uma demanda da sociedade, bem como elevar os padrões de qualidade acadêmica, de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação, a fim de que ocorra uma evolução perene de toda a IES. Também foi evidenciado o propósito no fomento de um ambiente intercultural, que pode ser benéfico para a formação de alunos e, sobretudo, de professores, uma educação voltada para a cidadania global.

Neste sentido, Knight (1994) afirma que educação e a formação intercultural de alunos e professores interculturais podem ser realizadas para melhorar sua consciência e competências de viver, estudar e trabalhar com indivíduos de outras culturas, seja em seu próprio país, seja no exterior. Essa formação é necessária para preparar os alunos para os desafios globais e para fomentar uma educação antirracista, aberta para o novo (KNIGHT, 1994).

A interculturalidade é um dos componentes de uma educação voltada para a cidadania global. Conforme melhor explica a UNESCO (2015, p. 15), a finalidade da educação para a cidadania global está pautada em “uma superposição de objetivos, [...] como educação intercultural [...]. Em consonância com esse pensamento, Morosini (2019, p. 13), quando “se pensa em internacionalização, [...] não se pode deixar de pensar em integração entre culturas ou aspectos culturais”.

Já sobre a conscientização acerca dos **benefícios** que a internacionalização pode propiciar à IES e aos alunos, professores, funcionários e comunidade, pode-se verificar que existe um alinhamento dessa Unidade de Significação com a Unidade de Significação *propósitos*, o que é o cenário ideal.

[...] ganho da qualificação da instituição e das pessoas (DOCENTE A).

Visibilidade, se você for pensar como instituição, os benefícios têm tantos ângulos. [...] é um movimento da instituição[...] o benefício é para o aluno [...] propaganda” (GESTOR B).

O benefício é quando este aluno volta que ele nos retrata a experiência, porque o benefício maior é você escutar um aluno dizer quanto isto agregou na vida dele, o quanto isto é importante na carreira dele profissional. O nosso aluno vivencia outras culturas e ele traz isso para dentro da instituição, porque quando ele volta, e agora nós criamos um processo de avaliação contínuo com o aluno (DOCENTE C).

Os benefícios são muitos, você vê o mundo com outros olhos, quando você volta, por exemplo, de estágio do exterior. [...] Os benefícios acho que são até impossíveis de ser mencionados [...] (DOCENTE D).

Sobre a concepção de *benefícios*, utilizamos a visão de Dal-Soto, Alves e Souza (2016, p. 235):

Os benefícios podem ser constatados nos novos padrões, em metodologias, materiais e práticas de ensino trazidas de/por IES estrangeiras para melhorar a educação superior local, oportunizando experiências de aprendizagem aos estudantes que seriam impossíveis sem essa quebra de barreiras.

Na concepção de Stallivieri (2017, p. 52), os benefícios podem seguir da seguinte maneira:

Ao analisar a movimentação da unidade acadêmica ou de seus departamentos, identifica-se, de imediato, que a presença de pesquisadores internacionais contribui plenamente para uma oxigenação no comportamento acadêmico, o que beneficia a todos os envolvidos. Desde o contato com os pesquisadores, com os estudantes e com o grupo gestor, a internacionalização do campus [...], beneficia a ampla e constante discussão não somente sobre o objeto de pesquisa, mas, fundamentalmente, como cada povo, de acordo com a sua cultura, analisa e entende o fenômeno estudado.

Para Santos e Almeida Filho (2012, p. 58), os benefícios são profundos tanto na IES quanto em seus integrantes:

De fato, todas as atividades de uma universidade podem ser valorizadas por recurso à colaboração universitária internacional. Para além de nos tornar menos provincianos e menos autocentrados, menos deslumbrados pelo brilho do nosso sucesso local e mais atentos ao que se passa à nossa volta, esta prática que nos desumbiga – a colaboração universitária internacional – fornece ainda os meios para um novo, riquíssimo e praticamente inesgotável campo de oportunidades.

Verifica-se que a percepção dos sujeitos da pesquisa, mais uma vez, está em consonância com o que há de mais abundante na literatura acerca desse assunto. Desse modo, conseqüentemente, o lócus de pesquisa busca realizar ações que promovam a qualificação da IES por meio da internacionalização, bem como a qualificação de seus alunos, professores e funcionários.

Quando a internacionalização não é conduzida para ser um fim *per se*, mas um meio para alcançar um objetivo, a formação de profissionais voltados para a cidadania global pode ser lograda. Conforme aponta Barros Neto (2018, p. 189), os profissionais globais, sejam professores, sejam profissionais de demais áreas, possuem como característica a “capacidade de se adaptar às mudanças e conseguir gerar resultados por meio da diversidade imposta por um mundo dominado pelo diferente”.

Quando se trata de **obstáculos**, as possibilidades de se deparar com situações desafiadoras são imensas e, por vezes, alguns casos inesperados podem surgir. Por conta disso, o exercício de pensar nos obstáculos é uma atitude de precaução e de prudência. Neste sentido, é aconselhável que os envolvidos pela implementação ou pela condução sempre estejam preparados para os obstáculos que, porventura, possam surgir.

A literatura aponta para alguns fatores que se configuram como obstáculos institucionais e que já são esperados em processo de implementação da ES em IES. Apoiada em Morosini (2001), Miura (2009) e Stallivieri (2009), Coelho (2016, p. 170) sintetizou com maestria alguns dos principais e mais recorrentes descrições de obstáculos disponíveis na literatura:

[...] fatores internos, como definições de políticas e ações estratégicas insuficientes e inexplícitas, ausência de um setor próprio de relações internacionais, supressão de financiamento, acordos de cooperação internacionais mal definidos, desconhecimento da legislação vigente do próprio país e de países estrangeiros parceiros e dificuldades no conhecimento de outros idiomas, são considerados como obstáculos para o desenvolvimento do processo de internacionalização de IES.

Devido a isso, é bastante importante que essa Unidade de Significação faça parte do corpus deste estudo. Os quatro entrevistados se posicionaram acerca dos obstáculos, tecendo suas reflexões e utilizando a imaginação para elaborar cenários hipotéticos em que obstáculos pudessem estar presentes. Os obstáculos mencionados pelos entrevistados foram: o desconhecimento da importância da internacionalização para a Educação; a subvalorização ou desconhecimento da importância que a pesquisa possui na internacionalização da ES; falta de mão de obra qualificada para atuar na internacionalização da IES e para preparar os alunos para os desafios de programas acadêmicos internacionais; e o obstáculo linguístico. De acordo com os próprios entrevistados:

[...] percebe que [...] existem pessoas que nem conhecem a importância que isso representa para a Educação (DOCENTE A).

[...] obstáculos é a gente conseguir entender o que eu enxergo, é a importância da pesquisa dentro da instituição [...] (GESTOR B).

A gente não vê a dificuldade no programa, a dificuldade a gente pode ter as vezes um problema com um pouquinho de mão de obra, mas a gente acaba convocando as outras áreas para ajudar. Nossa dificuldade é preparar melhor esse aluno para que ele possa participar desses programas que a gente vai lançar (DOCENTE C).

[...] é o obstáculo linguístico, o mundo ainda fala línguas diferentes e, com isso, as pessoas ainda não tem um nível linguístico que possibilite, por exemplo, você sair de [...] e assistir aula em uma universidade [...] (DOCENTE D).

Exceto pelo entrevistado que reconhece a barreira linguística como uma barreira comum às IES que buscam a internacionalização, o relato dos demais entrevistados demonstrou estar pautado em suas experiências empíricas dentro do lócus de pesquisa. Esses dados são importantes, uma vez que isso, naturalmente, representa a realidade daquele lócus. Contudo, a necessidade e a perspicácia de perceber os obstáculos que existam ou que, porventura, possam vir a existir em sua realidade devem ser somadas às percepções dos obstáculos comuns às diferentes IES. Nesse sentido, mais estudos e pesquisas no que se refere especialmente aos obstáculos podem ajudar as mais diversas IES que estejam em processo de implementação ou expansão da internacionalização da ES institucionalmente.

5.3 PLANEJAMENTO: O DESENVOLVIMENTO DE UM PLANO OU ESTRATÉGIA ABRANGENTE PARA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES

Investigar a Unidade de Contexto, **Planejamento: o desenvolvimento de um plano ou estratégia abrangente para a institucionalização da internacionalização na IES**, foi a mais desafiadora para este estudo, que possui três Unidades de Significação, *plano de internacionalização; prioridades; estratégia; e recursos disponíveis*.

Knight (1994) esclarece que um plano de internacionalização deve ser elaborado por cada IES, cujo objetivo é relatar as estratégias, sejam de programas, sejam organizacionais, que nortearão todas as atividades de internacionalização em nível institucional. Ainda de acordo com a autora, é de extrema importância o desenvolvimento de um plano estratégico para que o projeto possa contar com o comprometimento e o envolvimento de sujeitos internos e externos à IES.

Contudo, antes de delinear as estratégias de programas organizacionais, alguns elementos devem ser trazidos para debate entre os dirigentes das IES, tais como: o propósito, os benefícios que podem ser alcançados, os obstáculos que podem ser enfrentados, os objetivos que devem ser alcançados por meio da

internacionalização, a identificação das prioridades para a IES, os recursos disponíveis (financeiro, material e humano) que dispõem ou que lhe faltam, a definição de estratégias para executar programas de internacionalização, os riscos inerentes à internacionalização e os reforços e os riscos para fomentar o engajamento interno durante o processo de internacionalização (KNIGHT, 1994).

Diante disso, percebe-se que a elaboração de um planejamento para a implementação ou para a expansão das atividades acadêmicas e/ou administrativas de internacionalização no seio das IES exige amplo conhecimento multidisciplinar, tais como administrativos, pedagógicos, jurídicos e tantos outros. Como todo e qualquer planejamento, deve-se contar com uma equipe multidisciplinar para debater e deliberar assuntos referentes à internacionalização.

A autora salienta que, para o planejamento de internacionalização, a IES deve levar em consideração os interesses de todos os seus grupos internos, pois, ao menos que seja uma IES que esteja inaugurando suas atividades juntamente com a implementação da internacionalização, as IES não são uma “lousa em branco” e, por essa razão, deve-se respeitar sua história, seus componentes humanos, materiais e financeiros, sua expertise, sua imagem e assim por diante (KNIGHT, 1994).

Acerca do **Plano de Internacionalização**, os quatro sujeitos entrevistados afirmam haver um plano, contudo, alguns apontamentos intrínsecos a uma IES que esteja em fase inicial de expansão da internacionalização foram observados:

É aquela história, existe alguma coisa escrita, mas não é exatamente o que nós podemos chamar de um plano. Ele precisaria ser [...] reescrito ou lapidado para se tornar um documento oficial. [...] (DOCENTE A).

[...] eu fiz um planejamento, ele poderia ter a duração de um a dois anos [...]. Teria que ter um planejamento pensado em quais disciplinas e investir na tradução dessas disciplinas. Eu acho onde o planejamento está avançando e os investimentos estão sendo feitos (GESTOR B).

O departamento de internacionalização [...] tem um plano que é demandado pela própria Reitoria, [...] mas ele tem um plano muito tímido ainda (DOCENTE C).

Sim, foi criado um departamento por meio da resolução do CEPE e um grupo de trabalho do qual eu faço parte, eu faço parte do departamento, faço parte do grupo e nós planejamos as ações. (DOCENTE D).

Acerca das **prioridades**, alguns entrevistados expuseram suas reflexões acerca do assunto, apontando para a mobilidade e para a celebração de convênios internacionais. Conforme observado na primeira Unidade de Contexto deste estudo, a concepção de internacionalização no lócus dessa pesquisa está pautada, sobretudo,

em programas acadêmicos que visam a mobilidade internacional e a pesquisa com grupos estrangeiros ou internacionais. Desse modo, observa-se uma coerência entre ambas as Unidades de Significação, uma vez que as prioridades da IES vão ao encontro daquilo que foi concebido sobre internacionalização.

[...] isso que a gente está falando é daquele primeiro pilar que é o mais básico de todos, que é a mobilidade. (GESTOR D).

Nós temos já 28 convênios com instituições, nós trabalhamos de acordo com a demanda [...] o que aparece é o que damos prioridades (DOCENTE C).

Acerca das estratégias, os relatos dos entrevistados apontaram para a existência de uma preocupação e precaução com o obstáculo da barreira linguística. Mas uma vez, a percepção dos entrevistados demonstra coerência e articulação entre ambas as Unidades de Significação.

[...] um tradutor, para o que se produz atualmente nos grupos de pesquisa, possa ser traduzido para a gente tentar publicar fora, isso é só o começo, nem falando da possibilidade de parcerias com outras instituições para a pesquisa mesmo em conjunto (DOCENTE C)

Nós temos, já ofertadas, disciplinas em língua inglesa [...] estamos trabalhando para entrar outras, então nós estamos trabalhando com afinco (DOCENTE B).

Em consonância, a política interna regulamentadora determina que é competência do lócus de pesquisa:

Incorporar o acadêmico em atividades voluntárias ou não, relacionadas à negociação e cooperação com universidades internacionais, oportunizando a consolidação da formação acadêmica dos docentes, discentes e funcionários, ao desenvolvimento de pesquisas, as parecerias de gestão e de desenvolvimento de pesquisa.

É importante destacar a fala do Docente B, uma vez que ele afirma que ofertar disciplinas em língua inglesa é uma estratégia. Realmente, a literatura tem apontado que o fomento de idiomas nas IES é uma estratégia que deve ser fomentada. Para Knight, essa delimitação vai ao encontro do que a pesquisadora define como internacionalização “em casa”.

Outra Unidade de Significação observada foi a **Recursos Disponíveis**. Lisboa (2018) defende que estratégias cujo objetivo seja a implementação ou a expansão da internacionalização em IES devem ser bem estudadas para que as operações administrativas tenham sucesso e possam envolver os dirigentes, estudantes, professores e o corpo docente. Por sua vez, Stallivieri (2017) alerta para que a

implementação, expansão e condução da internacionalização em uma IES requer recursos, tais como estruturas organizacionais e administrativas que sejam capazes de atender as demandas da internacionalização. Ainda segundo a pesquisadora:

É importante verificar os recursos disponíveis e necessários para cada objetivo; desenvolver um plano estratégico para alcançá-los; identificar os meios para sua implementação; monitorar a instalação do projeto; identificar os resultados obtidos; avaliar os resultados e determinar se eles atendem a capacidade da instituição. Rever e ajustar o plano de acordo com os novos requisitos também é necessário para monitorar e avaliar o programa. O projeto será definido em conjunto. No entanto, é crucial que haja um posicionamento preciso pelas autoridades institucionais sobre a escolha da internacionalização, explicando o que esperar de cada uma das esferas institucionais: graduação, pós-graduação, extensão, pesquisa e gestão, e quem será o agente responsável pela sua implementação (STALLIVIERI, 2017, p. 28).

[...] a empresa tem, eles não pequenos [...] (DOCENTE A).

Temos recursos, sim. Assim como, por exemplo, um curso de pós-graduação em língua inglesa. (DOCENTE B).

Os recursos que nós abordamos na internacionalização, um exemplo, o curso de Mestrado em Educação e Novas Tecnologias, eles já têm um plano consolidado dentro do centro de custo deles, [...] são dois editais que se lançam por ano (DOCENTE D).

5.4 OPERACIONALIZAÇÃO: A IMPLEMENTAÇÃO DE DIFERENTES ASPECTOS DE UMA ESTRATÉGIA E CRIAÇÃO DE UMA CULTURA DE APOIO NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES

Na quarta Unidade de Contexto, **Operacionalização: a implementação de diferentes aspectos de uma estratégia e criação de uma cultura de apoio na institucionalização da internacionalização na IES**. Knight (1994) esclarece que a fase de operacionalização é composta por atividades acadêmicas e serviços, fatores organizacionais e princípios, elementos que desempenham papel fundamentais para a implementação ou expansão da internacionalização da ES em uma IES. Contudo, dos dados obtidos por meio das entrevistas emergiram duas Unidades de Significação, quais sejam: as **atividades acadêmicas** e os **princípios**.

No que se refere à Unidade de Significação **atividades acadêmicas**, os entrevistados relataram as seguintes atividades desenvolvidas na IES:

[...] nossos mestrados [...] eles promovem pesquisas e apresentam seus artigos no exterior. Nós temos professores que já foram, outros que vão fazer essa internacionalização. (DOCENTE A).

[...] na pesquisa de pesquisa seria muito interessante se o fio condutor fosse nos mestrados, guiar a possibilidade de internacionalização em duas grandes áreas. [...] convênios de reciprocidade, de mobilidade com qualquer universidade (GESTOR D).

Na mobilidade nós temos a bolsa Ibero-americano que é uma parceria [...] temos mobilidade hoje do processo de intercâmbio através do programa de mestrado (DOCENTE B).

Nós temos várias atividades, por exemplo, nós trouxemos uma docente da Letônia, ela ficou aqui trabalhando conosco no nosso mestrado [...]. Um aluno da França que veio fazer o curso de ciências contábeis [...] (DOCENTE B).

Percebe-se que as atividades acadêmicas relatadas pelos entrevistados vão ao encontro dos elementos de destaque do conceito de internacionalização relatados por eles. Esses relatos evidenciam que ações concretas e relevantes para a IES estão sendo operacionalizadas, tais como: publicação de pesquisas no exterior, celebração de convênios de reciprocidade entre o lócus da pesquisa e IES estrangeiras, mobilidade acadêmica internacional e trouxeram um professor visitante de um país europeu.

Acerca da Unidade de Significação **princípios**, a interculturalidade voltou a ser relatada, mas, dessa vez, com o peso de ser um dos princípios norteadores da internacionalização da ES na IES. Ao questionar os princípios do processo de internacionalização na IES, obtiveram-se as seguintes respostas:

[...] a interculturalidade é importante e nós. (DOCENTE A).

[...] para qualquer empresa busca se internacionalizar, o início você tem que buscar a parte de cultura, nas comunidades culturais que são semelhantes. (GESTOR D).

Ao que tudo indica, a interculturalidade, por ser tratada na IES como um dos fios condutores para a criação de estratégias de programas e estratégias organizacionais de internacionalização, é bastante importante e fundamental para a estruturação de uma educação voltada para a cidadania global.

5.5 RISCOS: AS AMEAÇAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA IES

Na quarta Unidade de Contexto, **Riscos: as ameaças à institucionalização da internacionalização da IES**, a Unidade de Significação emergente é **riscos**.

Como constam nas contribuições de Knight (2012), é preciso estar atento tanto aos riscos e às consequências quanto aos benefícios da internacionalização. Segundo Knight (2012), é possível citar alguns riscos inerentes à internacionalização da educação superior, tais como: a fuga de cérebros e a emissão de títulos fraudulentos são apenas dois de tantos elementos a que as IES devem manter-se atentas. Contudo, a pesquisadora Stallivieri (2017) apresenta um mapeamento de riscos inerentes à internacionalização detalhado e à luz da realidade brasileira. Dentre os riscos apresentados pela pesquisadora brasileira, observaram-se nos discursos dos entrevistados preocupações em relação a estrutura para a recepção de alunos estrangeiros e a projeção na expectativa das atividades de internacionalização, conforme segue:

[...] nós temos diferenciais realmente muito importantes, que nos permite estar entre os primeiros do país [...] em qualidade de ensino e educação. Há quem pensa que ao se internacionalizar, nós estamos entregando o ouro para o bandido, como diz o ditado, mas eu não vejo isso como problema. Porque existem ouro de todos os quilates por aí. Assim como alguma que nós fazemos no exterior, alguém vai aproveitar. Tenho o vice-versa, tem alguma coisa de lá que nós aproveitaremos também. E vamos pegar essa pedra de ouro bruta e lapidar, transformar em uma joia. Então, isso é perfeitamente possível. [...] o maior risco que eu vejo é que nós não possamos receber adequadamente e convenientemente pessoas que vem do exterior, do jeito que elas precisam e merecem ser recebidas [...]. Não é somente indicar um hotel nós temos que viabilizar que essa pessoa possa estar nesse hotel (DOCENTE A).

[...] expectativa interna [...] você cria uma expectativa em um professor pesquisador. Funcionários desmotivados [...] (GESTOR D).

[...] o risco maior é [...] frustrar o aluno muitas vezes. [...] É criar expectativa e não atender a demanda, então isso é um risco [...] (DOCENTE C).

Para Stallivieri (2017, p. 88), os riscos devem ser encarados como desafios e “devem ser abordados como metas na elaboração dos planos de capacitação e de desenvolvimento das instituições [...]. Ainda de acordo com a pesquisadora, em outras palavras, é importante que os gestores da IES defiram esforços para mapear o maior número de riscos possíveis, para que, conseqüentemente, soluções sejam pensadas e delineadas como metas oficiais a serem superadas pela IES para a

internacionalização. Em continuação, a pesquisadora afirma que minimizar os riscos depende, sobretudo, “da correta preparação” daqueles que participam do processo de implementação e de expansão da internacionalização.

5.6 RECOMPENSAS: O RECONHECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Na sexta Unidade de Contexto, **Recompensas: o reconhecimento da participação de professores e funcionários**, observou-se a Unidade de Significação **Reforço**. De acordo com Knight (1994), recompensas e reforços podem ajudar com o desenvolvimento e com a manutenção de uma cultura interna voltada para a internacionalização, além de valorizar seus funcionários e alunos por meio de incentivos. Ainda de acordo com a autora, estimular que a comunidade interna da IES participe do processo de implementação e de expansão da internacionalização pode favorecer a qualidade das estratégias de programas organizacionais, bem como auxilia no mapeamento de riscos e, conseqüentemente, o desenvolvimento perene das atividades de internacionalização (KNIGHT, 1994).

As entrevistas revelaram reflexões acerca de possíveis reforços que podem ser pensados e praticados no lócus da pesquisa, tais como o incentivo à aquisição de uma língua estrangeira por meio de ofertas de cursos ou de intercâmbios, concessão de bolsas de estudos para estudos no exterior, investimento em oferta de disciplinas ou cursos ministrados em idioma estrangeiro. Em detalhes, seguem os relatos dos entrevistados:

Totalmente a língua portuguesa, mas não conhecem a língua inglesa ou conhecem muito superficialmente. Primeiro passo seria mostrar a essas pessoas a vantagem que elas têm no domínio desse outro idioma, não qualquer outro idioma, mas principalmente o inglês por ser uma língua universal. [...] chamar essas pessoas para perto e dar como prêmio inicial uma imersão, não um curso de das horas semanais durante uma imersão mesmo nesse outro idioma que seja, por exemplo, o inglês, e que sabe até financiar para essa pessoa estar durante trinta dias em um país de língua inglesa para que volte de lá com mais domínio (DOCENTE A).

Eu concordo com reforço [...], mas o que eu vi em relação aos meus alunos [...] eles não sabem que existe bolsa Santander, eles entram na faculdade sabendo, eles sabem que um dos critérios para conseguir a nota, processo seletivo da bolsa Santander. Veja como é um reforço positivo, então você melhora a qualidade desses alunos, do estudo desses alunos, eles melhoram e dão mais atenção a sua faculdade, pensando no intercâmbio. Agora pense se você consegue gerar isso entre os professores e que sejam indicador de publicação, quem tem mais publicações vai poder ir para um congresso

internacional, e congresso internacional faz parte da internacionalização [...] de pesquisa (GESTOR D).

[...] por exemplo, o programa ibero-americano, o aluno [...] tem uma ajuda de custo (DOCENTE B).

[...] dando para esse aluno, talvez, um curso de pós-graduação gratuito como um prêmio, alguma coisa que estimule os outros também a tentarem [...] em relação ao docente [...], gravar uma disciplina em italiano com certeza o custo dessa gravação deveria ser um pouquinho mais alto do que o custo da gravação em língua portuguesa, porque você investiu em ter essa influência para gravar em outra disciplina (DOCENTE C).

No que se refere à questão linguística, Stallivieri (2017) aponta que uma das maiores barreiras para a internacionalização da ES continua sendo as barreiras linguísticas. Para Miranda e Fossatti (2018, p. 282), “são poucos os professores que tiveram experiências internacionais consolidadas e que são capazes de falar fluentemente um segundo idioma, tornando o país ainda uma nação monolíngue”. No que concerne aos alunos, Miranda e Fossatti (2018) afirmam que boa parte não valoriza o aprendizado de um idioma estrangeiro. Parte desse problema tem origem nas falhas [...] na própria Educação Superior que, muitas vezes, não faz essa exigência. Em ambos os casos, grande parte do corpo docente também não foi preparada para dar importância ao domínio de uma segunda língua [...]” (MIRANDA; FOSSATTI, 2018, p. 283).

Já sobre a questão da concessão de bolsas de estudos, Stallivieri (2017, p. 131) destaca que a partir da “utilização dessas bolsas, estudantes de graduação e pós-graduação podem realizar estudos no exterior [...], focando o desenvolvimento da inovação e tecnologia”.

De toda forma, conforme ensina Knight (1994), cada IES deve determinar as formas específicas de reconhecer e honrar os esforços daqueles que contribuem com ideias, trabalho, participação em programas etc. Fomentar a participação de todos que compõem a IES por meio de recompensas e reforços, sejam professores ou gestores, sejam alunos, estimula uma base de compromisso na comunidade interna o que, invariavelmente, estimula mudanças nos programas ou políticas existentes e no desenvolvimento e implementação de novas atividades e serviços (KNIGHT, 1994).

5.7 RECURSOS TECNOLÓGICOS: A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS EM PROL DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES

Na Unidade de Contexto, **Recursos tecnológicos: a utilização de tecnologias em prol da implementação e expansão da internacionalização na IES**, observou-se a Unidade de Significação **Tecnologias**.

As inovações tecnológicas produzem impactos na produção e organização de produção, indústrias, e no comércio desses produtos. Diante dessa perspectiva, o avanço científico e tecnológico, que se iniciou no final do século XX e ainda está decorrendo, é um dos elementos essenciais da globalização como a conhecemos hoje (CHAVES, 2006). Embora haja autores que defendam que a globalização não está atrelada necessariamente aos avanços tecnológicos, é importante e interessante notar que as tecnologias de informação e comunicação (TICs), que são aquelas essencialmente conectadas à rede, estão produzindo, ou colaborando, para uma abrangente reorganização social. Isto é, a sociedade, cada vez mais, está se organizando com base no uso das TICs, o que resulta na modificação de processos produtivos, de cultura e de comportamento. Isso ocorre porque diferentes pessoas em diferentes Estados e nações estão trocando informações de diversas formas (escrita, visual, sonora). Tais trocas de informações também alteram valores, uma vez que o uso das TICs se configura como uma forma de sociabilização e de exercício político (MORAES, 2002). Conforme melhor explicam Oliveira e Castro (2013, p. 3):

[...] o processo de internacionalização da educação superior vem sendo delineado ao longo do tempo pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação, que têm proporcionado intercâmbios acadêmicos cada vez mais dinâmicos e acessíveis [...] seja por aspectos relacionados à mobilidade de pessoas, a circulação de programas, a abertura de campi e a instalação de instituições fora do seu país de origem.

Nesse contexto, destacam-se as tecnologias que viabilizam a Educação a Distância (EaD), que possuem a capacidade de transpor as distâncias e as fronteiras e levar conteúdo e conectar estudantes e pesquisadores de diferentes países e regiões. Neste sentido, Miura (2006, p. 26), afirma que a EaD “vem transformando a tradicional sala de aula, abrindo possibilidades nos campos da educação formal [...], afetando profundamente o processo de internacionalização do ensino superior”. De acordo com os dados coletados, os sujeitos da pesquisa afirmam que esse assunto é recorrentemente pensado e operacionalizado no lócus da pesquisa, conforme segue:

Isso já é feito dentro da instituição em alguns momentos [...]. Pesquisas que nasceram da necessidade, por exemplo, de um trabalho de conclusão de curso em uma graduação, ou da apresentação de uma monografia no lato sensu, ou até mesmo pesquisas que são necessárias para quem estiver realizando o stricto sensu. Essas tecnologias já são uma realidade da nossa IES, a nossa plataforma do AVA que é um desenvolvimento próprio. Nosso próprio processo de produção de material didático, ele envolve recursos tecnológicos que nos coloca também como instituição de ponta. Eu acredito que esse é o caminho (DOCENTE A)

[...] tecnologia é internacional. [...] hoje nós temos a nossa ferramenta de tecnologia da empresa que hoje é o AVA. É um ambiente que poucas instituições têm o que nós temos, que nós vemos que imputar dentro da própria ferramenta é a necessidade do que a gente possa desenvolver. Por exemplo, nós estamos fazendo um processo agora de entrevistas, ano passado as entrevistas eram feitas com celular, então o departamento de telefonia disponibilizou uma quantidade x de telefone e nós fazíamos as entrevistas. Esse ano é muito profissional, mais tecnológico, você abre um vídeo conferência, grava a vídeo conferência do aluno tem condições. O processo de seleção nós estamos em três, existe um entrevistador e dois ouvintes, você já tem condições de ir avaliando o aluno na hora da entrevista, você informa ao aluno que ele está sendo avaliado por um x de pessoas. É gravado, está ali no sistema disponível, você pode inclusive tem um suporte para que se amanhã um aluno imputar com um recurso nós temos todo o processo. Tecnologia sim e ela vai virar uma receita no futuro (GESTOR D).

Agora com os Polos no exterior a viabilidade de ter essa interação pelas tecnologias com outro mundo acontecendo é muito grande. Tudo é possível, pode de repente desenhar algo criativo, eu sei porque já conversei muito com os responsáveis pela programação do AVA, desenhar, montar uma coisa que traga mais uso da tecnologia para a internacionalização, por exemplo. (DOCENTE B)

Eu acho que tem, existem já esses recursos, tanto é que eu tenho alunos que moram nos Estados Unidos e fazem o curso de [...]. A educação a distância permite isso e o nosso AVA torna isso viável, totalmente. Então existe a tecnologia eu vejo isso acontecendo e eu atendo alunos do Polo que já são três polos nos Estados Unidos, isso é tecnologia. Por isso que esse pilar de negócios aqui. Está muito avançado, então a gente consegue ver isso nele. Os alunos nos Estados Unidos têm acesso a tudo que os nossos alunos no Brasil têm, é incrível. O AVA é um grande exemplo disso, mas poderia se avançar muito mais, mas eu acho que esse avanço depende também do quanto a educação também vai avançando e quanto as próprias políticas vão se flexibilizando e entendendo a EAD. (DOCENTE C)

Diante disso, pode-se inferir que esse movimento no lócus de pesquisa é positivo e que uma democratização, expansão e difusão do ensino estão sendo pensadas no lócus, juntamente com a preocupação com a questão da qualidade das ofertas.

6 PRODUTO DESTA DISSERTAÇÃO: MODELO ADAPTADO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Pensar e pôr em prática a internacionalização da Educação Superior (ES) é de relevância imensurável no século XXI, conjuntura em que cada vez mais as pessoas se conectam umas às outras por meio de aparelhos eletrônicos que, por sua vez, acessam a internet. Esse é um mundo em que as pessoas podem transpor fronteiras nacionais sem burocracia, sem a necessidade de vistos ou passaportes, tudo virtualmente. Ou seja, cada vez mais as pessoas têm acesso à cultura, à política e à economia do “outro”.

No que se refere às instituições de ensino superior e à Educação Superior, Faoro, Dal-Soto e Ferreira (2015) afirmam categoricamente que o processo de internacionalização da Educação Superior é um caminho sem volta.

Diante desse cenário, Castells (2005) interpreta esse fenômeno e, na sequência, postula o conceito de sociedade em rede, com a finalidade de explicar esse novo fenômeno. Para o autor, sociedade em rede é uma mudança social, na qual a sociedade se (re) organiza entorno da internet e dos aparatos eletrônicos que a ela se conectam (2005). Ainda de acordo com Castells (2005, p. 18):

[...] a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia.

Por conseguinte, Griboski (2015) afirma que as instituições de ensino superior (IES) precisam entender que o processo de internacionalização é uma questão de inclusão global, já que para muitos alunos e, até mesmo, professores, essa pode ser uma grande oportunidade de ter contato com o ambiente internacional, seja mediada pelo uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICS), seja por meio de programas de mobilidade. Ainda segundo Griboski (2015, s.p.):

O mercado de trabalho tem exigido, cada vez mais, profissionais graduados com habilidades internacionais, interculturais e fluência em línguas estrangeiras. Para atender essa demanda, as Instituições de Ensino Superior (IES) estão seguindo um novo caminho que é o da internacionalização do ensino superior, que visa aumentar ainda mais o contato de seu corpo discente e docente com o mundo global.

Neste sentido, nunca se precisou tanto de pessoas com habilidades interculturais. Há a necessidade de se pensar a formação de profissionais com perfis

globais, que devem se inserir e se adequar a um mundo cada vez mais multicultural. Em corroboração a esse pensamento, Lisboa defende que “nunca se precisou compreender, com tanta maturidade, o papel que a internacionalização está exercendo sobre a educação superior” (LISBOA, 2018, p. 9).

Mas para que se possa formar profissionais, em especial professores, para uma cidadania global, a própria IES precisa entender o fenômeno da internacionalização e entender as possíveis formas de institucionalizar esse processo. Em outras palavras, as IES precisam saber como incorporar o processo de internacionalização.

A literatura tem apontado para conceitos e formas de internacionalizar-se. Nesta presente dissertação, uma pesquisa foi conduzida com o objetivo de aprofundar-se nessa temática e, conseqüentemente, elaborar um modelo de internacionalização a partir do cruzamento dos dados coletados pelas pesquisas bibliográficas e empírica.

As contribuições do referencial teórico foram de extrema importância para entender e refletir sobre os significados que podem ser atribuídos à internacionalização da ES. Além disso, permitiu que uma investigação sobre elementos teóricos do contexto contemporâneo da internacionalização da ES fossem examinados à luz da internacionalização. Em outras palavras, temas como globalização, Organizações Internacionais, tecnologias e formação de professores fossem investigados de modo que fosse possível identificar a zona de intersecção com a internacionalização da ES.

Verificou-se que a globalização está intimamente relacionada com a internacionalização da ES, mas que não são a mesma coisa. Pelo contrário, foi possível observar que a internacionalização da ES pode ser conduzida pelas IES de modo que atenda a globalização e, concomitantemente, aos interesses de seu corpo docente, discente e da sociedade na qual ela está alocada. Ou seja, a internacionalização da ES pode ser considerada um reflexo da globalização, mas a implementação do processo de internacionalização pode ser feita pelas IES de forma mais humana, formando cidadãos globais, preocupados com questões de interesse internacional e, principalmente, respeitando a cultura dos povos. Esse respeito é necessário e importante, pois, conforme aponta a UNESCO (2015, p. 14):

É um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada

indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa.

Neste sentido, as tecnologias assumem papel duplo nessa conjuntura, pois, ora é reatora da globalização, ora é facilitadora da internacionalização. Uma das principais características da globalização, essa que ocorre a partir das últimas décadas do século XX e ganha potência no século XXI, é a presença das tecnologias conectando pessoas, povos, nações e estados. Além disso, são essas mesmas tecnologias que viabilizam que “um” tenha acesso à cultura do “outro”.

Desse modo, o referencial teórico foi utilizado como base para a elaboração da pesquisa de campo que, por sua vez, mostrou as particularidades e a realidade do lócus e dos sujeitos pesquisados. Essa foi uma etapa muito importante, pois permitiu a esta pesquisa uma análise de contexto. Por consequência, os dados coletados no lócus da pesquisa permitiram propor produto de aplicabilidade que busca colaborar com o processo de internacionalização.

Em outras palavras, a partir das zonas de intersecção observadas entre os dados coletados por meio das pesquisas bibliográfica e empírica, foi proposta uma **adaptação no círculo de internacionalização de Knight (1994)**. O modelo de internacionalização proposto é composto por sete fases de implementação da internacionalização, quais sejam:

- Conceito;
- Consciência;
- Planejamento organizacional;
- Planejamento acadêmico;
- Mapeamento de riscos;
- Recompensas e reforços;
- Recursos tecnológicos.

Nesse modelo adaptado proposto, mantiveram-se três fases que haviam sido estipuladas por Knight (1994), a saber: consciência, planejamento e reforço. As demais quatro fases³ foram adaptadas a partir dos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, que, por sua vez, revelaram os principais pontos da internacionalização da ES considerados pelo lócus da pesquisa. As quatro fases adaptadas são: conceito, planejamento organizacional, planejamento acadêmico e mapeamento de riscos.

Espera-se que as adaptações realizadas em cima do círculo de internacionalização de Knight (1994), que tiveram como base e fonte a análise dos dados coletados por meio das entrevistas, possam trazer conceitos e teorias importantes e abundantes na literatura específica que possam nortear o processo de internacionalização do lócus da pesquisa e, não obstante, outras IES que estejam em fase inicial ou de expansão de internacionalização.

Além da adaptação das quatro fases comentadas, também houve uma adaptação na dinâmica do funcionamento do círculo de internacionalização de Knight (1994). A dinâmica proposta pela autora era de etapas lineares, as quais não estabeleciam hierarquias ou pré-requisitos. Em outras palavras, o círculo de internacionalização de Knight (1994) assemelhava-se a um carrossel, em que a IES iniciaria em qualquer uma das fases e poderia seguir para a fase seguinte, independentemente se no fluxo horário ou anti-horário.

Porém, diante da análise de dados desta pesquisa, evidenciou-se que é preciso um esforço por parte das IES principiantes no assunto para explorar os mais diversos conceitos teóricos sobre internacionalização da ES e sobre outros temas correlatos, tais como: globalização, Organizações Internacionais, Políticas Nacionais de Educação Superior, formação docente no contexto global (cidadania global) e os impactos que os recursos tecnológicos causam para a Educação Superior e para o seu processo de internacional.

Em outras palavras, evidenciou-se a importância de que o processo de internacionalização inicie por discussões, debates e delimitações sobre o conceito de internacionalização em nível institucional. É importante que as IES examinem e delimitem o que é internacionalização da ES para o seu contexto. Ou seja, os dirigentes e envolvidos com o processo de internacionalização devem investigar os conceitos que são atribuídos à internacionalização da ES. Esses conceitos variam e, portanto, as IES precisam absorver o máximo de informações acerca desse assunto para poder, posteriormente, determinar qual é o seu entendimento institucional sobre a internacionalização. Uma clareza e um alinhado sobre o conceito de internacionalização, em nível institucional, influencia diretamente o delineamento de estratégias e processos de internacionalização. Zanchet *et al.* (2017, p. 68) concordam com essa ideia e afirmam que é “[...] fundamental fomentar uma discussão sobre o significado e o conceito de internacionalização para que ocorram a

organização e adequação institucional, criando condições e possibilidades [...] durante o processo”.

Neste mesmo sentido, Stallivieri (2017, p. 70) ensina que “cada instituição deve buscar seu desenvolvimento internacional de acordo com suas metas características e suas possibilidades de atingir as metas por ela definidas”. Contudo, a IES também precisa estar atenta às questões relacionadas à globalização, formação de professores e tecnologias, por exemplo. Esses outros assuntos colaboram para a ampliação do entendimento acerca da internacionalização da ES, o que, conseqüentemente, possibilita que soluções para problemas inerentes a esses assuntos sejam pensadas e, porventura, operacionalizadas. Diante disso, *Borges et al.* (2018, p. 4), apoiados em Luce, Fagundes e Mediel (2016), destacam que “a internacionalização pode ser considerada como um recurso ao qual visa impulsionar o sistema educacional e as instituições de nível superior visando responder as necessidades da globalização”. Por essa razão entender a internacionalização da ES não pode ser considerada um fim *per se*, mas um meio para atingir os anseios da IES (KNIGHT, 1997).

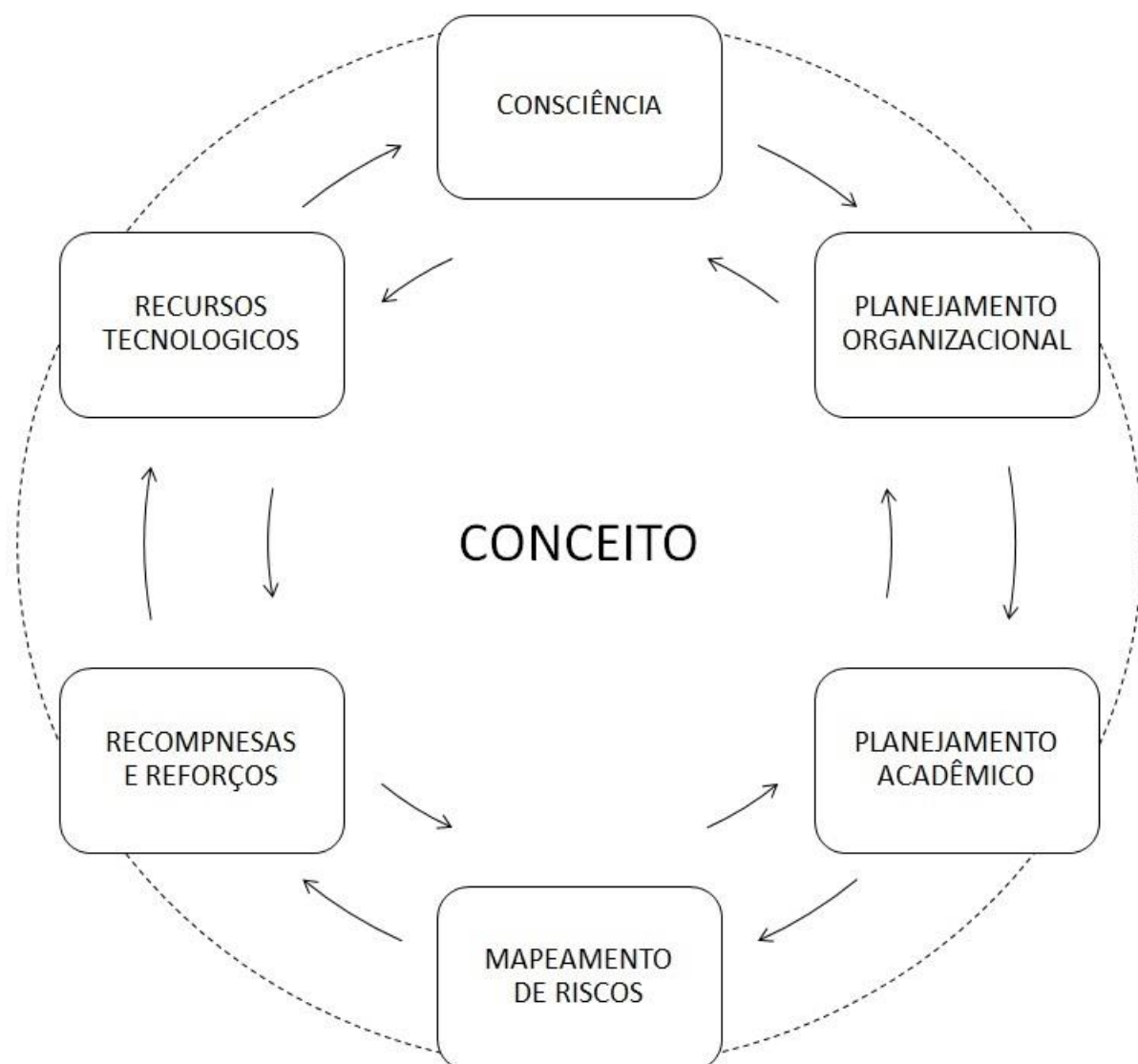
Após cumprida a primeira etapa, a IES pode passar para qualquer uma das outras seis fases. A partir desse momento, não há mais hierarquia ou pré-requisito entre as fases para mudar de fase.

Em síntese, nesse modelo adaptado proposto, a fase conceito é caracterizada como o núcleo central do processo de internacionalização, que deve ser o primeiro passo a ser abordado. Posteriormente, pode-se iniciar em qualquer uma das demais fases e seguir a alternância tanto em sentido horário quanto anti-horário.

Essa dinâmica em forma de círculo é uma posição de Knight (1994), que concebe esse modelo e dinâmica como um círculo bidirecional, uma vez que as IES podem mover-se de uma fase a outra em seu próprio ritmo, porém, de forma ordenada.

O modelo de internacionalização adaptado do círculo de internacionalização de Knight (1994) é ilustrado na Figura 4, bem como, posteriormente, cada uma das fases é descrita detalhadamente:

Figura 4 – Modelo de internacionalização adaptado do círculo de internacionalização de Knight (1994)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020), adaptado de Knight (1994).

De acordo com a figura acima, o grande círculo representa o conceito de internacionalização, o qual abarca as demais seis fases de internacionalização. Desse modo, primeiramente, em nível institucional, debatem-se as várias concepções de internacionalização e, posteriormente, delimita um entendimento para a IES. Depois disso feito, a IES estará mais preparada para adentrar no círculo interno, que possui uma dinâmica de passagem de fases bidirecional.

6.1 CONCEITO

Diante dos diversos conceitos de internacionalização da ES, bem como do seu processo de implementação, informações confiáveis disponíveis na literatura especializada sobre o assunto, se faz necessário que os dirigentes coloquem esse assunto em pauta nas discussões institucionais. A concepção de internacionalização da ES pode ser alterada de tempos em tempos (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012), de país para país (KNIGHT, 2004), de autor para autor (MOROSINI, 2019) e, também, de instituição para instituição (STALLIVIERI, 2017). Em outras palavras, “a internacionalização se caracteriza como um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados” (ZANCHET et al., 2016, p. 63). Ainda de acordo com Zanchet et al. (2016, p. 68), “é importante que alertar que o processo de internacionalização vai além da mobilidade estudantil. É um processo que precisa envolver a comunidade e se estabelecer como uma política institucional”. Neste mesmo sentido, Lisboa (2018) ressalta que compreender, com maturidade, o papel da internacionalização na Educação Superior nunca foi tão importante. Isso ocorre porque, desde a Guerra Fria, a internacionalização da ES vem sendo delineada pelos ditames da globalização (CUNHA, 2016). Sabe-se que a globalização pode ser encarada de várias formas e por vários vieses, alguns mais otimistas e outros não tão otimistas. Contudo, é possível concebê-la como o um “meio para alcançar objetivos comuns no mundo [...]”. A cooperação internacional abre janelas de oportunidade para os países em desenvolvimento” (SILVA, 2007, p. 6). Desse modo, explorar os conceitos de internacionalização da ES é, invariavelmente, investigar assuntos correlatos à própria, tais como globalização, formação docente norteada pela promoção da cidadania global e inter e multiculturalidade, o impacto e as formas como as NTICS influenciam e colaboração para esse processo e o contexto das políticas nacionais e internacionais que implicam no assunto.

6.2. CONSCIÊNCIA

Consciência: a internacionalização da ES está cada vez mais se posicionando como um assunto relevante e importante das IES contemporâneas (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017). O debate sobre a internacionalização, seja sobre o seu conceito, seja sobre as estratégias e o processo de implementação, condução ou

expansão, deve ser fomentado no seio da IES, devendo envolver gestores, docentes e discentes (KNIGHT, 1994). A partir desse fomento, a conscientização sobre o assunto passa a tomar corpo. Em outras palavras, os elementos que compõem a conscientização passam a emergir nesse contexto, quais sejam: a necessidade de internacionalizar-se, o propósito da internacionalização que a IES atribuiu a esse processo, os benefícios que o processo de internacionalização pode trazer para a IES, gestores, funcionários, docentes e discentes e os obstáculos que precisam ser enfrentados no que se refere à implementação da internacionalização.

- **Necessidade:** Conforme comentado anteriormente, a internacionalização é um caminho sem volta (FAORO, DALSOLO; FERREIRA, 2015). A internacionalização da ES está intimamente relacionada aos ditames da globalização (MOROSINI, 2019) e, portanto, as IES precisam se adaptar à essa realidade. Em outras palavras, as IES precisam conscientizar-se da necessidade e da relevância do processo de internacionalização. O mundo está cada vez mais conectado em uma rede virtual que não conhece fronteiras, onde trocas de informações entre povos, nações e Estados diferentes acontecem de forma ordenada e desordenada (CASTELLS, 2005). Cabe às IES se fazerem presentes nessa troca internacional de informações, o que exige que elas pensem em estratégias organizacionais e acadêmicas para conduzir e instruir seus alunos para além das fronteiras (KNIGHT, 1994), seja virtualmente, seja fisicamente.
- **Propósito:** Trata-se de conscientizar-se do papel que a Educação Superior deve cumprir frente ao seu país e região e como a IES pode trabalhar isso utilizando a internacionalização ao seu favor. Assim, a internacionalização deve ser pensada e, conseqüentemente, conduzida de modo que atenda a um determinado propósito. Como afirma Knight (2002, p. 27), a internacionalização da ES “não é um fim *per se*, mas um meio de alcançar objetivos acadêmicos, científicos, econômicos, tecnológicos ou culturais”. O agrupamento desses objetivos, de forma ordenada e articulada, fundamenta o propósito da IES frente à internacionalização. Logo, os propósitos de uma IES em face à internacionalização podem ser subjetivos. A internacionalização pode propiciar à Educação Superior concepções mais amplas e densas, “ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global” (MOROSINI, 2019,

p. 12). Portanto, deve haver uma conscientização acerca das possibilidades de desenvolver uma cidadania global por meio da internacional, a qual promova a interculturalidade e multiculturalidade. Para Morosini (2019, p. 13), quando “se pensa em internacionalização, [...] não se pode deixar de pensar em integração entre culturas ou aspectos culturais”.

- **Benefícios:** A internacionalização pode servir como uma ferramenta para a qualificação da IES e de seus gestores, funcionários, docentes e discentes. Os benefícios estão imbricados com a necessidade e o propósito. Portanto, pode-se dizer que os benefícios que podem ser logrados por meio do processo de internacionalização vão desde a inclusão da IES no cenário internacional até a formação de gestores, funcionários, docentes e discentes.
- **Obstáculos:** A atitude de pensar nos obstáculos é uma precaução que a IES deve considerar para a implementação do processo de internacionalização. Os principais obstáculos que a literatura aponta são as definições de políticas internas e, conseqüentemente, a elaboração de estratégias de internacionalização insuficientes ou implícitas. Também verificou-se que um dos obstáculos é a não criação de um departamento específico para esse assunto ou, então, que o departamento seja criado mas não receba recursos suficientes para cumprir com suas funções.

A fase de conscientização estimula debates produtivos junto a todos os envolvidos com o processo de internacionalização, pois é um momento em que o entendimento que a IES possui acerca da internacionalização é posto em pauta (KNIGHT, 1994).

6.3 PLANEJAMENTO ORGANIZACIONAL

Em outras palavras, trata-se das estratégias organizacionais do processo de internacionalização. Nesse momento é pensada a criação ou a melhoria de planos de internacionalização, no qual deve constar os assuntos prioritários para IES e modo como isso acontecerá. Algumas estratégias (Quadro 11) acerca do planejamento organizacional merecem atenção prioritária:

Quadro 11 - Estratégias norteadoras para o planejamento organizacional

Administração	<ul style="list-style-type: none"> • Compromissos expressos pelos órgãos de gestão; • Envolvimento ativo de docentes e funcionários não docentes; • Reconhecimento da dimensão internacional nas declarações da missão institucional.
Operações	<ul style="list-style-type: none"> • Integração na instituição e departamento/ planejamento a nível escolar, sistemas de orçamentação e controle de qualidade; • Estruturas organizacionais apropriadas; • Sistemas (formais e informais) para comunicação, ligação e coordenação; • Equilíbrio entre a gestão e a promoção da internacionalização a nível central e a nível descentralizado; • Apoio financeiro adequado e alocação de sistemas de recursos.
Serviços	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio dos serviços da instituição a nível de alojamento, registos, aconselhamento, financiamento etc.; • Envolvimento de unidades académicas de apoio à aprendizagem de línguas, desenvolvimento curricular, formação de docentes e funcionários; • Serviços de apoio aos estudantes em mobilidade incoming e outgoing como programas de orientação, aconselhamento, treino intercultural e tutores.
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Processos de recrutamento e seleção que reconheçam a experiência internacional; • Políticas de promoção e reconhecimento das contribuições por parte de docentes e funcionários para a internacionalização; • Desenvolvimento de atividades profissionais a nível de docentes e funcionários; • Apoio a compromissos internacionais.

Fonte: O autor, adaptado de Miura (2006)

Essa é uma fase exclusiva da IES (KNIGHT, 1994). Em outras palavras, esse é o momento em que o processo de implementação, condução ou expansão da internacionalização deve ser pensado de acordo com as características da IES (STALLIVIERI, 2017).

6.4 PLANEJAMENTO ACADÊMICO

Planejamento acadêmico: trata-se também da elaboração de estratégias, porém, daquelas relacionadas aos programas acadêmicos de internacionalização. As estratégias (Quadro 12) que a literatura destaca e que merecem atenção prioritária são:

Quadro 12 - Estratégias norteadoras para o planejamento acadêmico

Programas Acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> • Programas de mobilidade estudantil; • Estudo de língua estrangeira; • Currículo internacionalizado; • Estudos por área ou temáticos; • Processo de ensino/aprendizagem; • Programas de mobilidade de docentes; funcionários administrativos; • Treinamento acerca da interculturalidade; • Palestrantes e professores visitantes.
Atividades de internacionalização relacionadas à pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Projetos de investigação conjuntos; • Seminários e conferências internacionais; • Acordos de investigação internacionais; • Parceiros de investigação internacionais em setores acadêmicos e outros.
Relações Externas	<ul style="list-style-type: none"> • Parcerias baseadas na comunidade com organizações não governamentais ou grupos do setor público ou privado; • Serviço comunitário e projeto intercultural Estrangeiros; • Desenvolvimento de programas internacionais de assistência; • Contrato de formação, programas de investigação e serviço; • Programas estrangeiros para antigos alunos.
Atividades extracurriculares	<ul style="list-style-type: none"> • Associações de estudantes; • Eventos interculturais e internacionais; • Grupos de apoio social, cultural e acadêmico.

Fonte: O autor, adaptado de Miura (2006)

Da mesma forma como o Planejamento Organizacional, o Planejamento Acadêmico é um momento de debate, no qual as características da instituição devem ser levadas em consideração para a definição das estratégias a serem adotadas. Essas estratégias precisam ser pensadas de modo que auxiliem a IES atingir um objetivo final.

6.5 MAPEAMENTO DE RISCOS

Mapeamento de riscos: Para Knight (2012), o processo de internacionalização está sujeito aos riscos ao longo do caminho e, portanto, as IES devem somar esforços para tentar prever e, conseqüentemente, estar preparadas para superá-los. Embora não seja possível prever com exatidão quais são esses riscos, uma vez que isso se altera de IES para IES, Stallivieri (2017, p. 87-88) tem apontado para alguns riscos recorrentes e comuns nesse processo, tais como:

- Comprometimento: Falta de comprometimento de docentes, pesquisadores, funcionários e gestores. Esse é um risco que interfere na operacionalização das atividades de internacionalização;

- Metas: Metas definidas que vão de encontro à gestão da instituição, seu Plano de Desenvolvimento Institucional. Esse risco acarreta desajustes em tomadas de decisões, cortes orçamentários, inadequadas previsões administrativas e ausência de comprometimento, especialmente por parte de gestores;
- Infraestrutura: Escritórios de internacionalização na IES sem infraestrutura, profissionais qualificados e sistemas de apoio para aqueles docentes e discentes em execução de alguma atividade acadêmica internacional. Esse risco afeta diretamente a execução de metas;
- Registros de informações: O não registro do histórico das atividades de internacionalização. Esse risco interfere no monitoramento das atividades realizadas e de análises para melhorias futuras;
- Formulação e celebração de acordos: Acordos com definições vagas, bem como ausência de recursos financeiros e estruturais para operacionalizá-los. Esse risco pode gerar à IES uma série de “acordos de gaveta” ;
- Captação dos resultados: A não utilização dos benefícios logrados em cada atividade acadêmica internacional operacionalizada é um risco que vai de encontro às razões que a IES delineou para a sua internacionalização, uma vez que não pode se valer dos resultados a seu favor;
- Grupos divergentes: Falhas em relação ao entrosamento dos docentes e discentes estrangeiros no novo ambiente. Esse risco pode acarretar problemas na execução das atividades acadêmicas de internacionalização.
- Expectativas: e nas atividades acadêmicas de internacionalização, esse risco pode gerar descredibilidade no processo de internacionalização;
- Barreiras linguísticas: A não proficiência em idioma estrangeiro pode inviabilizar acordos ou participação em atividades acadêmicas ou administrativas internacionais. Essa barreira pode gerar frustração no corpo docente, discente e gestores da IES.

Esses são alguns exemplos de possíveis riscos que podem impactar negativamente no processo de internacionalização. Mapeá-los é de extrema importância, pois eles podem ser vistos como desafios a serem superados pela IES (STALLIVIERI, 2017). Em outras palavras, devem ser abordados como metas que podem ser pensadas e disponibilizadas em políticas e documentos oficiais da IES.

6.6 RECOMPENSAS E REFORÇOS

Considerar a fase de recompensas e reforços é bastante importante para que uma cultura institucional voltada para a internacionalização seja desenvolvida e, principalmente, mantida ao longo do tempo (KNIGHT, 1994). Cada IES deve pensar e estipular, de acordo com suas necessidades e possibilidades, formas específicas de recompensar aqueles que colaboraram para o processo de internacionalização, que podem ser os gestores, funcionários, professores e alunos. O processo de internacionalização perpassa por toda a IES e, portanto, é vital contar com a participação de todos. Os sujeitos da pesquisa revelaram algumas ideias que podem servir como base para a delimitação de recompensas e reforços:

- Incentivo à aquisição de um segundo idioma;
- Concessão de bolsas para estudos no exterior;
- Investimentos em disciplinas, de graduação e pós-graduação, ofertadas em língua estrangeira.

Os dados coletados pela pesquisa empírica também revelaram que existe uma maior preocupação e, portanto, uma maior necessidade de que o fomento ao engajamento, o que ocorre por meio de recompensas e reforços, seja realizado para transpor os obstáculos. Por exemplo, ofertar cursos e disciplinas em língua estrangeira pode tanto ajudar a romper um obstáculo quanto contribuir para a criação de um ambiente cuja cultura institucional esteja voltada para a internacionalização. Diante disso, os reforços e as recompensas podem ser utilizados como ferramentas de transposição dos obstáculos previsto pela IES.

6.7 RECURSOS TECNOLÓGICOS

O processo de internacionalização da ES está sob influência do avanço tecnológico, sobretudo das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), que pode possibilitar intercâmbios de informações entre pessoas de diferentes Estados (OLIVEIRA; CASTRO, 2013). De acordo com Miura (2006), as NTICs “vêm transformando a tradicional sala de aula, abrindo possibilidades nos campos da educação formal [...], afetando profundamente o processo de internacionalização do ensino superior”. Diante disso, algumas das estratégias programáticas devem ser

pensadas de modo que as NTICs façam a mediação entre os envolvidos. A Educação a Distância (EaD) abre portas para aulas, palestras, pesquisas e outras atividades acadêmicas entre pessoas em diferentes Estados e culturas, o que significa que também pode ser utilizada para atividades acadêmicas internacionais. Portanto, cabe a IES analisar as ferramentas que possui, como ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), e considerá-las ao definir suas estratégias.

Espera-se que o estudo dessas fases que compõem esse modelo de internacionalização adaptado de Knight (1994), possam ajudar a IES a nortear a sua implementação, organização e expansão do processo de internacionalização.

A operacionalização e a manutenção desse modelo podem conceder à IES uma visão holística do processo de internacionalização. Knight (1994) alegava que por ser um círculo bidirecional, elemento mantido no modelo adaptado aqui proposto, uma fase deveria ser fechada para, então, passar para a próxima fase. Desse modo, a fase seguinte seria elaborada com respaldo e em consonância com a fase anterior (KNIGHT, 1994). Ainda de acordo com a autora, a dinâmica desse círculo pode oportunizar inovações contínuas, além de que o processo de implementação da internacionalização seja integrado e institucionalizado a partir de um formato esquemático que ilustra e direciona o processo de internacionalização de forma contínua e como um todo na IES.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida para esta dissertação buscou construir conhecimentos teóricos e práticos que envolvessem a internacionalização da Educação Superior e o seu processo de implementação institucional, alicerçada pela seguinte questão balizadora: Como constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de implementação da internacionalização da Educação Superior em uma instituição de ensino superior privada, situada na região sul do Brasil, que se encontra em fase inicial de internacionalização?

A escolha do tema e a formulação do problema da pesquisa emergiu da formação superior inicial do pesquisador, bacharelado em Relações Internacionais, e das inquietações e reflexões que surgiram de sua condição de mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Profissional em Educação e Novas tecnologias – PPGENT, do Centro Universitário Internacional UNINTER. Diante dessa trama, a curiosidade e os estudos do presente pesquisador seguiram rumo à zona de intersecção entre ambos os saberes, Relações Internacionais e Educação. Desse modo, o tema internacionalização da Educação Superior emergiu, bem como o desejo de entender o significado disso e a forma como isso se aplica no âmbito institucional em prol da formação docente. Sabe-se que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) estão estreitando as culturas, povos e nações, mas a postura que, de forma genérica, as instituições de ensino superior tomavam frente a esse cenário ainda não estava clara para o pesquisador. Foi então que esta pesquisa nasceu.

Para responder ao problema mencionado e alcançar e esclarecer os resultados da pesquisa, essa problemática foi traduzida em objetivos, geral e específicos. O objetivo geral da pesquisa delimitou-se em analisar os elementos que constituem e/ou fundamentam a compreensão e o processo de implementação da internacionalização da ES em uma IES privada, situada na região sul do país, que se encontra em fase inicial de internacionalização.

Por sua vez, os objetivos específicos foram constituídos por três asserções norteadoras, cuja finalidade é estabelecer bases para a operacionalização da pesquisa e atingir o objetivo geral, quais sejam:

- Caracterizar conceitos e modelos de implementação pertinentes à internacionalização da ES disponíveis na literatura nacional e internacional contemporânea;
- Averiguar o contexto e o modo como o processo de implementação da internacionalização da Educação Superior são concebidos e conduzidos na IES pesquisada;
- Propor a entrega de um produto, um modelo de internacionalização adaptado para nortear os processos de implementação da internacionalização da ES em IES.

Em relação ao percurso metodológico empregado nesta dissertação, tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e aplicada, cuja coleta de dados ocorreu por meio de pesquisas bibliográfica, documental e empírica. No que se refere especificamente à pesquisa empírica, elaborou-se uma entrevista semiestruturada que, posteriormente, serviu de instrumento para a coleta de dados juntos aos sujeitos da pesquisa, com a finalidade de elucidar algumas questões pertinentes ao lócus da pesquisa.

A descrição e análise de dados ocorreu por meio da aplicação da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), utilizando categorias de análise estabelecidas *a priori*.

Os dados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica permitiram a exploração do tema e concederam a essa pesquisa alicerces teóricos, como resultado permitiu que o pesquisador se aproximasse de seu objeto de estudo de forma mais profunda e crítica. A literatura sobre esse tema, seja nacional, seja internacional, dispõe de valiosas informações que caracterizaram os conceitos acerca da internacionalização da Educação Superior e os modelos de implementação.

O exame da literatura pertinente ao conceito internacionalização da Educação Superior demonstrou que não há conceito ou entendimento único para o tema, pois existem muitas variáveis que influenciam e alteram a sua forma e conteúdo. Dentre tantas possíveis variáveis, nesta pesquisa destacaram-se quatro: o tempo, a conjuntura, a finalidade e as características subjetivas de cada instituição de ensino superior.

No que se refere ao tempo, evidenciou-se que a internacionalização da Educação Superior é um fenômeno tão antigo quanto a própria Educação Superior. Não somente, evidenciou-se também que a internacionalização possuía um

determinado posicionamento em cada período da história. No século XXI, que é o contexto histórico deste estudo, a internacionalização da Educação Superior sofre influência vigorosa da globalização. Desse modo, a internacionalização da Educação Superior passou a ser uma resposta a esse fenômeno.

Posteriormente, a conjuntura emerge como uma segunda variável importante e que deve ser considerada ao tratar do tema. Em outras palavras, se faz necessário entender panoramas internacionais e nacionais que influenciam a internacionalização. No âmbito internacional, destacam-se algumas atividades das Organizações Internacionais, em especial da OCDE, BM e UNESCO. Essas instituições tratam do tema, cada qual com sua visão, posicionamento e interesse. Mas entendê-las e refletir sobre seus aspectos positivos e negativos, contribuições e possíveis fragilidades, é fator-chave para construir um conhecimento mais aprofundado acerca da internacionalização. No mesmo sentido, deve-se também se aprofundar no modo como a internacionalização é tratada em âmbito nacional. Especificamente no Brasil, aprofundar-se nos papéis e nas atividades dos Ministérios da Educação, Ministérios da Ciência e Tecnologia e Ministério de Relações Exteriores apresentou um panorama das bases legais e dos programas que foram fomentados nesse contexto. Contudo, cabe ressaltar que para o desenho do produto aqui proposto, optou-se por uma visão mais neutra acerca da globalização e de suas implicações no âmbito doméstico brasileiro. Ressalta-se que de acordo com Miura (2009), apoiada em Knight (2004), entender a globalização apenas como um fluxo é entender a globalização a partir de seu viés não ideológico.

Em terceiro lugar, a finalidade da internacionalização da Educação Superior emerge como variável de destaque. Pensar sobre a finalidade da internacionalização da Educação Superior é pensar também sobre o tempo e a conjuntura em que esse fenômeno se encontra. Em outras palavras, foi possível verificar que o conceito de internacionalização depende dos acontecimentos, desafios e oportunidades que o nosso contexto apresenta, seja por meio dos desafios que a sociedade global enfrenta, seja por meio de políticas públicas ou leis que afetam direta ou indiretamente o tema. Essa é uma variável especial e que, somente por meio de uma análise mais profunda sobre ela, é possível que as IES entendam o seu papel frente aos seus gestores, funcionários, professores, alunos e, conseqüentemente, a sua comunidade local. São muitos os autores que se debruçam para pesquisar e delimitar as finalidades para esse fenômeno, no entanto, a presente pesquisa encontrou

destaque no que se refere à formação de sujeito voltada para a cidadania global. Todos podem se beneficiar com uma formação voltada para a cidadania global, contudo a formação docente é acentuada no âmbito educacional, uma vez que é por meio dos docentes que esse tipo de formação pode ser replicado em escala. Justifica-se essa finalidade como sendo de destaque devido ao fato de que a sociedade, em uma visão mais genérica, já está conectada à rede, que por sua vez não possui fronteiras nacionais. Nesse cenário, cabe às instituições assumirem o seu papel de protagonistas frente a esse fenômeno e atuarem em prol da Educação.

Por fim, uma quarta variável que emerge faz referência às características subjetivas de cada instituição de ensino superior. Cada instituição possui sua própria história, sua própria missão, visão e valores. Não somente, possui seus pontos fortes e fracos no que se refere à estrutura, processos e recursos. Diante disso, cada IES deve observar o tempo, a conjuntura e a finalidade da internacionalização da Educação Superior, mas também examinar o que está ao seu alcance, quais são suas prioridades, seus obstáculos etc. Portanto, cabe a cada instituição planejar o processo de internacionalização ao seu modo, respeitando suas características, possibilidades e necessidades contextuais.

Assim, ao examinar as variáveis da delimitação do conceito de internacionalização da Educação Superior, postulados por diferentes teóricos e de diferentes países, nesta pesquisa foram encontrados alguns dados norteadores e que, concomitantemente, propuseram-se a atender essa amplitude de variáveis e possibilidades. Neste sentido, destaca-se a concepção de Knight (2003 apud Knight 2004, p. 11), acerca do tema, que afirma que a internacionalização da Educação Superior é o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, nas funções e na entrega de Educação Superior”.

Levando-se em consideração esse conceito de internacionalização da Educação Superior, se fez necessário também entender como esse fenômeno se transforma em processos dentro de uma instituição. Em outras palavras, a pesquisa bibliográfica possibilitou identificar diferentes formas como as instituições de ensino superior implementam, conduzem ou expandem seus processos de internacionalização, o que pode ocorrer por meio da utilização de modelos teóricos de internacionalização. Dentre tantos modelos disponíveis na literatura, o círculo de internacionalização de Knight (1994) recebeu destaque especial e serviu de base para a pesquisa empírica desta dissertação.

De modo geral, o objetivo de um modelo de internacionalização é conceder uma organização e uma dinâmica ao processo de implementação, condução e expansão da internacionalização. São importantes para que os dirigentes, funcionários, professores e alunos estejam em sintonia com a forma como a internacionalização é implementada na instituição.

Em virtude do que foi mencionado até então, o entendimento acerca do conceito e dos modelos de internacionalização foi mais bem esclarecido e esses resultados serviram de alicerces teóricos para compreender a internacionalização de forma mais aprofundada e crítica. Finalizada essa etapa, o **primeiro objetivo específico** proposto nesta pesquisa foi alcançado.

Posteriormente, as pesquisas bibliográfica e empírica foram concluídas. Os dados obtidos permitiram ao presente pesquisador entender a forma como a internacionalização vem sendo entendida e aplicada na prática e no contexto de uma IES privada, localizada na região sul do Brasil, o que foi possível a partir do exame de uma política interna elaborada pelo lócus de pesquisa e de dados coletados por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada aos sujeitos da pesquisa.

A soma dos dados obtidos por meio da pesquisa documental e da pesquisa empírica foram examinados à luz do referencial teórico, com destaque especial para o círculo de internacionalização de Knight (1994). A técnica empregada foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Um dos elementos-chave dessa técnica é a categorização, que nesta pesquisa foram estabelecidas *a priori*, a saber:

- Conceito: Internacionalização da Educação Superior;
- Conscientização: a importância e benefícios da internacionalização para estudantes, funcionários e professores;
- Planejamento: desenvolvimento de um plano ou estratégia abrangente;
- Operacionalização: implementação de diferentes aspectos de uma estratégia e criação de uma cultura de apoio;
- Riscos: ameaças à institucionalização da internacionalização da IES;
- Recompensas: o reconhecimento da participação de professores e funcionários;
- Recursos tecnológicos: a utilização de ferramentas tecnológicas em prol da Internacionalização.

Essas categorias foram criadas a partir de uma fusão entre o círculo de internacionalização de Knight (1994) e os demais dados teóricos obtidos nesta pesquisa, bem como foram formuladas para serem as Unidade de Contexto na análise de conteúdo. Outros elementos surgiram no decorrer das entrevistas, subjetivos do lócus e dos sujeitos da pesquisa e foram considerados na análise de conteúdo. Esses elementos formaram as Unidades de Significação da pesquisa.

Em vista dos argumentos apresentados pelos entrevistados, pode-se verificar, à luz da teoria explorada nesta pesquisa, que os lócus e os sujeitos da pesquisa entendem e praticam a internacionalização de forma particular e com pouca interferência da teoria acerca do tema. O mesmo se aplica ao documento pesquisado, que, além disso, está em total consonância com os relatos dos sujeitos da pesquisa. De antemão, pode-se inferir que essa sintonia entre os relatos dos sujeitos e a política interna é algo bastante positivo, já que demonstra que o lócus está preocupado e trabalhando na construção de um *ethos* institucional acerca da internacionalização da Educação Superior, uma vez que esse processo está em formação nessa IES. Esta pesquisa aponta para que o lócus de pesquisa possui um conceito e entendimento amplo da internacionalização da Educação Superior.

Contudo, também se observou que existe uma lacuna no que se refere ao processo de implementação da internacionalização de forma sistêmica. Neste sentido, a literatura apresenta alguns modelos de internacionalização que podem ser estudados e, porventura, virem a ser considerados pelo lócus. Como dito anteriormente, esses modelos podem auxiliar tornando o processo de internacionalização mais descomplicado para as mais variadas instituições de ensino superior. Esses modelos podem ser adaptados à realidade, razões, limitações e potencialidades das instituições, além disso, podem ser estudados e utilizados para que atualizações de políticas internas sejam aprimoradas.

Neste quesito, conclui-se que o estudo dos alicerces teóricos e práticos acerca da internacionalização da Educação Superior devem ser contínuos, independentemente da proficiência dessa ou de demais instituições frente à internacionalização. Novos conceitos e novas formas de internacionalizar-se devem ser monitoradas constantemente, atividade que garante a melhoria da qualidade do processo.

Em virtude do que foi observado, a análise da política interna sobre internacionalização e dos dados coletados pela entrevista serviram de alicerces

empíricos para compreender como a internacionalização é concebida e conduzida na IES pesquisada. Em decorrência disso, foi possível alcançar o **segundo objetivo específico** desta pesquisa.

Por ser uma dissertação como componente de um Mestrado Profissional, se faz necessário realizar uma pesquisa aplicada. Em outras palavras, “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVEIRA; CÓDOVA, 2009, p. 35). Em face disso, foi possível elaborar um modelo de internacionalização adaptado, cuja finalidade é suprir o lócus de pesquisa, ou até mesmo outras IES principiantes no assunto, com o desenho de um processo de internacionalização que delimita temas importantes e a dinâmica de condução desses temas. Esse modelo de internacionalização adaptado não objetiva ser uma ferramenta imposta, mas uma que possa ser estudada e, até mesmo, modificada para que os processos de internacionalização e os objetivos almejados sejam alcançados de modo mais sistemático.

Ao elaborar esse modelo e propô-lo para estudo do lócus de pesquisa, a presente pesquisa alcançou o seu **terceiro objetivo específico**.

Assim, conclui-se que a internacionalização da Educação Superior e seus temas correlatos devem ser postos para críticas e melhorias constantes, sobretudo devido à carência de publicações sobre esse assunto, o que pode significar que novos achados e novas conclusões podem surgir a todo momento.

Além disso, conclui-se também que a internacionalização pode ser um grande reator da formação docente, sobretudo por meio da promoção da cidadania global, mas que a necessidade de uma implementação de processos bem delineados antecede esse tema e implantada pode servir de subsídio para a formação docente para a cidadania global.

Para finalizar, se faz necessário frisar que a presente pesquisa apresenta limitações e que essas podem ser estudadas futuramente. A exemplo, pode-se salientar a necessidade de estudos mais profundos no que se refere aos panoramas políticos e legais, nacionais e internacionais. Não somente, uma investigação do *modus operandi* de outras instituições em relação à internacionalização podem ser úteis para o aprimoramento do conhecimento aqui construído. O campo de pesquisa da internacionalização da Educação Superior é muito amplo e transversal às várias áreas do saber, bem como é um tema ainda em expansão na academia.

REFERÊNCIAS

AKKARI, A. **Internacionalização das políticas educacionais**: transformações e desafios. Petrópolis: Vozes, 2011.

ALMEIDA, A. A. D. **A intersubjetividade na internacionalização do ensino superior**: perspectivas para um processo humanizador. 218 p. Tese de doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/331044/1/Almeida_Andre%20AlbinoDe_D.pdf. Acesso em: 08 fev. 2020.

ALTBACH, P. G. **Globalization and the University**: Myths and Realities in an Unequal World. *Tertiary Education and Management*, n. 1, 2015.

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, pp. 290-305, 2007.

ALTBACH, P. The dilemmas of ranking. **International Higher Education**, n. 42, p. 2-3, 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7878/7029>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2009.

AMAL, M.; BORGES, G. R. Internacionalização de Instituições de Ensino Superior: uma perspectiva sobre a mobilidade estudantil. In: PEREIRA, E. M.A.; HEINZLE, M. R. S. (Org.). **Internacionalização na Educação Superior**: políticas, integração e mobilidade acadêmica. Blumenau: Editora Furb, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS NETO, J. P. O perfil do profissional globalizado. In: KUAZAQUI, E. (Org.). **Internacionalização da educação**. São Paulo: Literare Books, v. 1, p. 183-218, 2018.

BASTOS, R. S. **A educação para a cidadania global da UNESCO e seus nexos com a formação de professores de educação física no Pará**. 2019. 279 p. Dissertação - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BITTAR, M.; ALMEIDA, C. E. M.; VELOSO, T. C. M. A. Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante trabalhador. **Educ. Quest.**, Natal, v. 33, n. 19, p. 279-304, set./dez. 2008.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução às teorias e métodos. Porto: Porto Editora, 2010.

BORGES, N J.; VERDU, F. C.; RADEL, W. H.; IGARASHI, D. C. C.; SEGATE, F. M. A internacionalização da educação superior no Brasil: uma revisão sistemática. II **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação**, p. 1-18, 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CARVALHO, C. H. A. de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 761-776, 2013.

CASTELLS, M. **A necessidade de representação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jan. 2002, Mais! P. 13-13.

CASTELLS, M. A sociedade em rede do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs). **A sociedade em rede do Conhecimento à ação política**. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.

CATANI, A.; OLIVEIRA, J. A reestruturação da educação superior no debate internacional: a padronização das políticas de diversificação e diferenciação. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 13, n. 2, p. 29–52, 2000.

CHAVES, L. H. A. **Globalização e ideologia**: uma análise sobre a dimensão ideológica do processo de globalização. 2006. 274 p. Tese – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife: UFPE, 2006.

CLEMENTE, F.; MOROSINI, M. Competências Interculturais: interlocuções conceituais e uma proposta de releitura para a Educação Superior. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo: USP, 2019.

COELHO, C. P. V. **Referencial estratégico para a internacionalização do campus Florianópolis continente do Instituto Federal de Santa Catarina**. 2016. 209f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CUNHA, M. I. et al. Internacionalização da educação e a mobilidade estudantil: o Programa Ciências sem Fronteiras em questão. In: CUNHA, M. I. da (Ed.). **Internacionalização e democratização**: uma tensão na qualidade de educação superior? São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 33–57.

CUNHA, M. I. **Internacionalização e democratização**: uma tensão na qualidade da educação superior? São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 59-76.

CUNHA, M. I. Qualidade da educação superior e a tensão entre democratização e internacionalização na universidade brasileira. In: CUNHA, M. I. (Ed.). **Internacionalização e Democratização**: uma tensão na qualidade da educação superior? São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 17–32.

DE WIT, H. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Westport, CT: Greenwood Press, 2002.

DE WIT, H. **Strategies for Internationalization of Higher Education: a comparative study of Australia, Europe and the United States of America**. Amsterdam: European Association of International Education. 1997.

DOĞAN, C.; ARSLAN, Ü. Political Globalization and Foreign Direct Investment Inflows in Turkey. **International Journal of Business and Social Research**, vol. 6, n. 5, 2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/304657253_Political_Globalization_and_Foreign_Direct_Investment_Inflows_in_Turkey/link/5776212b08aeb9427e27554c/download. Acesso em: 10 fev. 2020.

DONATO, S. P. **Elementos de profissionalidade docente: representações sociais de estudantes de Pedagogia**. 2017. 217f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/img.php?arquivo=/000060/00006041.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

EVANGELISTA, E. G. S. **A UNESCO e o mundo da cultura**. [s.l.] UNICAMP, 2000.

FAORO, D. T. O.; DAL-SOTO, F.; FERREIRA, A. P. A. L. Processos de internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES): O caso da Universidade de Caxias do Sul (UCS). **Estudo & Debate (Online)**, v. 22, p. 220-233, 2015.

FELDFEBER, M.. Internacionalização da educação, “Tratados de Livre Comércio” e políticas educativas na América Latina. In: FERREIRA, E. B.; OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Crise da Escola e Políticas Educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FLEURY, T.L.; WERLANG, S.R.C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. **GV Pesquisa – Anuário de Pesquisa 2016-2017**, São Paulo, n. 5, p. 10-15, 2016.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

GASICI, D. **Internacionalização do Ensino Superior em Portugal através dos programas Europeus de Mobilidade**. 2016. 99f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade na Europa) Lisboa: 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GREEN, M. F. Measuring and assessing internationalization. NAFSA: **Association of International Educators**, n.1, p. 1-26, 2012. Disponível em http://obiretesalc.udg.mx/sites/default/files/publicaciones/14._measuring_and_assessing_internationalization.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

GRIBOSKI, C. **Na ABMES, especialistas abordam o processo de internacionalização do ensino superior**. 2015. Disponível em: <https://abmes.org.br/abmes-internacional/noticias/detalhe/1372/na-abmes-especialistas-abordam-o-processo-de-internacionalizacao-do-ensino-superior>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GRUMAN, M. A UNESCO e as políticas culturais no Brasil. **Políticas Culturais em Revista**, v. 1, n. 2, p. 174–186, 2008.

HERZ, M.; HOFFMANN, A. R. **Organizações Internacionais: história e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

HOREY, D.; FORTUNE, T.; NICOLACOPOULOS, T.; KASHIMA, E.; MATHISEN, B. Global Citizenship and Higher Education: A Scoping Review of the Empirical Evidence. **Journal of Studies in International Education**. Melbourne, p. 1-21, 2018.

JACKSON, R.; SØRENSEN, G. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar: 2018.

KNIGHT J. **Higher Education in Turmoil**. The Changing World of Internationalization. Rotterdam: Sense Publisher, 2018.

KNIGHT, J. An internationalization model: responding to new realities and challenges. In: DE WIT, H. et al. (Ed.). **Higher education in Latin America: the international dimension**. Washington, D.C.: The World Bank, 2005.

KNIGHT, J. Internationalization de l'enseignement supérieur. In: KNIGHT, Jane; WITT, H. de. **Qualite et Internationalization de l'Enseignement Supérieur**, OCDE, 1999. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264173361-en.pdf?expires=1584357670&id=id&acname=guest&checksum=106A2EDD26A7103CA0AD4FD5F246B19>. Acesso em: 20 mai. 2017.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, 2004.

KNIGHT, J. **Internationalization: elements and checkpoints**. Ottawa, Canada: Canadian Bureau for International Education, 1994.

KNIGHT, J. Internationalization: Key concepts and Elements. In: EUROPEAN UNIVERSITY ASSOCIATION. **Internationalization of European Higher Education**. Berlin: Raabe, 2010.

KNIGHT, J. Internationalization: management strategies and issues. **International Education Magazine**, v. 9, 1993.

KNIGHT, J. The changing landscape of higher education internationalization: for better or worse? **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education**, Manchester, v. 17, n. 3, p. 84-90, Feb. 2013.

KNIGHT, J. **Trade in higher education services**: the implications of GATS. London: Observatory on Borderless Higher Education, 2002.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, Chestnut Hill, v. 33, n. 3, p. 2-3, 2003.

KNIGHT, J. Where next for EAP? **World Journal of English Language**, v. 4, n.2, p.1-6. 2014. Disponível em: <http://www.sciedu.ca/journal/index.php/wjel/rt/captureCite/4297/2810>. Acesso em: 15 fev. 2020.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. Internationalization of higher education: a conceptual framework. In: KNIGHT, J.; DE WIT, H. (Ed.). **Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: European Association for International Education, 1997.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. Strategies for Internationalization of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives. In: DE WIT, H. **Strategies for internationalization of Higher Education**: a comparative study of Australia, Europe and the United States of America. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE) in cooperation with the Program on Institutional Management in Higher Education (IMHE) of the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) and the Association of International Education Administrators (AIEA), p. 5-32, 2007.

LANKSHEAR, C. KNOBEL, M. **Pesquisa Pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

LAUS, S. P. **Internacionalização da educação superior**: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina. 2012. 332f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. DE A. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 72, p. 575–598, set. 2011.

LISBOA, T. C. Internacionalização da educação. In: KUAZAQUI, E. (Org.). **Internacionalização da educação**. 1ed. São Paulo: Literare Books, 2018, v. 1, p. 303-330.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; MEDIEL, O. G. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 317-340, 2016.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi estruturada. In: MARQUEZINE, M. C., ALMEIDA, M. A., OMOTE, S. (Org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: UEL, 2003.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCOVITCH, J. **Cooperação Internacional**: Estratégia e Gestão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 13.

MAUÉS, O. C.; BASTOS, R. S. As políticas de educação superior na esteira dos organismos internacionais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 699-717, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/68570/39680>. Acesso em: 18 jan. 2017.

MAYOR, T.; SAMA, T. **UNESCO**: an ideal in action; the continuing relevance of a visionary text. Paris: UNESCO, 1997, p. 89-101.

MEDEIROS, J. B.; TOMASI, C. **Português Forense**: Língua portuguesa para curso de direito. Contém técnicas de elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC). 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MIKULEC, E. Internationalization and teacher education: what dispositions do teachers need for global engagement? **Education in a Changing Society**, vol 1, 2014. Disponível em: <http://journals.ku.lt/index.php/educs/article/view/657/787>. Acesso em: 18 jan. 2020.

MIRANDA, J. A. A.; FOSSATTI, P. Gestão da Internacionalização da Educação Superior: desafios para o desenvolvimento do estudante global. **Revista de Educação da PUC Campinas**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 273-289, mai./ago. 2018.

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo**: um estudo em três áreas de conhecimento. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 9 nov. 2006.

MIURA, I. K. O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, v. 33, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EnAnpad, 2009.

MORAES, A. F. de. **As tecnologias de informação e comunicação e o processo de globalização**. ARCA Fiocruz, 2002.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da Educação Superior: conceitos e práticas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107- 124, 2006.

MOROSINI, M. C. Qualidade da educação universitária: isomorfismo, diversidade e equidade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 5, n. 9, p. 89-102, 2001.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G D.. Teses e realidades no contexto da internacionalização da Educação Superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 57, p. 97-120, jan./mar. 2018.

MOROSINI, M. C.; NASCIMENTO, L. M. Internacionalização da Educação Superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. **Educação em Revista**, Minas Gerais, n. 1, p. 1-27, 2017.

OLIVEIRA, L. M. DA C. F.; CASTRO, A. M. D. A. Internacionalização Da Educação Superior: A Mobilidade Estudantil Na Pós-Graduação Brasileira. Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação. **Anais**. Recife: ANPAE, 2013. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/LarissaMariaDaCostaFernandesOliveira-ComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

OLIVEIRA, P. S. **Internacionalização da educação superior**: um estudo de caso em instituições públicas de ensino superior do estado da Bahia. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015.

PEREIRA, E. M. A.; HEINZLE, M. R. S. (Org.). **Internacionalização na Educação Superior**: políticas, integração e mobilidade acadêmica. Blumenau: Editora Furb, 2015.

PINTO, M. M.; LARRECHEA, E. M. Internacionalização da educação superior: uma análise das tendências de mobilidade dos estudantes entre países do norte e do sul global. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 23, n. 3, p. 718–735, dez. 2018.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A quarta missão da Universidade**: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. 238 p. ISBN 9788523010423.

SEITENFUS, R. **Manual das Organizações Internacionais**. 3ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

SEITENFUS, R. **Relações internacionais** / Ricardo Seitenfus. – 2. ed. – Barueri, SP: Manole, 2013.

SILVA, D. H. Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e risco. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Rio de Janeiro, v. 50, n.1, p. 5-28, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Jose/Desktop/Mestrado%20PPGENT/01%20Dissertação/Silva_2007_Artigo_Português.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUZA, E. P. **Mapeando os caminhos da internacionalização de instituições de ensino superior no Brasil**. 2008, 233 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

STALLIVIERI, L. et al. Internacionalização do Ensino Superior: O projeto sigma e a gestão da mobilidade acadêmica. **XIX Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201838/102_00175.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 18 jan. 2020.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

STALLIVIERI, L. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

STALLIVIERI, L. **Internacionalização na Educação Superior**. Políticas, Integração e Mobilidade Acadêmica: Blumenau, 2015.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira**: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Brasília, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais**, 2007.

TAVARES, M. **Internacionalização da educação superior**: estratégias e ações da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco (UTFPR), 2016.

TREVISOL, M. G.; FÁVERO, A. A. As Diversas Faces da Internacionalização: Análise Comparativa Entre Duas Instituições Comunitárias do Sul do Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, p. 1–22, 2019.

UNESCO. **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. (Org.). Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012, p. 110-126. cap.3. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000218964>. Acesso em: 15 fev. 2020.

VILLELA, J. A. Internacionalização do Ensino Superior: Um estudo de caso na Universidade de Brasília – UnB. **XVIII Colóquio Internacional de Gestión Universitaria**: Gestión de la Gobernanza y la Estrategia orientadas al Desarrollo Sustentable. UTPL, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190480/101_00010.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 jan. 2020.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman Editora, 2015.

ZANCHET, B. M. B. A.; SELBACH, P. T. S.; COSTA, V. B.; VIGHI, C. S.; DELAIA, M. M.; STIVANIN, N.; PINTO, M. G.; BOÉSSIO, C. P. D.; MACHADO, S. S. Internacionalização do ensino superior: um desafio para as universidades. In: Cunha, M. I. **Internacionalização e democratização**: uma tensão na qualidade da educação superior? São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 59-76.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

1 Conceito | Como você entende a internacionalização da educação superior? Ou seja, como você poderia definir/conceituar a internacionalização da educação superior?

2 Análise de Contexto | Em sua opinião, quais fatores internos e externos influenciam a implementação do processo de internacionalização em sua IES? Por exemplo, há políticas internas e externas que promovam a internacionalização da educação superior no seu contexto?

3 Consciência | Quais são os propósitos, os benefícios e os obstáculos que você imagina existir para a implementação da internacionalização em sua IES?

4 Planejamento | Quais são as necessidades para que a sua IES realize um planejamento de internacionalização? Além disso, quais são os recursos disponíveis, os objetivos, as prioridades e as estratégias para que a IES realize um planejamento de internacionalização?

5 Operacionalização | De que modo a sua IES pode se internacionalizar? Isto é, quais podem ser as atividades acadêmicas e serviços ofertados de internacionalização? Além disso, essas atividades acadêmicas poderiam ou são norteadas por algum princípio, como, por exemplo, o fomento à interculturalidade ou a qualificação de mão de obra?

6 Abordagem | Como a internacionalização está sendo implementada pela sua IES? Isto é, a internacionalização está pautada em atividades ou em um processo constituinte da própria IES?

7 Riscos | Em sua opinião, quais são os riscos inerentes à internacionalização acadêmica na sua IES?

8 Revisão | Como você imaginaria um modo de avaliar e melhorar a qualidade e o impacto da internacionalização em sua IES?

9 Reforço | Como as ações de internacionalização poderiam ou são reforçadas/estimuladas em sua IES? Por exemplo, tipos de reconhecimentos e recompensas àqueles sujeitos que aderem às ações de internacionalização na IES.

10 Efeito de integração | Como você vê que a internacionalização pode impactar, tanto positiva quanto negativamente, em sua IES?

11 Razões (Políticas, Acadêmicas, Econômicas e Culturais) | Como você justifica o desenvolvimento e a implementação do processo de internacionalização na IES? Isto é, quais são as razões políticas, acadêmicas, econômicas e culturais que justificam a implementação do processo de internacionalização para a sua IES?

12 Tecnologias | A sua IES tem produzido ou utilizado recursos tecnológicos para implementar a internacionalização? Isto é, a sua desenvolve ou dispõe de recursos tecnológicos a serviço da internacionalização? Caso sim, em que medida isso contribui ou poderia contribuir para o processo de internacionalização de sua IES?